

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA

JOSINEIDE RIBEIRO DA SILVA

EDUCAÇÃO ESTÉTICO-AMBIENTAL: A LITERATURA DE CORDEL COMO  
PRÁTICA DOCENTE NO CURSO PROCORDEL

RIO GRANDE – RS

2020

Josineide Ribeiro da Silva

Educação Estético – Ambiental: A Literatura de Cordel como Prática  
Docente no Curso PROCORDEL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Linha de Pesquisa: Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>Luciana Netto Dolci

RIO GRANDE

2020

### Ficha Catalográfica

S586e Silva, Josineide Ribeiro da.

Educação Estético-Ambiental: a literatura de cordel como prática docente no curso PROCORDEL / Josineide Ribeiro da Silva. – 2020.

136 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2020.

Orientadora: Dra. Luciana Netto Dolci.

1. Educação Estético-Ambiental
2. Literatura de Cordel
3. Prática Docente
4. Formação de Professores I. Netto Dolci, Luciana II. Título.

CDU 504:37

**Josineide Ribeiro da Silva**

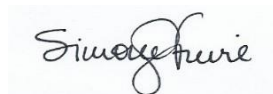
*“Educação Estético-Ambiental: A Literatura de Cordel como prática docente.”*

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



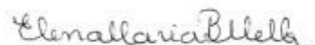
---

Prof.ª. Dr.ª. Luciana Netto Dolci (PPGEA/FURG)



---

Prof.ª. Dr.ª. Simone Grohs Freire  
(PPGEA/FURG)



---

Prof.ª. Dr.ª. Elena M.ª Billig Mello (UNIPAMPA)

## AGRADECIMENTOS

Qual é o meu destino? Quem eu sou? De onde eu venho? Para onde eu vou? Foram esses questionamentos que me fizeram trilhar um caminho diferente do que eu, outrora, havia planejado. Chamo-me Josineide, sou nordestina e, por incrível que pareça, meu destino é ser professora. Venho de uma terra onde há um monte de gente batalhadora e sonhadora, e, no meio de toda essa gente, encontrei uma menininha que me fez refletir acerca de tudo o que eu era, de onde eu vinha, para onde eu iria, e mais, aonde eu poderia chegar.

Chegando ao Sul, encontrei outra menina que também contribuiu para que eu me tornasse quem sou. Uma menininha gaúcha, que possui no olhar a perspicácia e esperteza de gente grande. E, essas meninas especiais auxiliaram em minha trajetória como ser humano, deixando marcas que carregarei em meu coração e alma por toda a minha existência.

Meu agradecimento especial é para a Luciana, a menina sertaneja que nos dias de hoje imagino ser uma moça de 18 anos, mais ou menos; e a Lara, a menina esperta que tinha no olhar a curiosidade fantasiada de inocência.

A minha maior satisfação como ser humano é pensar a todo momento nas pessoas que me auxiliaram e seguraram a minha mão, direta ou indiretamente, para que tivesse forças para seguir adiante, percorrendo esse longo caminho dessa minha jornada em busca de conhecer, experienciar, vivenciar sempre no diálogo com o outro. Não esqueço, nem esqueceria de ninguém, jamais.

Gratidão à mainha, Maria José, que lutou e luta até hoje por uma educação de qualidade em nossa família, ensinando-me a ler e escrever através dos cordéis antes mesmo de eu poder ir à escola.

Gratidão à voinha, Luzia (*in memorian*), por me mostrar a magia das histórias narradas em Cordel, despertando em mim o desejo de escrever as minhas próprias.

Gratidão a painho, José Bento, por todo o seu amor em me mostrar o universo da música e dos instrumentos musicais.

Gratidão a voinho, Maroto (*in memorian*), que com o seu entoar de canções aboiadoras, fazia-me prestar atenção e querer aprender o seu ofício de artesão em couro.

Gratidão ao meu marido, Fabiano, por sua compreensão, paciência, parceria e boa vontade em me ajudar em exatamente tudo, sonhando junto comigo, para que hoje pudéssemos, enfim, tornar esse sonho real.

Gratidão ao PIBID, por me apresentar o chão da escola e me presentear com uma pessoa muito especial em minha vida, Silbia Halal, que com toda boa vontade e amorosidade me ensinou a ser professora.

Gratidão aos meus professores, todos eles, por seus ensinamentos, por compartilharem comigo conhecimentos tão essenciais e vitais para que eu me tornasse o que sou hoje, professora.

Gratidão aos meus amigos, a todos eles, sem exceção, mas em especial às minhas amigas Raquel e Angela, por me acalmarem em tempos de tempestade e segurar o leme de meu barco, não permitindo que eu mesma o naufragasse.

Agradeço a todos os participantes da formação de professores acerca do Cordel, por colaborarem tão prontamente e tão gentilmente em todas as etapas desta pesquisa.

Meu eterno e carinhoso agradecimento a Luciana Netto Dolci, minha orientadora, que me enxergou de uma maneira especial, e que me instigou a todo instante nessa procura incessante por ser mais. Lu, obrigada por tudo!

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa ao qual pertenço, o NUPEATRO, pelas discussões pertinentes, agregando em minha vida conhecimentos múltiplos, como ser humano e docente.

Gratidão aos membros da banca de qualificação, Professora Doutora Elena Maria Billig e Professor Doutor Vilmar Alves Pereira, pelas considerações tão pertinentes que agregaram e muito ao presente trabalho. Muito obrigada!

Gratidão à Professora Doutora Simone Freire que, apesar de não ter participado na qualificação deste trabalho, colaborou mesmo assim, ao fazer considerações e agregadoras. A você, professora Simone, muito obrigada!

Agradeço mais uma vez à Professora Doutora Elena Maria Billig, pelas considerações presentes desde a qualificação até a fase final, a defesa. Gratidão!

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos em todo o período de mestrado, permitindo a realização de um sonho. Gratidão!

## RESUMO

O presente trabalho está de acordo com a linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) – EAEFE, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, e tem como objetivo geral compreender se a Literatura de Cordel, em uma perspectiva da Educação Estético-Ambiental, pode auxiliar nas práticas pedagógicas dos professores, como uma linguagem possível para uma educação transformadora. Busco defender a seguinte tese: de que maneira a Literatura de Cordel pode vir a ser uma linguagem que auxilie na prática docente dos professores na perspectiva da Educação Estético-Ambiental, tendo como objetivos específicos: Apresentar a Literatura de Cordel para os(as) professores(as) e futuros(as) pedagogos(as), por meio de oficinas, abordando a teoria e a prática; Empregar a Literatura de Cordel como uma possibilidade para debater temas relacionados à Educação Estético-Ambiental; Identificar se os professores se sentem à vontade para trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em suas salas de aula; Analisar e refletir a Educação Estético-Ambiental nas práticas docentes, potencializadas pela Literatura de Cordel, com o intuito de averiguar a importância da formação de professores proposta pelo Curso de Extensão PROCORDEL. Os sujeitos desta pesquisa foram sete, entre professores(as) da rede básica de educação e futuros(as) pedagogos(as), salientando que, apesar de todos os sujeitos manifestarem interesse em trabalhar com o Cordel em sala de aula, para esta pesquisa, apenas três dos participantes foram analisados na segunda fase da pesquisa, pois foram os mesmos que tiveram a oportunidade de trabalhar com o gênero literário em sua prática docente. Esta pesquisa é qualitativa, numa perspectiva crítica transformadora. É uma pesquisa de intervenção pedagógica. O método de coleta de dados possuiu um conjunto de instrumentos composto por abordagem teórico-metodológica acerca da Literatura de Cordel e do Estético-Ambiental, em oficina, portfólio e entrevista. Na primeira fase, foi abordada a teoria sobre Cordel e a Educação Estético-Ambiental e foram realizadas oficinas acerca da Literatura de Cordel, em que cada participante narrava no portfólio as impressões que teve após cada etapa da formação. A segunda diz respeito às entrevistas com os três participantes que aplicaram os conhecimentos adquiridos na formação em Cordel em sua prática docente. Na análise de conteúdo dos dados, baseada em Bardin (2000) e Franco (2007), emergiram duas categorias de análise. A primeira categoria que surgiu foi: As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula; e a segunda foi: Educação Estético-Ambiental: por uma pedagogia de Cordel. Os resultados evidenciam que todo conhecimento que foi oportunizado aos participantes, por meio da formação de Cordel transformou-se em experiência, fazendo com que cada participante, através do trabalho coletivo, da sensibilização acerca das histórias narradas nos cordéis, do diálogo quando eles discutiam os pontos da construção do Cordel coletivo, na realização da xilogravura, na construção dos folhetos de Cordel e do Sarau, agregassem saberes diversos em suas maneiras de ser e existir no mundo, como seres humanos e como profissionais. As experiências com o Cordel na prática docente oportunizaram mudanças significativas no fazer docente de cada um dos participantes, na sua relação educador e educando, nas suas relações consigo, com o outro, com o meio, com o mundo.

Palavras-chave: Educação Estético-Ambiental. Literatura de Cordel. Prática Docente. Formação de Professores.

## ABSTRACT

The present work is in line with the Environmental Education research line: Teaching and Training of Educators - EAEFE, from the Postgraduate Program in Environmental Education – PPGA and its general objective is to understand if Cordel Literature in an Aesthetic-Environmental Education perspective can assist in the pedagogical practices of teachers, as a possible language for a transformative education. I seek to defend the following thesis: how Cordel Literature can become a language that helps in the teaching practice of teachers from the perspective of Aesthetic-Environmental Education. The subjects of this research were seven, among teachers of the basic education network and future pedagogues, emphasizing that, although all subjects express interest in working with Cordel in the classroom, for this research, only three of the participants were analyzed in the second phase of the research, as they were the ones who had the opportunity to work with the literary genre in their teaching practice. This research is qualitative in a critical transforming perspective. It is a research of pedagogical intervention. The data collection method had a set of instruments composed of a theoretical-methodological approach about Cordel and Aesthetic-Environmental Literature, in workshops, portfolio and interviews. In the first phase, the theory about Cordel and Aesthetic-Environmental Education was addressed and the workshops on Cordel Literature were held, in which each participant narrated in the portfolios the impressions they had after each stage of training. The second concerns the interviews with the three participants who applied the knowledge acquired in training in Cordel in their teaching practice. In the analysis of data content, based on Bardin (2000) and Franco (2007), two categories of analysis emerged. The first category that emerged was: The possibilities of working with Cordel and Aesthetic-Environmental Literature in the classroom and the second was: Aesthetic-Environmental Education: for a Cordel pedagogy. The results show that all the knowledge that was provided to the participants through Cordel training became an experience, making each participant, through collective work, raising awareness about the stories told in the cordels, of the dialogue when they discussed the points of the construction of the collective Cordel, in the realization of the woodcut, in the construction of the Cordel and Sarau leaflets, aggregating diverse knowledge in their ways of being and existing in the world, as human beings and as professionals. The experiences with Cordel in teaching practice led to significant changes in the teaching of each of the participants, in their relationship as an educator and as an educator in their relationship with themselves, with the other, with the environment, with the world.

Keywords: Aesthetic-Environmental Education. Literature of twine. Teaching Practice. Teacher training



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ARTIGOS ENCONTRADOS NA BASE DE PERIÓDICOS DA CAPES, RELACIONANDO LITERATURA DE CORDEL COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL OU EDUCAÇÃO ESTÉTICO-AMBIENTAL.....	43
QUADRO 2 - PERIÓDICOS PESQUISADOS, COM IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO DE PUBLICAÇÃO.....	43
QUADRO 3 - TESES E DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS POR DESCRITOR PESQUISADO.....	44

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (1º ENCONTRO).....	51
FIGURA 2 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (1º ENCONTRO).....	52
FIGURA 3 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (1º ENCONTRO).....	52
FIGURA 4 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (1º ENCONTRO).....	53
FIGURA 5 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (1º ENCONTRO).....	53
FIGURA 6 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	54
FIGURA 7 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	54
FIGURA 8 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	55
FIGURA 9 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	55
FIGURA 10 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	56
FIGURA 11 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO)....	56
FIGURA 12 – MATERIAL DE APOIO UTILIZADO NO CURSO (2º ENCONTRO).....	57
FIGURA 13 – PROCESSO DE PRODUÇÃO DE LIVRETO.....	58
FIGURA 14 – PRODUÇÃO DE XILOGRAVURA.....	59

## **Minha história em cordel**

No primeiro de fevereiro  
Ela nascia na Bahia  
Chegou fazendo barulho  
Trazendo muita alegria  
Bem vinda ao mundo  
Filha de José e Maria.

Aprendeu a ler com sua mãe  
Nas rimas que no cordel lia  
Pedia pra ir à escola  
Cada dia que amanhecia  
Sonhava adentrar os portões  
Que sonhara outro dia.

Passado certo tempo  
A idade certa chegou  
A emoção foi tamanha  
Quando sua mãe a levou  
Na escola de gente grande  
Pensou ela, o sonho começou.

Sua caminhada foi feita  
De idas e vindas no estudo  
Estudara enfermagem  
Não pensava noutro curso  
Até conhecer a menina  
Que mudou o seu futuro.

O sonho daquela menina  
Muito a perturbou  
Até que por um milagre  
Todo o destino mudou

E o sonho de ser enfermeira  
Por aquela criança deixou.

Resolveu ser professora  
Como o sonho da criança  
Imagina seu rosto  
O mesmo de sua lembrança  
Vivendo no sertão  
Cheia de perseverança.

E aquela moça baiana  
Não esqueceu seu passado  
Deixou seu sonho pra trás  
Sem ser pra ela um fardo  
Era esse seu destino  
Estava resguardado.

E o destino foi longe  
Quando de casa a levou  
Saindo do Nordeste  
O Sul a amparou  
Levando sua cultura  
Disseminando-a com amor.

Cursou Pedagogia  
Tornou-se professora  
E antes de se formar  
Teve proposta promissora  
Fazer mestrado na FURG  
Tornando-se difusora.

Difundindo sua cultura  
Teve grande surpresa  
As pessoas aceitaram

Viram certa beleza  
Em cada cordel declamado  
Por tamanha singeleza.

No mestrado ousou  
Ministrou formação  
As pessoas aceitaram  
Participaram com atenção  
Ela falando de Cordel  
Todos numa convenção.

O que ela quis sucedeu  
A sua pesquisa foi feita  
Obteve certo êxito  
Que a deixou satisfeita  
Finalizando seu estudo  
De maneira perfeita.

Agora espera o tempo  
Passar como um galope  
Erradicar o vírus maldito  
Que nos deixou a própria sorte  
Tornando tudo melhor  
Nos tornando mais fortes.

E quando tudo passar  
Vamos enfim esquecer  
O que aconteceu  
Trabalhar e reerguer  
Tudo o que desmoronou  
Que fez o mundo perecer.

O Sol nascerá de novo  
E o horizonte iluminar

As pessoas vão viver  
Se abraçar e se beijar  
Deixar tudo para traz  
Deus vai abençoar.

O cordel a fez professora  
Não era desatino  
Foi amor desde criança  
Tão puro e cristalino  
Brilhando sua estrela  
Selando seu destino.

Hoje ela é mestre  
Tem orgulho do estudo  
A caminhada foi longa  
Árdua sobretudo  
Conseguiu ser alguém  
O cordel foi seu escudo.

Ela é grata a todos  
Que abriram seu caminho  
Não esquece de ninguém  
Terão sempre seu carinho  
Precisando dela  
Jamais estará sozinho.

E aqui termino esse verso  
Lembrando do percorrido  
E aquela menina baiana  
Cumpru seu destino  
De ser professora  
Sua promessa cumprindo.

*Josineide Ribeiro da Silva*

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1 Educação Ambiental .....	26
2.2 Educação Estética.....	29
2.3 Educação Estético-Ambiental.....	32
2.4 Literatura de Cordel.....	35
2.5 Formação de professores.....	39
3 ESTADO DA ARTE.....	42
3.1 Resultados obtidos nas pesquisas .....	44
4 O CURSO PROCORDEL .....	49
4.1 Metodologia empregada.....	49
5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS .....	60
5.1 Analisando os dados obtidos na pesquisa .....	68
5.1.1 As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético- ..	68
5.1.2 Educação Estético-Ambiental: por uma Pedagogia de Cordel .....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	104
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICES.....	116
APÊNDICE A – Cordéis para a oficina .....	117
APÊNDICE B – Plano de ação PROCORDEL.....	121
APÊNDICE C – Ficha de identificação .....	122
APÊNDICE D – Termo de Consentimento.....	123
ANEXOS .....	125
ANEXO A – Livro sobre a história do Cordel .....	126
ANEXO B – Plano de ação elaborado pelas cursistas.....	129
ANEXO C – Cordel Coletivo .....	132
ANEXO D – Imagens da oficina de xilogravura na EJA.....	134

## 1 INTRODUÇÃO

Por um longo período de tempo, tudo o que aprendi desde criança com meus pais e avós sobre Literatura de Cordel e minha cultura como um todo ficou adormecido. Com mainha, aprendi a ler e a escrever por meio do Cordel; com painho, aprendi a cantar e tocar flauta doce; com voinha, aprendi a mergulhar nas histórias de Cordel que ela contava, a ser apaixonada por elas, ao ponto de escrever as minhas próprias histórias como poeta e cordelista, e a me tornar também escritora; com voinho, artesão, que trabalhava com o couro, na confecção de chapéus, celas para cavalos, bainhas para faca e facão, cintos e outros apetrechos variados para o sertanejo se proteger dos espinhos da caatinga, quando o mesmo se embrenhava nela a procura de um boi fujão, aprendi como “curtir” e amaciar o couro, como costurá-lo. Depois de todo esse tempo ter se passado, eis que mudei do Nordeste para o Sul em busca de sonhos. Ingressei na faculdade, e foi ao cursar Pedagogia que tive uma grande surpresa, quando ao trabalhar em uma das escolas municipais, por intermédio do PIBID<sup>1</sup>, projeto em que fui bolsista CAPES durante toda a minha graduação, uma aluna de apenas 7 anos de idade me questionou sobre minha maneira de falar e ficou curiosa para saber de onde eu tinha vindo. Surgiu a minha primeira oportunidade em trabalhar no que me constituía, o meu Nordeste e toda a sua cultura. Esse trabalho, que teve duração de dois anos, resultou em meu TCC, que se estende até a presente pesquisa e que pretendo levar adiante.

Trabalhar com o gênero literário Cordel, aqui no Sul, foi uma surpresa realmente, pois, após esse período da faculdade e ao ingressar no mestrado, tive algumas oportunidades de mostrar o meu trabalho, disseminando minha arte para algumas escolas municipais e estaduais e, até mesmo, em algumas licenciaturas pela faculdade. Pelo interesse ter sido significativo, minha orientadora e eu tivemos a ideia de preparar um curso de extensão para professores da rede básica de educação e alunos da graduação, o PROCORDEL<sup>2</sup>, com o intuito de promover uma formação acerca da Literatura de Cordel e do Estético-Ambiental e pesquisar sobre como ambos poderiam corroborar para uma educação baseada nas linguagens e nos sentidos humanos, porque a nossa concepção de mundo nos diz que o ensino-aprendizagem

---

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

<sup>2</sup> O curso de Extensão denominado A Literatura de Cordel: uma prática docente na perspectiva Estético-Ambiental.



através dessa junção pode ser mais significativa, pois somos seres aprendentes, imersos num mundo repleto de sensações, percepções e sentimentos múltiplos; e que uma educação baseada nessas perspectivas pode tornar a maneira de enxergar a si, ao outro e ao mundo mais ampla, mais significativa.

Diante disso, acredito que, se pararmos para refletir, constataremos que, desde que somos concebidos, estamos constantemente sendo rodeados pelo senso estético. Na barriga da mãe, ouvimos os sons internos e externos, e ao nascermos ouvimos nosso próprio choro, anunciando a nossa chegada num mundo feito de sons, cores, aromas e sabores, inundado por sensações, percepções, emoções, sentidos e vibrações; e a tudo isso, damos o nome de Educação Estética: a educação dos sentidos e das sensações. A Educação Ambiental atribuída à Educação Estética aproxima-nos do outro, do meio em que vivemos e da Natureza, como partes intrínsecas de um todo, de uma maneira globalizada. Desde sempre estamos aprendendo de uma forma Estético-Ambiental. Eu, na Bahia, quando criança, por exemplo, tive como primeiros professores a minha mãe, a minha avó, o meu pai e meu avô, que, por meio da Literatura de Cordel e da imersão da cultura em que fui criada, encantavam-me por meio da música, da arte, das histórias rimadas, cantadas com entoadas de cantos aboiadores<sup>3</sup> sertanejos, que narravam “causos” do cotidiano nordestino, como as vaquejadas; a vida de Lampião e Maria Bonita; os Reis e seus cantos de Anunciação do nascimento de Cristo; os Vaqueiros valentes derrubadores de boi; a temida seca que assola o sertão; das moças que se debruçavam na janela à espera do “vaqueiro” encantado e outras tantas histórias de que me recordo com tamanha nostalgia e alegria.

Neste sentido, atribuo a educação estética à Literatura de Cordel como prática docente, por ter tido com a arte uma relação íntima e contínua desde muito pequena. As lembranças me levam à sala de minha casa, lá no interior da Bahia, onde minha avó, embora não sendo professora e tendo estudado apenas até a quarta série, hoje quinto ano do Ensino Fundamental, ensinou-me a ler e a escrever através dos cordéis; de vovó, sentada em sua cadeira de balanço antiga, narrando as histórias de sua infância, com rimas que ela mesma fazia e que, mesmo analfabeta, contava esses causos com uma beleza, veracidade e ternura que me hipnotizavam; de paiinho

---

<sup>3</sup> Consiste num canto sem letra de música em que os vaqueiros entoam para levar o gado para dentro dos currais ou para pastar em busca d'água.

tocando na área de nossa casa e me ensinando a cantar e a tocar flauta doce; e de voinho, artesão em couro, no alpendre de casa, trabalhando com o couro enquanto eu espiava, a fim de aprender tudo sobre sua arte. Foram essas experiências e vivências que deixaram em mim marcas que contribuíram para me tornar o que hoje sou, uma amante da poesia nordestina e da arte em si, que foi apresentada por meus primeiros professores e por que me apaixonei. Desse modo é que tenho como prática docente, sempre, a Literatura de Cordel, carregando comigo curiosidades sobre os causos que voinha contava, em que eu imaginava cada cena, cada personagem e dava vida a eles através de minha imaginação fértil de criança, de uma forma Estético-Ambiental. Isso é o que visio neste trabalho, visto que meus sentidos foram impulsionados através das artes variadas, tão intrínsecas em mim desde muito cedo e que hoje me permite trabalhar levando a Literatura de Cordel e a minha cultura nordestina para as salas de aula, através das minhas práticas.

São essas lembranças, experiências e vivências, tão importantes para mim, que permitem que eu siga acreditando em meu trabalho e pensando esse gênero literário como algo bem significativo, que pode auxiliar na prática docente. Tudo começa com o professor, em sua sala de aula, na escola, pois é através de sua prática pode haver a transformação de cada aluno em um cidadão crítico, sensível, consciente de si, do outro, do meio em que vive, da sociedade e da natureza.

Vivemos tempos difíceis, pelo fato de termos uma enorme dificuldade em mantermos as crianças atentas e interessadas em permanecer nas salas de aula; o professor é cada vez mais desafiado a propor aulas dinâmicas, capazes de fazer com que seus alunos sintam prazer em estar em sala de aula, que queiram permanecer na escola por livre e espontânea vontade, e cabe ao professor transformar, através do conhecimento, a sua comunidade, a sua vida, enfim, a sociedade onde vive. Diante desta realidade posta, é fundamental pensar que a escola tem um papel importante na conscientização da sociedade, utilizando a Educação Estético-Ambiental através das práticas docentes realizadas em sala de aula.

Ao pensar numa forma de aproximar a sociedade escolar como um todo dessa realidade tão problemática que envolve política, ensino e questões ambientais, em que a mesma afeta a todos nós, é que vi na Literatura de Cordel uma possibilidade de

problematizar todas essas questões de maneira interdisciplinar<sup>4</sup>, envolvendo tanto as escolas públicas quanto as privadas.

Acredito que a Educação Estético-Ambiental possui as contribuições possíveis para começar a mobilização consciente da sociedade em geral sobre o “todo”, pois a arte nos permite transpor barreiras, porque a mesma consiste na realização da práxis, que, segundo Freire (2005), é ação-reflexão-ação. Pensando na arte, o professor, de forma lúdica, conseguirá suscitar nos educandos uma conscientização socioambiental, resultando com isso na transformação, manutenção e conservação desse “todo” de maneira fundamentável, e esse processo começa nas escolas, por meio das práticas docentes.

A Literatura de Cordel é uma poesia popular impressa em folhetos, que tem sua ilustração em forma de xilogravura, que significa gravura em madeira e é uma antiga técnica, de origem chinesa, em que o artesão utiliza um pedaço de madeira para entalhar um desenho, deixando em relevo a parte em que pretende fazer a reprodução. Em seguida, utiliza tinta para pintar a parte em relevo do desenho<sup>5</sup>. O Cordel surgiu quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que, pela tradição, eram feitos oralmente pelos trovadores. A tradição desse tipo de publicação vem da Europa e chegou ao Brasil por volta do século XV, trazida pelos portugueses, sendo difundida no século XVIII em várias regiões do Nordeste, e hoje é encontrada em outros Estados brasileiros, por sua rica tradição cultural.

Esse gênero literário vem se tornando uma linguagem bastante usada quando se trata de educação, por conter em sua composição rimas que tratam dos mais variados assuntos, como podemos ver no livro “Cordéis que Educam e Transformam”, de Senna (2012), em que este autor aborda os mais variados assuntos vividos cotidianamente, seja ele político, social e também socioambiental. E foi pensando

---

<sup>4</sup> A interdisciplinaridade, nesse sentido e enquanto pressuposto da Educação Ambiental, não é um princípio epistemológico para legitimar determinados saberes e relações de poder hierarquizantes entre ciências, nem um método único para articulação de objetos de conhecimentos, capaz de produzir uma “metaciência”. É uma prática intersubjetiva que associa conhecimentos científicos e não científicos e relaciona o racional com o intuitivo, o cognitivo com o sensorial, buscando a construção de objetos de conhecimentos que se abram para novas concepções e compreensões do mundo (natural estrito senso e histórico) e para a constituição do sujeito integral. (LOUREIRO, 2012a, p. 85)

<sup>5</sup> Para Matos (2007, p. 161), “as imagens gravadas sobre a madeira podem se inserir no texto com grande liberdade de composição [...], o xilogravador escreve na madeira, dando vazão as suas fantasias que são aí corporificadas, absorvendo a transcendência imagética um reino de alegorias, enunciadoras dos temas desenvolvidos”.

nessa rima tão poética e em como os Cordéis falam desses tipos de problemas, entre outros, que surgiu a inquietação de descobrir como o Cordel poderia corroborar com o enfoque da Educação Estético-Ambiental, através das práticas pedagógicas, numa forma de abordar as problemáticas socioambientais existentes provocadas pela ação humana.

E onde começariam essas ações? Nas escolas, através das práticas docentes, com uma abordagem a partir dos conteúdos programáticos, que, segundo Freire (2005), consiste em dialogar entre educador-educando, buscando, através de temas geradores e na práxis, organizar uma metodologia que contribua para a criança desenvolver seu raciocínio e conhecimento, nesse caso, voltando-se para o meio ambiente e sua importância para a sensibilidade humana, para as relações sociais, educacionais e políticas. Além disso, é importante trabalhar algumas práticas educativas, principalmente na área Estético-Ambiental, pois as mesmas contribuem de maneira mais lúdica e leve, deixando em evidência a situação real que vem assolando a sociedade, como um todo, e a Natureza, justamente por concentrar essas práticas através das sensações, percepções, emoções e sensibilidades.

A Literatura de Cordel como prática docente, numa perspectiva da Educação Estético-Ambiental, pode vir a estimular os sentidos, transformando o sujeito a partir de suas práticas voltadas para a emancipação do mesmo. Assim, essa prática pode ser uma possibilidade de despertar o senso crítico a partir de suas rimas; e, dessa maneira, construir nesse sujeito a noção de cidadania. Por isso, considero importante a prática docente conscientizadora, transformadora, provocadora, crítica e humanizadora. Todo esse processo se dará por meio da práxis, que consiste em ação-reflexão-ação, usando a ação potencializada através da Literatura de Cordel, como as oficinas de construção de Cordel e de folhetos de Cordel, xilogravura, sarau, e oficinas que abordem também uma educação para o estético.

Vale destacar que entendo por emancipação o ato de libertação do ser, em que o mesmo deixa de ser “coisa” para ser social e histórico, aquele que escreve sua própria história, que, segundo Freire (2005), dá-se por meio de uma educação humanizadora, conscientizadora e dialógica, a partir da práxis em sala de aula.

O professor passará a executar as oficinas dentro da sala de aula e, a partir dessas oficinas, refletirá a respeito desta prática, e, ao refletir sobre a sua prática, poderá ter novas práticas, possibilitando um novo aprendizado e uma nova construção

de conhecimento. Dessa maneira, faz-se necessário que o docente oportunize em sua sala de aula um ambiente possível de criação que desperte o interesse e permita a aprendizagem dos educandos, pensando nos mesmos como seres de possibilidades, vendo neles seres humanos capazes de revolucionar, despertando neles uma criticidade capaz de emancipá-los, que é o que tanto nos diz Freire (2005) em suas falas.

Cada ser humano é dotado de especificidades e potenciais, e cabe ao professor estar atento, para que possa despertar nesse educando as suas potencialidades, fazendo com que o mesmo acredite que existem possibilidades que podem transformar a sua realidade e, dessa maneira, transformar também a comunidade onde vive.

A fim de pensar de que maneira a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental, juntas, poderiam auxiliar o professor, sendo uma linguagem capaz de provocar no mesmo a sua emancipação humana, ocasionando com isso a transformação de sua maneira de ser e de ver o mundo a sua volta, de pensar a sua realidade e, por meio da sua práxis, ter a capacidade de emancipar-se, elenquei o tema **“Educação Estético-Ambiental: A Literatura de Cordel como prática docente”** para este estudo. Desse modo, o presente estudo visou contribuir com o debate sobre a Literatura de Cordel e as suas perspectivas em relação à Educação Estético-Ambiental, a qual pode potencializar, através deste gênero, uma linguagem possível, que possa vir a contribuir para a formação da cidadania nas escolas, justificando, dessa maneira, sua importância social, na medida em que percebemos a necessidade de se constituir uma educação que, em sua totalidade, oportunize a emancipação dos sujeitos, nesse caso, num primeiro momento, a dos professores, para que, através de suas práticas, num movimento de ação-reflexão-ação, possam levar essa possibilidade para as suas salas de aula, para os seus alunos.

Cabe salientar que entendo por formação humana aquela que Freire (2005) nos fala que acontece por meio de uma educação dialógica, crítica, em que o ser humano amplia a sua visão de mundo, descobrindo o seu lugar no mesmo; e passa a agir de maneira que possa transformar a sua realidade.

A relevância desse estudo consistiu em investigar se, através desse gênero literário, o Cordel, obteríamos um importante meio de ensino e de aprendizagem para os alunos, por meio das práticas de seus professores, com a possibilidade de versar

sobre o tema aqui abordado, a Educação Estético-Ambiental. E, depois de realizada o Estado da Arte, pude verificar que o presente trabalho se torna pertinente à medida que a escola precisa investir na formação dos professores, preparando-os para serem autônomos, com capacidade crítica de atuação nas escolas, auxiliando na transformação da sociedade como um todo.

Entendo por sujeitos autônomos, segundo Freire (2005), aqueles dotados de uma ética, de uma curiosidade e imaginação, que buscam incansavelmente pelo conhecimento, estando conscientes de si, do mundo e da realidade que os cercam. Neste sentido, trago a minha questão de pesquisa: **de que maneira a Literatura de Cordel desenvolvida no Curso de Extensão – PROCORDEL – potencializa as práticas docentes dos professores na perspectiva da Educação Estético-Ambiental?**

É pensar de que maneira a Literatura de Cordel, na perspectiva da Educação Estético-Ambiental, pode vir a ser uma linguagem que auxilie na prática docente dos professores. Dessa maneira, traço como objetivo geral compreender se a Literatura de Cordel, em uma perspectiva da Educação Estético-Ambiental, pode auxiliar nas práticas pedagógicas dos professores, como uma linguagem possível para uma educação transformadora; e, como específicos: 1) Apresentar a Literatura de Cordel para os(as) professores(as) e futuros pedagogos, por meio de oficinas, abordando a teoria e a prática; 2) Empregar a Literatura de Cordel como uma possibilidade para debater temas relacionados à Educação Estético-Ambiental; 3) Identificar se os professores se sentem à vontade para trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em suas salas de aula; 4) Analisar e refletir a Educação Estético-Ambiental nas práticas docentes potencializadas pela Literatura de Cordel, com o intuito de averiguar a importância da formação de professores proposta pelo Curso de Extensão PROCORDEL.

Efetuada a introdução, apresento, a seguir, a estrutura da dissertação, organizada em capítulos. O segundo capítulo refere-se à fundamentação teórica em que consolidei esta pesquisa e está dividido em sessões que comportam áreas do conhecimento: Educação Ambiental; Educação Estética; Educação Estético-Ambiental; Literatura de Cordel e Formação de professores.

No que se refere à Educação Ambiental, trago os seguintes autores: Guimarães (1995); Loureiro (2012a; 2012b; 2014 e 2019); Pereira (2016a; 2016b) e

Araújo (2004). Eles tratam de uma Educação Ambiental crítica, como um meio de transformação individual e coletiva. Além disso, discutem sobre aspectos ambientais, éticos, políticos, históricos e sociais.

Em se tratando da Educação Estética, elenco os autores Duarte Jr (2006) e Estévez (2009). Para eles, a educação estética é uma ampliação dos sentidos humanos, uma educação que oferece meios para a formação e emancipação humana.

No campo da Educação Estético-Ambiental, recorro a Dolci e Molon (2015; 2018). Para elas, a Educação Estético-Ambiental atua na essência do ser humano, tornando-o capaz de perceber a si, o outro e o meio, num movimento dialético e pertencente, por meio de suas vivências e experiências, para que possam agir na sociedade e, então, transformá-la.

Já em Literatura de Cordel, baseio-me nos autores Alves et al (2011); Haurélio (2010; 2013); Holanda (2011); Matos (2007); Monteiro (2008) e Senna (2012). Para eles, a Literatura de Cordel é uma potente linguagem, capaz de contribuir para uma educação voltada para a realidade, à medida que se amplia a visão de mundo dos educandos e dos educadores.

Na Formação de professores, eu trago Pimenta (2008; 2012) e Tardif (2014). Para esses autores, a formação de professores é essencial para que o profissional da educação possa aprender mais sobre seu ofício, tendo subsídios para enfrentar toda e qualquer circunstância que possa vir a existir em sua sala de aula.

No terceiro capítulo, apresento o curso PROCORDEL, que é a minha metodologia de pesquisa. Um curso de extensão criado para a coleta de dados, intitulado: A Literatura de Cordel: uma prática docente na perspectiva Estético-Ambiental, que consistiu na discussão sobre conceitos acerca da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, utilizando artigos científicos e oficinas. Esse curso teve como participantes professores da rede básica de educação e futuros pedagogos, em que os mesmos participaram ativamente de cada abordagem. Posteriormente, descrevo as fases do curso detalhadamente, atentando para como se deu a realização de cada etapa.

No quarto capítulo, discorro sobre a pesquisa qualitativa, a qual é caracterizada como intervenção pedagógica e é exploratória, no que diz respeito aos objetivos. Apresento como foi feita a coleta de dados, realizada a partir de entrevistas e de escritas no portfólio de cada participante a cada encontro. Em seguida, abordo a

análise de dados, baseada na análise de conteúdo de Bardin (2002) e Franco (2007), o surgimento das categorias e o caminho percorrido. Nesse capítulo, respondo ao meu problema de pesquisa e concluo meus objetivos, tanto geral como específicos. Este capítulo vem subsidiado pelos autores Larrosa (2002); Silva e Dolci (2020), Silva; Dolci e Rezende (2019); Loureiro (2012a; 2012b; 2019); Duarte Jr, (2006) Pimenta e Lima (2012) e Freire (1999; 2005; 2011; 2018); Vygotsky (1999); Guimarães (1995); Dolci e Molon (2015; 2018); Senna (2012) e Pereira(2016a).

No último capítulo, apresento as considerações finais, em que está exposta uma síntese dos resultados e as perspectivas para o campo da Educação Ambiental, da Educação Estético-Ambiental e da Literatura de Cordel.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresento, neste tópico, fundamentos que vão subsidiar o processo de pesquisa acima citado, ocupando-me de aportes teóricos amparados pela Educação Estética, Educação Ambiental, Educação Estético-Ambiental, Literatura de Cordel e Formação de Professores.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa visa trabalhar a Literatura de Cordel nas escolas pela ótica da Educação Estético-Ambiental, subsidiada como um elemento a partir do qual o professor possa organizar sua prática docente de uma maneira interdisciplinar. E, pensado nessa educação Estético-Ambiental, o professor poderá instigar as crianças a desenvolver e/ou aperfeiçoar o senso crítico, de forma lúdica, trabalhando ao mesmo tempo com as sensações e o senso crítico, sem a necessidade do livro didático, que em determinados momentos pode ser engessado, resumido e reduzido, quando se trata de consciência Estético-Ambiental. Dessa forma,

faz-se colossal a tarefa de impulsionar a educação estética nos espaços adversos que produz o neoliberalismo, já que se trata, de fato, de um esforço por harmonizar o homem com o seu entorno: com o "outro" e com a natureza e, como contrapartida, da harmonização do homem como sua consciência, com o seu corpo e com a sua conduta, em um meio hostil. (ESTÉVEZ, 2009, p. 55).

Assim, o professor precisa acreditar que sua prática pode dar suporte para o despertar do senso crítico do educando, que passará a perceber-se no mundo. Para que isso aconteça, é preciso que existam intenções que os instiguem a querer mergulhar nas várias possibilidades que o gênero literário atrelado ao estético, que é a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental, pode proporcionar. A partir das descobertas advindas deste mergulho, o educando vai ser instigado a explorar, problematizar, questionar e vivenciar o Cordel, para que, dessa forma, compreenda a sua realidade e se torne assim um ser capaz de criticidade. Deste modo,

A escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima mas também contextuais, o que serve de

ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país. (MONTEIRO, 2008, p. 106).

A Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental, portanto, passam a conversar de tal maneira entre si que forma uma base entre a teoria e a prática, emergindo dessa junção uma relação de complemento e fusão, tornando o ensino mais lúdico, com um aprendizado baseado nos sentidos, na capacidade de imaginação, na arte de criar a partir de vários contextos, fazendo emergir, então, os autores de suas próprias histórias, nesse caso, os professores, que através de suas práticas vão se transformando como seres humanos que são.

## **2.1 Educação Ambiental**

Houve um tempo, na Pré-História, em que a natureza reinava soberana, pura, livre, intocável; tempo em que o indivíduo respeitava o meio ambiente e tinha a consciência de que ele e a Natureza eram um só, e que um precisava do outro para continuar existindo e juntos manterem o equilíbrio. E, nessa época, havia harmonia, pois o ser humano retirava do meio ambiente só o necessário para a sua sobrevivência; e isso tudo aconteceu quando o capital ainda não o havia contaminado. Está nítido que a relação entre o indivíduo e a Natureza não existe nos dias de hoje, tornando o ser humano explorador a tal ponto de agir irracionalmente, ou melhor, de uma maneira egoísta, visando só o presente, sem ao menos fazer uma reflexão crítica sobre o seu “lar”, o mesmo lugar onde ele habita e está destruindo. É preciso a consciência de todos sobre o fato de que o planeta está no seu limite e nos pede socorro, desesperadamente, e é desse socorro imediato que depende a nossa sobrevivência. Dessa maneira,

Com o passar do tempo a humanidade vai afirmando uma consciência individual. Paralelamente, cada vez mais vai deixando de se sentir integrada com o todo e assumindo a noção de parte da natureza. Nas sociedades atuais e ser humano afasta-se da natureza. A individualização chegou ao extremo do individualismo. O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmônica sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais. (GUIMARÃES, 1995, p. 12).

Na atual conjuntura, em que o ser humano, no auge de seu egoísmo, não consegue enxergar o que está acontecendo. É preciso pensar numa maneira de

“estancar” essa sangria que nos assola a cada dia, em que o mundo está mergulhado numa desordem sem precedentes, numa tensão que nos sufoca, nos aprisiona, nos amedronta, nos encurrala. Isso não quer dizer que a Educação Ambiental vai ser a salvadora de tudo, ou que de uma hora para outra vamos encontrar uma fórmula mágica que nos devolverá aquele planeta sadio, vigoroso, imaculado, aquele de séculos e séculos atrás, quando o indivíduo ainda não tinha descoberto o capital, sido enfeitado por ele, manipulado e o tornado “o monstro de um ilusório poder”. Acerca disso, Guimarães (1995) nos diz:

Com a evolução da humanidade, os seres humanos vieram isolando-se em sua relação com a natureza; dominou-se o meio ambiente colocando-o a serviço do homem. Uma postura desarmônica que desencadeou nos dias de hoje o desequilíbrio ambiental em nível planetário; vide efeito estufa, destruição da camada de ozônio, contaminação das águas oceânicas, continentais e atmosféricas entre muitos outros problemas que não se restringem mais apenas a uma localidade. (GUIMARÃES, 1995, p. 33).

Sendo assim, o que precisa ser feito já se sabe: é necessário trabalhar a maneira de conscientização, e isso começa nas escolas, por meio das práticas sociais e pedagógicas, explorando com mais intensidade o senso crítico nas crianças, fazendo uma abordagem mais ampla sobre a Educação Ambiental nesses espaços escolares, saindo um pouco do conservacionismo, do preservacionismo, da sustentabilidade. Esses aspectos devem ser tomados como importantes no trabalho docente, mas sozinhos não bastam para criar uma consciência ambiental acerca do que estamos vivendo e precisando nesse momento tão crucial. A escola é a maior instituição formadora de consciências e o professor é o principal agente de transformação social, então, acredito que, por meio da educação, existe a possibilidade de conscientizar a sociedade. Dessa maneira,

A Educação Ambiental promove a conscientização e esta se dá na relação entre o “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida. (LOUREIRO, 2012a, p. 34).

Portanto é indispensável que haja um diálogo permanente e claro sobre como tudo isso começou, dialogar sobre o capitalismo, sobre o consumismo, sobre as problemáticas existentes em nosso planeta, sobre como nós fazemos parte dessa roda gigante, que gira incansavelmente, engolindo-nos a cada passo que damos, para cada canto que olhamos; e o mais essencial, dialogar sobre qual é o nosso papel

nesse quadro tão urgente, que é a degradação que “todos nós” causamos, os problemas socioambientais e socioeconômicos que foram surgindo ao longo desse processo de apropriação indevida da natureza e de seus recursos naturais. É preciso compreender que:

os seres humanos superaram, e muito, os seus limites biológicos de intervenção no meio, atingindo duramente a capacidade suporte do ambiente. Isso deu-se principalmente a partir da Revolução Industrial, em que o ser humano conquista tecnologia cada vez mais poderosa. Tecnologia que traz intrinsecamente em sua concepção valores antropocêntricos, consumistas, fragmentados e por consequência destrutivos ambientalmente, em que a qualidade e a quantidade da intervenção dos seres humanos sobre a natureza por meio dessa tecnologia assumiram parâmetros atuais, com grandes e nefastos impactos ambientais. (GUIMARÃES, 1995, p. 33).

Dessa forma, existe uma necessidade de o ser humano voltar a enxergar-se, sendo a própria natureza, alimentando uma conexão que sempre existiu. Ainda é válido sonhar com o dia em que o ser humano saberá vislumbrar um arco-íris e apreciar a sua beleza, perceber que cada pingote de chuva que cai sobre a terra serve para fertilizar uma semente e germinar mais uma árvore, a qual nos oferece o fruto, o ar que respiramos purificado. Entenderá que a importância que os mares têm para a população existente no planeta, para os humanos e os animais que nele habitam é imensurável, e talvez ainda dê tempo de recomeçar. Isso só será possível mediante uma educação que seja capaz de transformar a realidade posta, de acabar com a alienação da sociedade sobre os problemas políticos, econômicos e sociais, que estão presentes no planeta que habitamos. Assim,

Meu sonho particular é que a EA<sup>6</sup> possa contribuir para que essa ecologia que vislumbramos chegue às escolas, por compreender que a escola é ainda um local privilegiado de formação socioambiental. [...] O desafio maior da EA consiste nessa profunda inversão axiológica ampliando ainda mais os horizontes educativos e alargando o sentido e a busca pela compreensão da condição humana no universo: compreensão cósmica. Ela fundamentalmente pode contribuir para a efetivação de um novo acordo natureza-homem, para que, quem sabe, possamos salvar a vida no planeta. (PEREIRA, 2016a, p. 20).

Para Pereira (2016a), portanto, é preciso que haja uma Educação Ambiental possível que possa transformar a relação entre indivíduo e natureza, uma harmonização, um sentir-se novamente parte integrante desse todo que o cerca, para

---

<sup>6</sup> Sigla de Educação Ambiental

que, dessa maneira, possa resultar numa resolução para a salvação do planeta e dos humanos.

Desse modo, ao refletir sobre como estamos vivendo e nos comportando como seres humanos que somos, mais me convenço de que urge o momento de vivermos em harmonia. Primeiro com o nosso eu – encontrando-nos e nos conectando novamente com quem fomos um dia, "natural" –, e, depois, coletivamente – numa tentativa de resolver conjuntamente os problemas que assolam o planeta e a nossa convivência social –; e que, por meio dessa coletividade, possamos nos reconectar com a natureza, tornando-nos o que sempre fomos, uma parte desse todo magnífico que nos brinda todos os dias, em que temos a oportunidade de sermos gratos por todo esse esplendor, por toda a magia que existe nesse vasto Universo.

## **2.2 Educação Estética**

Ao pensar em uma educação completa baseada na construção do conhecimento por meio dos saberes apreendidos e, também, alicerçada na sensibilidade, na emoção, na percepção e na imaginação, a qual acredito estar presente na arte em geral, trago para integrar a fundamentação teórica, a Educação Estética, pois creio que, para tornar essa forma de educação que queremos viável, é preciso trabalhar aspectos que contribuam para a formação de uma consciência estética no ser humano, no despertar de um saber sensível, que, segundo Estévez (2009), compete a uma Educação Estética, quando ele diz que “é tarefa específica da educação estética estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca do valor estético e a formação do sentimento, do ideal e do gosto” (ESTÉVEZ, 2009, p. 11).

Está cada dia mais difícil pensar em sobrevivência nesse caos em que se encontra a humanidade. As pessoas se tornaram tão hostis que manter um diálogo se tornou um dos desejos mais profundos do ser humano. O que vemos é o desmantelar de toda uma Nação, em que os professores que prezam pela estética, se veem num “beco sem saída”, com medo de trabalhar em suas salas de aula, pelo simples fato de terem as suas práticas marginalizadas. O porquê disso tudo? Ora, o que faz a estética senão ensinar para os sentidos? Todos aqueles que se banham nessas águas tendem a enveredar pela criticidade, pelo imaginário, percebendo o

mundo a sua volta e se encontrando nele, encontrando a sua maneira de lutar em prol de uma sociedade justa e de um equilíbrio necessário e tão emergencial entre indivíduo-indivíduo, indivíduo-sociedade e indivíduo-natureza. Essa reflexão é importante, pois,

hoje a humanidade vive uma época crítica, talvez com mais dramaticidade que em nenhum outro momento histórico anterior. Isso se deve ao fato de que os pares dialéticos que sustentam a espiral do movimento social expressam com virulência sua essência contraditória - sejam estes “trabalho e capital”, “cultura e ignorância”, “natureza e sociedade”. O caráter cada vez mais unipolar do mundo não esfuma, pelo contrário, delinea os contornos dos opostos. (ESTÉVEZ, 2009, p. 19).

Segundo Estévez (2009), a arte é o principal meio para uma Educação Estética, e é por acreditar que a arte tem um enorme potencial para transformar a humanidade, de maneira que a mesma possa enxergar-se como parte intrínseca do todo, buscando através dos sentidos o seu lugar no mundo, é que busco através da Literatura de Cordel uma forma de transformação do ser humano e da sociedade em que vivemos, por meio das práticas pedagógicas regadas a partir do sensível, da percepção e da imaginação. A educação, mais uma vez, precisa assumir o seu papel fundamental nesse processo de “descoisificação”, para então acontecer a transformação dessa percepção através dessa estética de que falo. Nesse sentido,

Dentro dos meios da educação estética sobressai-se, por sua potencialidade educativa, a arte, a tal ponto que, muitas vezes, o objeto da educação estética se define em função do objeto da educação artística. Comumente se afirma que o ciclo estético primário (a educação musical, plástica e da dança) deve propiciar o desenvolvimento da capacidade de percepção estética na criança até o ponto de garantir o desenvolvimento de sua consciência estética. (ESTÉVEZ, 2009, p. 30).

Parece tão proposital o ser humano ser constituído por cinco sentidos apurados que lhe permite ser dotado de uma sensibilidade “nata”, natural como o nascer do sol ao romper o céu todas as manhãs, anunciando essa estética que nos enche os olhos e que falta ao ser humano nessa fase adulta, sendo esquecida num canto escondidinho do seu íntimo. Digo na fase adulta, pois ao nascermos somos mergulhados nesse mundo lindo, cheio de beleza, a qual nos torna sensíveis desde sempre, mas que aos poucos vamos perdendo, por essa não ser impulsionada, provocada, experienciada, vivenciada, ao contrário, os homens foram se tornando “deseducados e embrutecidos”, como nos leva a refletir Duarte Jr. (2001), quando diz:

Para tanto, a reflexão irá se desenvolver em torno do nosso corpo, mais especificamente, de seus cinco sentidos e de sua capacidade comunicativa. Assim é que as discussões estarão inicialmente pautadas pelas nossas corriqueiras atividades de morar, caminhar, conversar, comer, tocar, ver, cheirar e trabalhar, ações estas comuns a todos nós e cuja qualidade vem se deteriorando a olhos vistos. O que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros. (DUARTE JR, 2001, p. 18).

A importância de uma Educação Estética está em tornar a educação não só mais dialógica como mais cheia de encantos. Por meio da arte, nos libertamos de todos os nossos pré-conceitos, pois através dela aprendemos a apurar melhor o olhar, os sentidos. Temos o livre arbítrio para escolher o caminho que queremos, e dar a importância devida às coisas, à vida, de se desprender das amarras desse mundo tão marginalizado, corrompido por uma geração que visa o capital, uma geração que esqueceu qual é a sensação de admirar um voo solitário de uma ave, a importância das árvores, das nascentes de água doce e cristalina e dos animais ou mesmo de admirar a beleza de uma flor ao desabrochar no cair da noite. Uma geração que se esqueceu também de fazer uma breve reflexão do que seria do ser humano se não fosse a natureza que ele explora tão vorazmente em nome de uma acumulação desenfreada e sem sentido. A Educação Estética precisa voltar a fazer parte da educação do ser humano, pois é através dela que o mesmo se reconectará com a natureza, enxergando de maneira crítica a sua participação e o seu lugar no mundo, como parte essencial desse ambiente e como parte indissociável dele. Assim,

Quando está em pauta esse saber sensível encerrado pelo nosso corpo, essa estesia, que nos orienta ao longo da existência, inevitavelmente o fenômeno artístico deve vir à baila – não nos esqueçamos que estesia e estética originam-se da mesma palavra grega. Ou seja: é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. Situando-se a meio caminho entre a vida vivida e a abstração conceitual, as formas artísticas visam esse novo encontro carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais através de nossa sensibilidade do que via intelecto. A arte não estabelece verdades gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós. (DUARTE JR, 2001, p. 23).

Sendo assim, a Estética simboliza uma parte considerável para uma educação dos sentidos, os quais vão corroborar para que o ser humano e a natureza voltem a se conectar de uma maneira que se reconheçam como parte intrínseca de um mesmo movimento, de uma mesma integralidade, de uma mesma ligação em nome de um

recomeço, que é emergencial e se faz crucial para a crise socioambiental que enfrentamos nos dias atuais. Tal crise, suponho, ao discorrer do pouco tempo que nos resta, se não houver uma reviravolta, levará ao encontro da nossa própria extinção.

### 2.3 Educação Estético-Ambiental

A Educação Estético-Ambiental atua na essência do ser humano, tornando a sua capacidade de percepção de si e do meio em que se encontra aguçadas, num movimento dialético e pertencente, em que através de suas experiências e vivências, ele possa agir na sociedade de uma forma que possa transformá-la.

Assim, concordo com Dolci e Molon (2018, p. 81), que compreendem que “a Educação Estético-Ambiental se faz presente quando sentimos que estamos interligados aos sujeitos e as coisas, quando compreendemos que pertencemos ao lugar em que vivemos e buscamos ter atitudes ambientais”.

Para Dolci e Molon (2018), a Educação Estético-Ambiental é “o processo de desenvolvimento e emancipação das dimensões humanas por meio de experiências significadas em um contexto histórico e social, que propicia a práxis nas relações sociais, políticas e culturais”. Vale ressaltar que as dimensões humanas são: “a física, a afetiva, a social, a intelectual e a espiritual”. Para as autoras,

a dimensão física é o corpo como referência material de cada ser humano, para isso é preciso uma atitude responsável de cada um com a sua própria existência e sobrevivência; a dimensão afetiva diz respeito como cada um se relaciona com o outro e consigo mesmo, exercitando o diálogo e o respeito mútuo, contribuindo para o bem viver; a dimensão social refere-se ao vínculo estabelecido nas relações cotidianas que são fundamentais para a convivência e para busca da felicidade; a dimensão intelectual é o desenvolvimento dos saberes que envolvem o ser humano e a dimensão espiritual é a força intrassubjetiva que rege a vida do ser humano, fazendo com que tenha tomada de decisão nas diversas situações vividas. (DOLCI; MOLON, 2015, p. 75).

A Educação Estético-Ambiental, segundo Dolci e Molon (2018), é a educação dos sentidos<sup>7</sup> – segundo a neurociência, já existem muitos mais sentidos, porém, nesta pesquisa abordamos apenas os cinco principais – e significados<sup>8</sup> humanos, em que a mesma busca abordar questões sensíveis e ao mesmo tempo ambientais, procurando reestruturar a relação do ser humano com o meio ambiente através das

---

<sup>7</sup> Substantivo masculino plural. Conjunto das impressões externas captadas pelo organismo através dos órgãos sensoriais. [www.dicio.com.br/sentidos](http://www.dicio.com.br/sentidos).

<sup>8</sup> Significados é o plural de significado. O mesmo que: noções, sentidos, acepções, conceitos, definições, significações. [www.dicio.com.br/significados](http://www.dicio.com.br/significados).



sensações e percepções. Diante disso, penso que a arte, que está presente nessa educação, ingressa como um possível canalizador dessas capacidades, porque a arte é tudo que dá cor e movimento à vida. É algo que pode ser parte da constituição do ser humano, pois está em sua essência, e que de certa forma o direciona sempre para o sensível. Somente a arte tem o poder de tocar as pessoas, de fazê-las despertar a sensibilidade para si, para com o outro, para a Natureza e para o mundo, de uma forma a querer transformá-lo de forma horizontal e compartilhada, pois a arte é, antes de tudo, um compartilhar de vidas, de consciências, de experiências e de vivências a partir do sensível. Dito de outro modo:

aprofundando um pouco mais, temos uma relação sensível e afetiva com o ambiente, carregando esta postura para as demais relações com os outros seres, porque a base do ser humano está nas relações com o meio, com as pessoas, com a natureza, com o mundo, assim estamos falando da contribuição da Educação Estético-Ambiental para a educação, para a sociedade. (DOLCI; MOLON, 2018, p. 801).

É por pensar em uma educação capaz de tornar os seres mais críticos, envolvidos mais intimamente com o meio que o cerca, sentindo de fato que a natureza é uma parte indissociável de si, tornando-o sensível a ponto de sua consciência poder ser desenvolvida através dessa educação que preza pelos sentidos humanos, que é constituída através das percepções e visões de mundo, é que a Educação Estético-Ambiental faz parte de minha fundamentação teórica, por estar intrinsecamente presente em minhas práticas pedagógicas, por fazer parte de mim desde a minha infância. Acredito nessa educação como forma de “humanização” do ser humano, em que os mesmos, embebidos pelo sentimento de transformação de si mesmo, façam o melhor por seus alunos em suas salas de aula, tornando-a não só um ambiente repleto de conhecimento e amorosidade, mas também de emoções, experiências e vivências. Um lugar imerso na sensibilidade, que é de fato o que constitui um ser humano dotado de amor e de compreensão por tudo que o cerca, pelo todo, pelo universo.

Ao pensar em minha arte como forma de Educação Estético-Ambiental, que é a Literatura de Cordel, a mesma que aprendi com voinha, neta de escravos, analfabeta, que com suas histórias, cuja estética era desconhecida para ela, fez-me enxergar o mundo através dessas histórias de Cordel, que ela aprendeu ainda em sua meninice, nas feiras lá no Nordeste, onde ia com sua mãe. Essas histórias eram declamadas por trovadores e seus violões, às vezes desafinados, mas voinha

decorava tal qual as ouvia. Em minha meninice, aprendi com ela a mergulhar nesse mundo de “contos” e “causos” nordestinos, que me fascinavam, e é dessa forma que penso com satisfação sobre como me constituí ser humano e como docente que sou, de uma maneira Estético-Ambiental.

A Educação do futuro está nessa educação de que falo, pois a mesma tem um olhar mais aprofundado para a natureza, para o ser humano; que prioriza o ouvir, o ver, o falar, o sentir, o compreender, que é capaz de mergulhar nas profundezas do ser, extraindo dele toda a sua essência, que é nata, nasce com ele, mas que precisa ser aguçada a ponto de emergir ao ser instigada, provocada, despertada, que contribui para que o ser humano compreenda o atual movimento crítico em que estamos vivendo, compreendendo, enfim, o mundo a sua volta e as emergências advindas dessa compreensão. Essa educação de que falo só pode ser feita por uma educação que entenda que através da estética o ser humano deixará de ser “bruto”, para tornar-se, de fato, humano.

A Educação Estético-Ambiental precisa estar presente nas escolas e fora delas, nas formações de professores, nas rodas de conversa, presentes mesmo na informalidade, mas que de fato, possa ser compreendida e aceita pela sociedade em geral, de uma forma que dela possa surgir inquietações e questionamentos. É dessa maneira que, conforme Dolci e Molon (2018, p. 801), “buscamos entender o movimento que ocorre na relação sujeito-objeto, ou seja, compreender como o ser humano se relaciona com o mundo em que vive, com a natureza, com a vida, com os outros seres”.

Todo ser humano já nasce dotado de uma sensibilidade que é natural, próprio da natureza humana. Seria comum, por nascermos sensíveis, pararmos para admirar, agradecer e proteger uma nascente de rio, tão vital para nós. Nessa época vivenciada, o caos e a poluição sonora gerada pelo burburinho do ir e vir de passos apressados, abafa qualquer sentimento que possa ser aflorado. É difícil parar e desacelerar, vivendo num mundo imerso nessa rotina desenfreada. Somos engolidos pelas horas geradas pelo relógio da produção, como um engenho girando sem tempo e sem hora marcada para parar, sugando nossa alma, sem mesmo nos apercebermos disso, indo a algum lugar que nem sabemos onde fica. É urgente buscamos por algo que possa nos salvar, ao qual pode estar bem a nossa frente e ao nosso alcance.

A arte tem o poder de tocar profundamente as pessoas, isso é fato, e esse movimento se dá através das linguagens, como a música, a dança, o teatro, a poesia etc. É possível trabalhar todos os sentidos e sentimentos através da arte, é possível aprofundar conhecimentos acerca dessa educação Estético-Ambiental, que nos “desembrutece”, que nos torna mais sensíveis, críticos, problematizadores e, de uma maneira tão singular, tão leves; é possível através das linguagens, nesse caso a Literatura de Cordel, tornar o compartilhamento de conhecimento mais dinâmico e prazeroso, em que rimando possamos aprender e ao mesmo tempo ter a plena sensação de felicidade nas palavras que, em cada rima, diz-nos sempre alguma coisa, envia-nos uma mensagem, fazendo-nos pensar.

Ao refletir sobre essa conexão entre a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental de que falo, acredito que essa vinculação pode vir a fazer parte do repertório dos professores, em suas práticas docentes, em que os mesmos poderiam trabalhar a arte de uma maneira mais intensa, focando nos sentidos e nas sensações a partir da Literatura de Cordel, uma arte que é composta por poesias ricas em ritmo, rima, profundidade e que tem toda a beleza e leveza do sopro matinal e calmo do vento, que faz balançar as velas do barco a navegar, impulsionando vagarosamente seu curso, levando a embarcação em direção ao destino que melhor se aprouver: o futuro.

Essa é a educação que queremos, uma educação que seja capaz de mobilizar os homens na busca por um ideal que não seja só seu, mas que esteja presente em seu coração, de uma maneira coletiva, respeitando tanto o seu eu, quanto o outro e o mais importante, respeitando a Natureza e tudo o que dela emana, ou seja, a própria vida. Essa é a educação dos sentidos e das sensações humanas, essa é a Educação Estético-Ambiental.

## **2.4 Literatura de Cordel**

A Literatura de Cordel tem sido fonte de inspiração para vários acontecimentos culturais. Vemos o Cordel nas mídias, através das novelas, em livros infantis, em saraus, em feiras culturais, abordando os mais variados assuntos, tendo como base esse gênero tão peculiar e tão rico que é a Literatura de Cordel, sendo uma linguagem valiosa para se trabalhar esse tipo de gênero literário nas escolas (AURÉLIO, 2013).

A Literatura de Cordel teve sua voz ecoada nas feiras nordestinas, no momento em que eu era pequena e presenciava os trovadores a recitar seus versos, falando da situação política e social, local e nacional para aqueles que não sabiam ler e não tinham as mídias presentes em suas casas (devido à tamanha pobreza), para lhes levar informação. Era o Cordel que deixava o povo “ciente” dos acontecimentos, eram as rimas que diziam ao povo para abrir os olhos e não ser uma marionete nas mãos daqueles que ainda hoje nos oprimem tão vorazmente, os políticos. O Cordel era a liberdade para aqueles alienados, ou seja, desconectados de si, do outro e da sua condição de ser no mundo, por falta de uma educação que não tiveram, não por que não quisessem, mas por falta de oportunidade. Está aí também a importância do Cordel nas escolas, a fim de debater como esse gênero pode dar evidência às problemáticas ambientais, sociais, econômicas e políticas, por meio das rimas. Isto é,

A Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que se apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não a sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto. [...] A partir desse momento torna-se mais fácil que o aluno se perceba como um ser pensante e crítico, capaz de compreender não só a si mesmo como também ao outro e, conseqüentemente, tornar-se apto a intervir na realidade, a fim de mudá-la para melhor. (MONTEIRO, 2008, p. 108).

Dessa maneira, a Literatura de Cordel, numa perspectiva Estético-Ambiental, faz-se importante, sendo uma linguagem possível para a prática docente nessa busca do ser mais, e assim olhar mais profundamente para a Natureza; e numa tomada de consciência buscar significados que façam com que a sociedade consiga enxergar o meio em que se encontra como parte de si mesma, como de fato é. Sintetizando,

reforçamos junto ao leitor que Educação Ambiental crítica, transformadora, socioambiental e popular se refere, enquanto práxis social e processo de reflexão sobre a vida e a natureza, contribuindo com a transformação do modo como nos inserimos e existimos no mundo, a uma única categoria teórico-prática estruturante: educação. (LOUREIRO, 2012a, p. 40).

Pensando nesse processo permanente dos sujeitos, que consiste na ação e reflexão sobre as suas ações relacionadas com o meio em que vivem, cabe ao professor encontrar os caminhos para problematizar as situações existentes por meio do Estético-Ambiental, de maneira a conscientizar os educandos para que os mesmos, através de suas falas e dentro de seus lares, mediadas pelo mundo, possam

vir a transformar a realidade socioambiental que nos assola e nos leva ao encontro da desordem socioeconômica e à ameaça da nossa própria espécie.

Como dito, o Cordel chegou ao Brasil, por volta do século XV, trazido pelos Portugueses em suas caravelas, com o descobrimento. Nessa época, era conhecido como “folhas soltas” em vários países onde é popular, como Itália, Espanha e, claro, Portugal.

Em sua chegada ao Brasil, passado algum tempo, esse tipo de poesia foi se modificando, passando a ter características muito peculiares, tendo a “cara do nordestino que trabalha na roça”. Sua popularidade deu-se, primeiramente, no Nordeste, pelo fato de ser um “livreto” barato, de fácil memorização, em que continham versos rimados, com grande poder oral; e por ter essa característica tão rica presente em sua oralidade, com uma batida forte e ritmada, seu sucesso foi garantido nessa região. Isso se deu pelo alto índice de analfabetismo presente nesse estado brasileiro, e mesmo contendo em sua composição regras tão rígidas, a poesia de Cordel não deixou de ser amada por todo o Nordeste, tornando-se um meio de comunicação para aqueles que não tinham acesso aos meios da época, como, por exemplo, o rádio. E foi essa poesia também um forte aliado para combater o analfabetismo tão gritante no Nordeste daquela época, e, por incrível que pareça, vem resistindo até hoje na região, nas localidades mais remotas daquele lugar.

A Literatura de Cordel passou por um período sombrio, em que quase foi extinta, como está presente na fala de Haurélio (2010, p.11), quando diz: “A literatura de Cordel, em mais de cem anos de existência, conheceu cumes e abismos. As trombetas fúnebres anunciaram seu fim no início dos anos 1980”. Foi então que ressurgiu com toda força, beleza e ritmo, sendo difundida em escolas, circulando como fonte de pesquisas em faculdades e, finalmente, tornando-se fonte de inspiração para novelas e séries na televisão. João Grilo, um personagem muito conhecido da Literatura de Cordel, ganhou vida no filme “O Alto da Compadecida” (ARRAES, 2000), tornando-se assim um dos personagens mais emblemáticos das rimas do Cordel. E o que seria então a Literatura de Cordel senão uma maneira Estético-Ambiental de se trabalhar nas escolas? E mais, por que não despertar, através da Literatura de Cordel, uma Educação Ambiental sob todos os aspectos, indivíduo-indivíduo, indivíduo-natureza, como uma forma de transformação social,

que se dá de forma dialética? Para responder a essas questões, é importante pensar que

a escola ou a educação é um dos caminhos auxiliares das transformações históricas desde o surgimento dos homens, por isso ela está sempre favorecendo a emancipação humana ou em processo de libertação humana. Hoje, pela própria formação social capitalista, é possível ter consciência dos conflitos sociais com a ajuda da educação dialética. (PIMENTA, 2008, p. 80).

Todos os dias constatamos que estamos vivendo dias sombrios, em que as questões político-sociais estão em xeque, em que os direitos da sociedade estão sendo desvinculados e menosprezados, ao ponto de serem quase extintos. Nessa perspectiva marxista de uma emancipação humana, a mesma se dará por meio de transformações políticas das camadas populares, trabalhistas, o proletariado se dará conta de sua condição e modificará as estruturas da sociedade, numa organização sistemática, emancipando-se, enfim. Para Marx (2006, p. 37), a “emancipação política é a redução do ser humano, por um lado, a membro da sociedade civil, indivíduo independente e egoísta e, por outro, a cidadão, a pessoa moral”. De acordo com o pensamento de Marx,

Só será plena a emancipação humana quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um ser genérico; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças (forces propres) como forças sociais, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força política. (MARX, 2006, p. 37).

Na perspectiva de Freire (2005), que nos interessa sobremaneira nessa pesquisa, a emancipação humana acontece através das práticas pedagógicas, dentro das escolas, nas comunidades, em que o oprimido, nesse caso o educando, se conscientizará de sua condição e procurará por mudança. Essa mudança o transformará de fato, não em opressor, que é o desejo íntimo do oprimido, segundo Freire (2005), mas num sujeito capaz de superar a sua condição sócio-histórica; não de maneira solitária, mas ampla e coletivamente, tornando o ser capaz de se constituir em um ser humano pleno, para uma sociedade igualmente plena. E como esse processo se daria? Segundo Freire (2005), se daria através de uma educação crítica, desveladora, transformadora. Isto é,

[...] aquela que tem de ser forjada com ele [oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos

oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2005, p. 34).

Sendo assim, a Literatura de Cordel, em concordância com a Educação Estético-Ambiental, pode tornar as práticas pedagógicas em sala de aula um momento de descobertas, um momento propício para a formação de uma criticidade nos educandos, um momento que, além de tudo, possa ser o despertar de uma sensibilidade para o mundo, para o outro, para si, para com a Natureza, a fim de restabelecer uma conexão que na verdade nunca deixou de existir, apenas adormeceu com o ressoar estridente de um abismo chamado “capital”.

## **2.5 Formação de professores**

Durante toda a sua vida profissional, o professor percorre um longo caminho em busca de conhecimentos que possam agregar na sua formação como educador e em sua práxis em sala de aula. É necessário que haja uma forma de capacitar os professores, para que os mesmos tenham suportes, tanto práticos quanto teóricos, que os tornem capazes para enfrentarem os desafios que a educação contemporânea exige. Já não basta a falta de reconhecimento, os baixos salários e a sua desvalorização profissional, o professor ainda enfrenta em suas salas de aula a desmotivação vinda de seus alunos. Para tanto, torna-se imprescindível uma formação de professores, uma formação que percorra caminhos baseados no diálogo, na horizontalidade, capaz de despertar a consciência crítica de seus alunos em sala de aula, por meio da sua práxis, buscando abordar o cotidiano dos educandos, trabalhar contextos que façam sentido para eles, em que eles possam fazer associações e, desse modo, aprender de forma Estético-Ambiental, ou seja, através da arte, das linguagens possíveis, de maneira lúdica.

As investigações sobre o professor reflexivo, ao colocarem os nexos entre formação e profissão como constituintes dos saberes específicos da docência, bem como as condições materiais em que se realizam, valorizam o trabalho do professor como sujeitos das transformações que se fazem necessárias na escola e na sociedade. O que sugere o tratamento indissociado entre formação, condições de trabalho, salário, jornada, gestão e currículo (PIMENTA, 2008, p. 30-31).

É preciso tornar os professores capazes de enxergarem-se em suas práticas, e que essas práticas visem à transformação social. Para que essa educação

aconteça, é preciso que a mesma não seja praticada no vazio a ser preenchido com conteúdo insignificante para sua existência. É necessário, portanto, que a transformação aconteça, que a mesma seja realizada de maneira horizontal, baseada nas relações existentes entre os seres, respeitando a suas especificidades e a sua maneira de ser e viver nesse planeta.

E o que é de fato uma educação para a transformação e emancipação humana? Segundo Freire (2005), uma educação para a emancipação humana se dá no processo de libertação política, cultural, humana e social de todo aquele que é oprimido, em que o mesmo liberta a si mesmo de seus opressores. Desse modo, o ser humano estabelecerá uma identidade emancipadora, passando por um procedimento de transformação dele mesmo e do mundo no qual está inserido. Sendo assim,

respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 2011, p. 120).

Existe nas escolas uma urgência acerca de práticas pedagógicas que consigam disputar igualmente com as tecnologias, que capturam, de fato, roubam cada vez mais os alunos das salas de aula. É preciso encontrar uma forma capaz de um grande feito, devolver a beleza existente no conhecimento, restituir a vontade de querer ir em busca do mesmo, que este conhecimento seja leve, lúdico, de um poder criativo. É por essas e outras razões que acredito na importância de a Educação Estético-Ambiental estar presente na formação de professores, inclusive, este é um dos objetivos desse trabalho. Por acreditar que a mesma tem a capacidade de despertar o que de mais belo e surpreendente há nas pessoas; acreditar que desse despertar podem surgir grandes transformações, começando pelos professores, com sua crença em suas práticas, com sua esperança de uma educação de qualidade baseada no sensível. Assim,



É inegável, pois, que as expectativas da América Latina tendem a delinear uma sociedade que requer a formação de um profissional mais integral e com sentido criador, isto é, um homem harmonicamente desenvolvido que, além de *homo faber* e *homo sapiens*, seja um *homo concors*, capaz de enfrentar os enormes desafios do desenvolvimento nas condições desfavoráveis de um mundo cada vez mais globalizado e mais unipolar. E isso só pode ser atingido por um programa efetivo de educação estética, capaz de promover ações direcionadas ao desenvolvimento do homem como totalidade, como única forma de resgatar-se a sensibilidade humana na época da irracionalidade das tecnologias produtivas, educativas e do conforto. (ESTÉVEZ, 2009, p. 25).

A formação de professores, deste modo, precisa estar pautada na melhoria da qualidade da educação pública, e para que isso seja possível existe a necessidade de repensar essa prática, repensar a forma de como é possível chegar em nossos alunos, suscitando nos mesmos um teor de criticidade, transformando a realidade de sua sala de aula, fazendo com que sua práxis possa alcançar os vários contextos sociais existentes na mesma, não havendo essa dicotomia entre a realidade vivida pelos alunos e a que muitas vezes existe nas escolas, aquela homogeneizada, em que se coloca todos dentro um pacote escrito “globalizado”, como se todos fossem, de fato, iguais. Talvez seja esse o maior equívoco dos currículos nas escolas, não respeitar as especificidades de cada aluno, suas experiências, suas vivências e seus contextos. A formação de professores torna-se essencial para que se tenha uma educação em que o professor possa aprender mais sobre seu ofício e consiga enfrentar toda e qualquer dificuldade e adversidade que possa surgir em sala de aula, pois o professor, muitas vezes, assume papéis para os quais não se encontra preparado para assumir. Dessa forma,

seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros. Diante de outro professor, seja ele do pré-escolar ou na universidade, nada tenho a mostrar ou a provar – mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício. (TARDIF, 2014, p. 244).

O que se pretendeu nesse trabalho foi poder proporcionar aos professores maneiras de trabalhar em sala de aula, de modo que pudessem dar suporte aos seus alunos para que os mesmos se emancipassem e transformassem as suas realidades e para que eles, os professores, pudessem também se transformar, através de sua práxis.

### 3 ESTADO DA ARTE

Este estudo visa abordar a Literatura de Cordel sob uma perspectiva Estético-Ambiental, procurando descobrir se essa linguagem pode vir a auxiliar a prática docente por meio de uma Educação Estético-Ambiental, possibilitando ao mesmo tempo a sua transformação e emancipação humana, aquela que Freire (2005) nos instiga em realizar.

De modo a aprofundar o estudo sobre a Literatura de Cordel, a Educação Ambiental e a Educação Estético-Ambiental, realizei o Estado da Arte (FERREIRA, 2002), usando a base de dados do Portal da Capes, <http://www.periodicos.capes.gov.br>, e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, <http://bdtb.ibict.br/>, em abril de 2019; usando-os como fonte de pesquisa, em que foram encontrados os seguintes resultados: nos periódicos da CAPES, usando os descritores Literatura de Cordel e Educação Ambiental, foram encontrados nove artigos. Ainda, nos periódicos da CAPES, foi realizada uma segunda pesquisa com os seguintes descritores: “Literatura de Cordel” e “Educação Estético-Ambiental”. Nesta pesquisa, não foi encontrado nenhum resultado. O Quadro 01 sintetiza os resultados obtidos para cada descritor.

Quadro 1 – Artigos encontrados na base de periódicos da CAPES relacionando Literatura de Cordel com Educação Ambiental ou Educação Estético-Ambiental

<b>Busca por descritores</b>	<b>Resultados obtidos</b>
Literatura de Cordel e Educação Ambiental	09 Artigos
Literatura de Cordel e Educação Estético-Ambiental	Não houve nenhum resultado

Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Os nove artigos encontrados estão identificados neste estudo como A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8 e A9, mas apenas três abordavam a temática desta pesquisa. (Literatura de Cordel; Educação Ambiental), são eles: A1, A2 e A3. Abre-se um parêntese ao destacar que foram analisados apenas resumos, títulos, palavras-chave e uma parte do corpo do texto para melhor entendimento.

Quadro 2 – Periódicos pesquisados, com identificação do Estado de publicação

<b>Ano de publicação</b>	<b>Periódico</b>	<b>Estado</b>
2010	Abril	-

2012	Ciência & Saúde Coletiva	Ceará
2012	Scielo Books	Paraíba
2013	Abril	-
2014	Mediações - Revista de Ciências Sociais	São Paulo
2015	Directory Of Open Access Journals	Rio Grande do Norte
2016	Scielo	Paraíba
2017	Open Journal Systems	Paraíba
2017	Em Questão	Rio Grande do Norte

Fonte: Elaborado pela Autora.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foi realizada uma busca com os seguintes descritores: Literatura de Cordel e Educação Estética; Literatura de Cordel e Educação Ambiental; bem como Literatura de Cordel e Educação Estético-Ambiental. Nessa busca, surgiram os seguintes resultados: sete pesquisas sobre Literatura de Cordel e Educação Estética – cinco dissertações e duas teses<sup>9</sup>; uma dissertação para Literatura de Cordel e Educação Ambiental; e nenhum resultado para Literatura de Cordel e Educação Estético-Ambiental (Quadro 3).

Quadro 3 – Teses e dissertações encontradas por descritor pesquisado

Descritor	Ano de defesa	Tipo de trabalho	Universidade	Município
Literatura de Cordel e Educação Estética	2000	Tese	UFMG	MG
	2015	Tese	UEPB	PB
	2010	Dissertação	UEPB	PB
	2011	Dissertação	UCSAL	BA
	2012	Dissertação	UEPB	PB
	2014	Dissertação	UFBA	BA
Literatura de Cordel e Educação Ambiental	2017	Dissertação	UNESP	SP
Literatura de Cordel e Educação Estético-Ambiental	-	Nenhum Resultado	-	-

Fonte: <http://bdtd.ibict.br/>

Para obter os resultados a seguir, foi usada a análise de conteúdo para esta pesquisa (BARDIN, 2000; FRANCO, 2007). O método de análise percorreu as três fases, que, segundo Bardin (2000), correspondem à pré-análise, à exploração do material e ao tratamento dos resultados. Na fase de pré-análise, realizei a “leitura flutuante”, que consiste em examinar minuciosamente os dados coletados, por meio

<sup>9</sup> Cabe registrar que a pesquisa gerou outros trabalhos, mas como uma dissertação estava duplicada, considerou-se apenas uma de suas versões.

dos artigos, das dissertações e das teses, a fim de estabelecer um contato mais aprofundado com o material coletado, com vistas à compreensão do fenômeno sob investigação. Nesta leitura, busquei analisar os dados com base na questão de pesquisa, nos objetivos traçados, nas teorias em que este estudo está apoiado e do método escolhido para o desenvolvimento desta investigação.

Em seguida, passei para a exploração e validação do material (BARDIN, 2000). Esta fase foi significativa e exigiu muitas releituras para a organização, codificação e classificação dos dados, a fim de orientar a análise do conjunto de instrumentos, que compõem a coleta dos dados. Ao percorrer todo o material, fui organizando os dados, a fim de constituir o *corpus* de análise.

Na última fase, o tratamento dos dados, realizei uma análise comparativa dos dados, com o propósito de categorizá-los, relacionando com os objetivos deste estudo. Este momento Bardin (2000) chama de “inferência específica”, pois busquei resposta à pergunta desta pesquisa, alcançando a interpretação dos significados e dos sentidos resultantes de uma profunda reflexão de todo o material coletado.

### **3.1 Resultados obtidos nas pesquisas**

Durante a pesquisa realizada, foram analisadas nas teses, nas dissertações e nos artigos, os títulos, as palavras-chave, o resumo e uma parte do corpo do texto. Para uma melhor organização, as dissertações estão aqui representadas pela letra D, as teses representadas pela letra T e os artigos pela letra A, seguidos de um número 1, e assim por diante.

Vale ratificar que foram analisadas cinco dissertações e duas teses com abordagem em Literatura de Cordel e Educação Estético-Ambiental, e apenas três artigos com a mesma temática, assim, os mesmos foram categorizados por aproximação de dados. Dessa análise, surgiram três categorias: i. A arte da dramaturgia por meio do Cordel: a conscientização do ser; ii. A Literatura de Cordel e a Literatura Infantil: maneiras de aprender; e iii. A Literatura de Cordel na Educação de Jovens e Adultos e nos cursos de Medicina Veterinária e Engenharia Florestal.

#### **3.1.1 A arte da dramaturgia por meio do Cordel: a conscientização do ser**

As dissertações D1 e D2 mesclam-se de forma a quase se complementarem. D1 começa fazendo um mergulho na historicidade da Literatura de Cordel, desde os primórdios, com a chegada dos Portugueses no Brasil, até sua consolidação no Nordeste, já com nova estrutura e nova roupagem. Viaja também por sua quase extinção (1980) e o seu ressurgimento, depois dessa década sombria. Já D2, vem trazendo uma proposta estética voltada à ressignificação das raízes étnico-culturais no universo popular nordestino. A Estética usada nas duas dissertações não possui um conceito, mas traz nuances de uma estética grega, aquela do belo, do feio, do blasfemo, do santo, todas realizadas através do teatro de Cordel. Ambas tratam a Estética, que se funde na Literatura de Cordel, como forma de resistência, quando usam o “teatro cordelista”, como aqui denominam, para retratar a vida sofrida do nordestino, seus pesares, seus lamentos e o esquecimento dos governantes quanto àquele “pedacinho” do país, que só é lembrado em época de eleição ou pelos visitantes em época de férias, por suas praias de águas mornas, pela beleza do chão rachado do sertão e da cultura tão rica e peculiar.

Em ambos os trabalhos não existe um conceito sobre Educação Estética como prática docente, eles apenas abordam a Literatura de Cordel como um elemento estético, como forma de arte para trabalhar a dramaturgia, o teatro em si, dando voz e rostos às histórias rimadas presentes nos folhetos de Cordel.

Na T1, o texto usa o ensino do Teatro na Educação de Jovens e Adultos como abordagem teórico-metodológica, a partir de associações entre as memórias e as narrativas de vida dos pesquisados e a Literatura de Cordel, baseando-se nas oficinas de Teatro e de Cordel, buscando uma escuta sensível, usando o Teatro e a Literatura de Cordel como saberes possíveis à formação cognitiva e sensível dos alunos da EJA. Apesar de usar a escuta sensível, que é um dos elementos para uma Educação a partir do Estético-Ambiental, não existe um conceito sobre Estética.

Os artigos analisados, que compõem esta categoria, foram o A1 e o A3. Assim, o artigo A1 apresenta uma Educação Ambiental crítica, usando a Literatura de Cordel como uma metodologia, de maneira a suscitar a conscientização do ser humano e a sua relação homem-homem, homem-natureza, resultando na sua emancipação. A3 aborda o Cordel como construção de conhecimento, com o intuito de suscitar nos jovens do campo a paixão por sua terra, e na tentativa de educá-los através dos cordéis, utilizando a temática “saberes do campo”. Nesse artigo, a abordagem da

Educação Ambiental encontra-se subentendida, sendo abordada através dos saberes populares, seja nas questões sociais ou pela abordagem tímida acerca do homem do campo e seu pertencimento à terra.

### **3.1.2 A Literatura de Cordel e a Literatura Infantil: maneiras de aprender**

D3 se encontra solitário, por abordar não somente a Literatura de Cordel, como também um tipo de Literatura Infantil específica, como os poemas do autor Manoel de Barros, trazendo toda uma metodologia trabalhada num projeto de sala de aula. O texto traz o Cordel como um comparativo entre os vários tipos de poesia e poemas existentes, e cita o Cordel justamente por possuir regras exclusivas, por ser difundido mais no Nordeste do país, e por sua forte marcação oral, facilitando, assim, a memorização. Nesse trabalho, a Literatura de Cordel não aparece como foco, mas como um subsídio de conhecimento e estudo, em que o mesmo trata das variações linguísticas existentes no Brasil. Quanto à Estética, os trabalhos apenas fazem referência, sem um aprofundamento ou mesmo um conceito. Nesse caso, a Literatura de Cordel surge como um auxílio de estudo sobre variações poéticas, e a Estética é abordada rasamente como “arte”.

A única dissertação sobre Literatura de Cordel e Educação Ambiental entra nessa categoria pela forma de abordagem, usando o Cordel como um recurso pedagógico para promover socialização, reflexão sobre a língua e ampliação de vocabulário, sendo uma pesquisa-ação com ênfase na ecopedagogia. Neste texto, o Cordel é usado como um meio de comunicação entre os sujeitos da pesquisa. O texto vem trazendo toda a trajetória da Educação Ambiental no país e a importância de a mesma estar presente no currículo escolar como forma de problematizar questões socioambientais, socioeconômicas e socioculturais. O texto aborda também a importância da Literatura de Cordel, desde o seu surgimento, no século XV, trazendo toda a sua historicidade, até a chegada nos sertões nordestinos, onde tomou novos ares, novo formato e floresceu de maneira tão autoral e tão raiz, encontrando na sua simplicidade um poderoso meio de comunicação e informação daquela época, e hoje Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro. O Cordel floresceu para o mundo, mostrou a sua beleza, conquistou adeptos até os dias atuais, em plena era digital, estando

presente na televisão, faculdades e escolas como processo educativo tão rico e peculiar.

### **3.1.3 A Literatura de Cordel na Educação de Jovens e Adultos e nos cursos de Medicina Veterinária e Engenharia Florestal**

Em D4, D5 e T2 a categorização se dá pelo fato de ambos tratarem de educação de jovens e adultos, com uma abordagem sobre o Cordel como uma linguagem potente na formação de leitores. Eles tratam das peculiaridades que o Cordel possui, o que facilita a aprendizagem, trazendo a linguagem como construção de relações, sejam elas quais forem; e o quanto é necessário propor uma educação baseada numa Estética, seja ela através do teatro, da dança, da música, da Literatura de Cordel, das artes visuais, do cinema etc. Em um dos trabalhos, está presente a dimensão Estética do sensível, necessária para uma educação que seja capaz de ascender no ser humano o sentimento de igualdade, liberdade e consciência, que possa ser capaz de proporcionar a emancipação. Em D5 está registrada uma concepção do que é essa Estética, quando faz uma aproximação do estético com os direitos humanos, numa tentativa de proporcionar ao ser humano felicidade através das várias práticas estéticas, usando as linguagens como metodologia. Embora tenha uma concepção de Estética, ela não está presente como principal meio transformador.

Em T2, o trabalho trata da Literatura de Cordel como um meio de letramento para analfabetos e semianalfabetos, entre as décadas de 1930 e 1950. O trabalho aborda o termo Estética como forma de organização, de categorização do que é belo e do que é feio, fugindo do nosso tema de pesquisa. O interessante deste trabalho é que ele traz uma pesquisa aprofundada acerca da “Estética” do Cordel, ou seja, suas modificações ao longo do tempo, como sua forma de escrita, de métricas.

Já A2 apresenta uma Educação Ambiental conservacionista e preservacionista, usando a Literatura de Cordel como veículo para retratar os danos que as queimadas podem causar ao meio ambiente, empregando o Cordel como material didático, com o intuito de contribuir para uma melhor aprendizagem, pelo mesmo possuir uma forma dinâmica e criativa, chamando a atenção dos alunos do Curso de Medicina Veterinária, Engenharia Florestal, da Paraíba, e dos proprietários rurais daquela região sobre os perigos das queimadas. Neste artigo, existe uma preocupação em

diversificar os ensinamentos acerca do meio ambiente, nas comunidades em que os estudantes dos referidos cursos atuam, sendo assim, eles multiplicam os saberes aprendidos em prol de uma melhoria no ambiente em que vivem.



## 4 O CURSO PROCORDEL

O PROCORDEL foi desenvolvido com a finalidade de ofertar um curso de aperfeiçoamento da prática docente acerca da Literatura de Cordel, que, através das abordagens teóricas e de oficinas ministradas para os professores da rede básica da educação e dos futuros pedagogos, em que os mesmos participaram de maneira ativa dessas abordagens e oficinas, tendo como propósito a discussão acerca de suas práticas docentes, das escritas realizadas no portfólio a cada encontro, eles pudessem fazer associações de sua prática com a Educação Estético-Ambiental e saber se a Literatura de Cordel pode vir a fazer parte de seu repertório, tornando-se uma potente linguagem de trabalho em sua sala de aula.

### 4.1 Metodologia empregada

Com o intuito de alcançar os objetivos aqui citados e responder à questão de pesquisa, a metodologia usada para coleta de dados baseia-se na realização de um curso de extensão, intitulado: **A Literatura de Cordel: uma prática docente na perspectiva Estético-Ambiental**, denominado **PROCORDEL**, que consistiu na discussão sobre os conceitos da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, empregando, para isso, a leitura de artigos científicos para subsidiar a discussão sobre os assuntos abordados bem como fomentar nos professores interesse pela temática. Ainda, foram realizadas oficinas para que, através da ação, fosse possível destacar a importância de tais conceitos na prática docente.

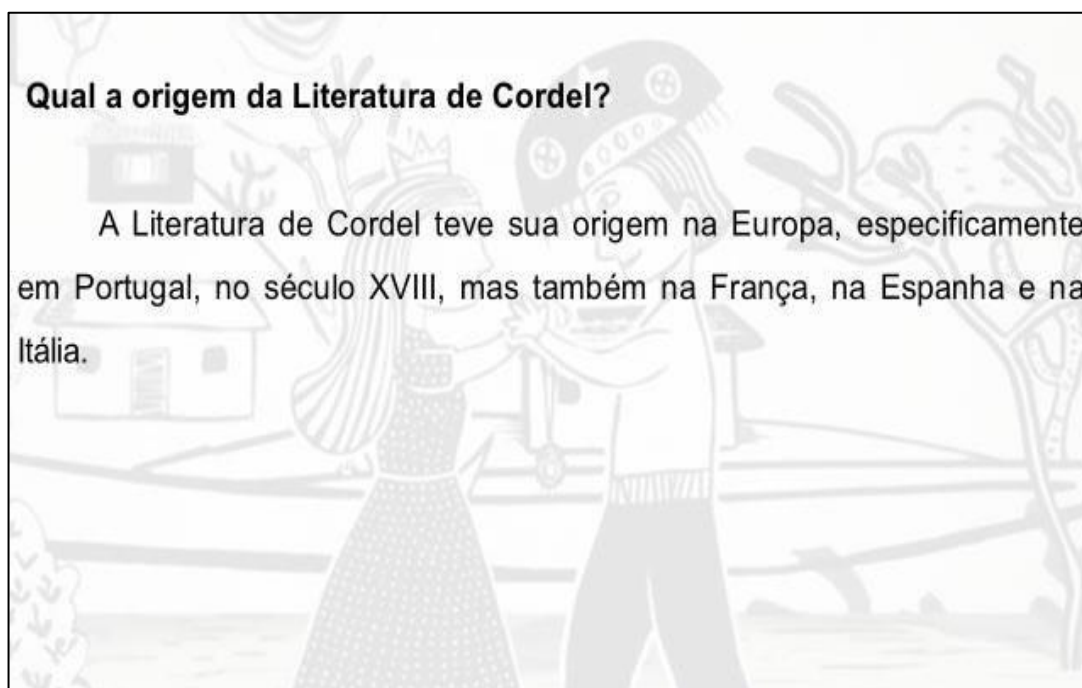
O Curso de aperfeiçoamento da prática docente acerca da Literatura de Cordel – **PROCORDEL** teve início no dia 06 de outubro do ano de 2018, com data prevista para o seu término no dia 24 do mês de novembro, mas, devido à aplicação da prova do ENEM, o curso foi interrompido por duas semanas, ocasionando sua finalização no dia 08 de dezembro de 2018. O curso consistiu em 8 encontros semanais, aos sábados, das 9h às 12h, sendo realizado na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Campus Carreiros, Pavilhão 4, sala 4113, cujas inscrições foram realizadas através do SINSIC.

Vale destacar que se inscreveram trinta e cinco professores e futuros pedagogos. No primeiro encontro, estavam presentes doze dos inscritos, porém, participaram ativamente até o final do Curso **PROCORDEL** apenas nove dos cursistas

inscritos no referido curso, mas apenas sete entregaram os seus portfólios, tornando-se, assim, esses os sujeitos desta pesquisa. O cronograma (Apêndice E) exemplifica a temática e o objetivo de cada encontro.

No primeiro dia do Curso, foram apresentados aos cursistas alguns cordéis e a Teoria sobre a Literatura de Cordel (Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e Apêndice A), oportunidade em que conheceram o Cordel e a historicidade da Literatura de Cordel, compreendendo a sua importância na prática docente. Em seguida, foi realizada uma roda de conversa para esclarecer alguns pontos e para saber se os cursistas conseguiram absorver o que foi explicitado.

Figura<sup>10</sup> 1 – Material de apoio utilizado no curso (1º encontro).



No segundo encontro, foi realizada a Oficina de Construção do Cordel (Figuras 6, 7, 8, 9,10,11 e 12), ocasião em que, através dessa Oficina, foram abordadas as regras rígidas que são usadas para compor um Cordel, tais como: métrica, rima, versos, coesão, enunciado; e, logo após, todos os cursistas foram convidados a compor um Cordel. Foi uma grata surpresa esse momento de construção, pois deixou claro que os cursistas realmente conseguiram aprender a compor um Cordel.

---

<sup>10</sup> Todas as imagens dos encontros foram retiradas do site [www.google.com.br](http://www.google.com.br).

Figura 2 – Material de apoio utilizado no curso (1º encontro).

**Como surgiu a Literatura de Cordel no Brasil?**

A Literatura de Cordel chegou ao Brasil a bordo das primeiras Caravelas Portuguesas, se instalando no Nordeste brasileiro e dali se espalhando pelos sertões nordestinos e depois da década de 80, onde quase foi extinta, ressurgiu com todo vigor nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, emergindo com toda força sendo hoje utilizado em Escolas, Faculdades sendo valorizado, tornando-se em setembro deste ano, reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

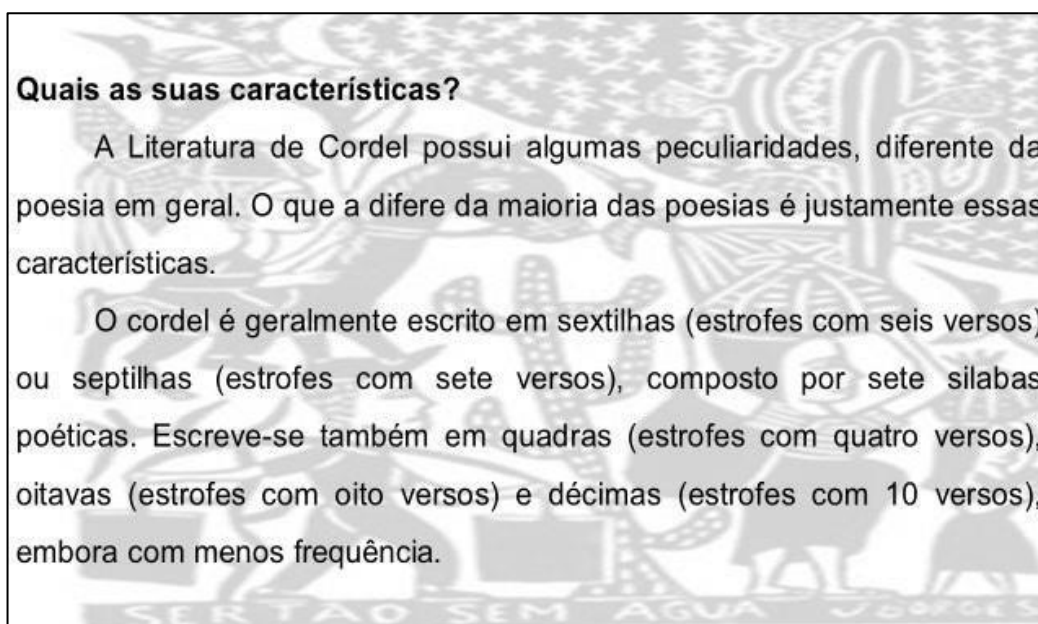
Figura 3 – Material de apoio utilizado no curso (1º encontro).

**O que é Literatura de Cordel?**

É um gênero literário, uma poesia popular brasileira, sendo mais usada no Nordeste e em meados dos anos 2000, se espalhou por todo o Brasil.

É um tipo de poesia rimada e cantada, que possui regras fixas e rígidas que dão origem a todo o seu ritmo e encantamento.

Figura 4 – Material de apoio utilizado no curso (1º encontro).

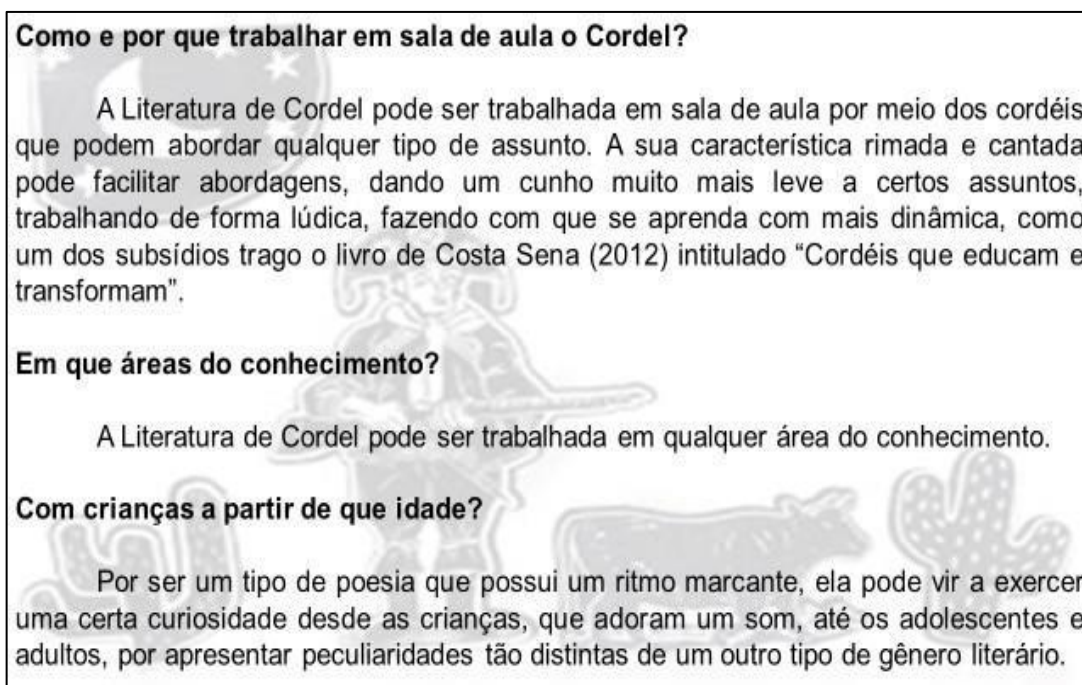


**Quais as suas características?**

A Literatura de Cordel possui algumas peculiaridades, diferente da poesia em geral. O que a difere da maioria das poesias é justamente essas características.

O cordel é geralmente escrito em sextilhas (estrofes com seis versos) ou septilhas (estrofes com sete versos), composto por sete sílabas poéticas. Escreve-se também em quadras (estrofes com quatro versos), oitavas (estrofes com oito versos) e décimas (estrofes com 10 versos), embora com menos frequência.

Figura 5 – Material de apoio utilizado no curso (1º encontro).



**Como e por que trabalhar em sala de aula o Cordel?**

A Literatura de Cordel pode ser trabalhada em sala de aula por meio dos cordéis que podem abordar qualquer tipo de assunto. A sua característica rimada e cantada pode facilitar abordagens, dando um cunho muito mais leve a certos assuntos, trabalhando de forma lúdica, fazendo com que se aprenda com mais dinâmica, como um dos subsídios trago o livro de Costa Sena (2012) intitulado "Cordéis que educam e transformam".

**Em que áreas do conhecimento?**

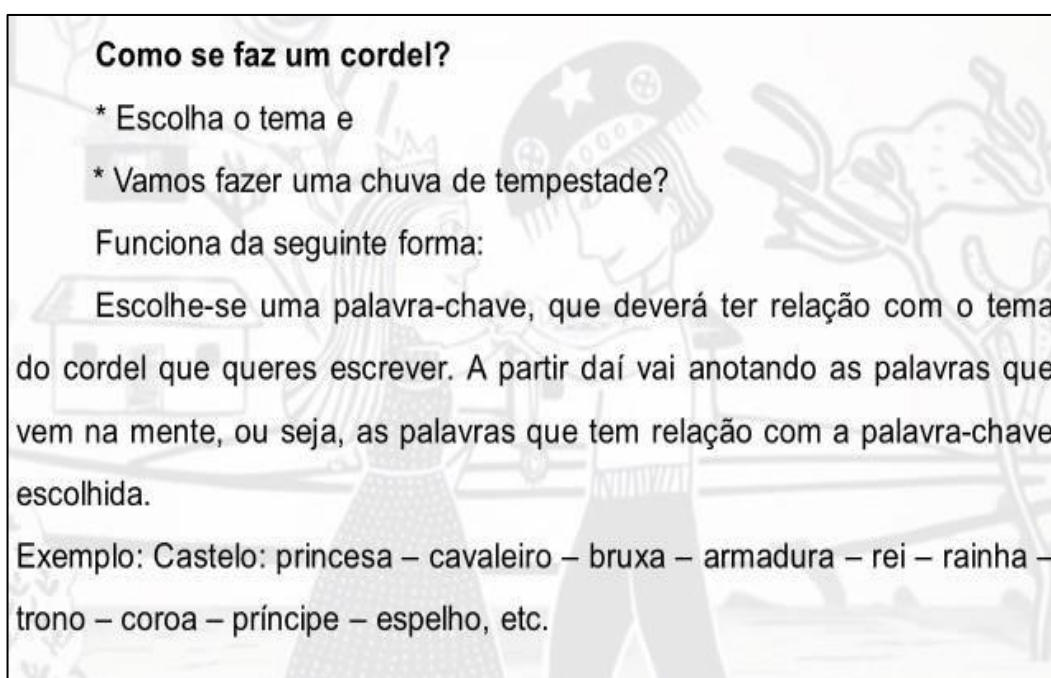
A Literatura de Cordel pode ser trabalhada em qualquer área do conhecimento.

**Com crianças a partir de que idade?**

Por ser um tipo de poesia que possui um ritmo marcante, ela pode vir a exercer uma certa curiosidade desde as crianças, que adoram um som, até os adolescentes e adultos, por apresentar peculiaridades tão distintas de um outro tipo de gênero literário.



Figura 6 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).



**Como se faz um cordel?**

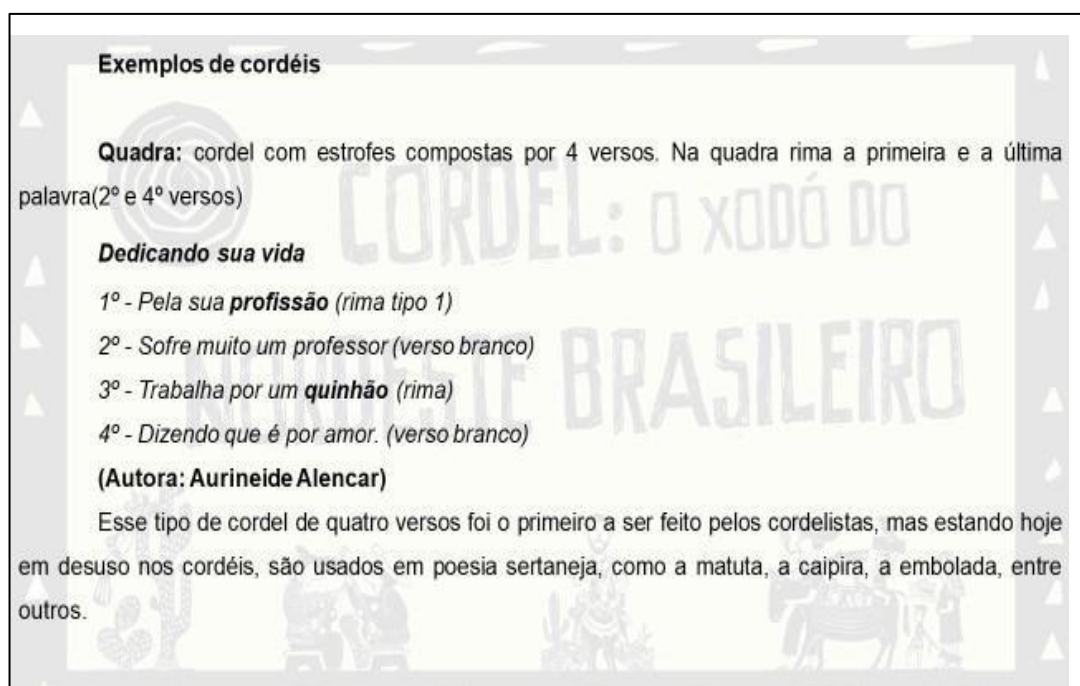
- \* Escolha o tema e
- \* Vamos fazer uma chuva de tempestade?

Funciona da seguinte forma:

Escolhe-se uma palavra-chave, que deverá ter relação com o tema do cordel que queres escrever. A partir daí vai anotando as palavras que vem na mente, ou seja, as palavras que tem relação com a palavra-chave escolhida.

Exemplo: Castelo: princesa – cavaleiro – bruxa – armadura – rei – rainha – trono – coroa – príncipe – espelho, etc.

Figura 7 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).



**Exemplos de cordéis**

**Quadra:** cordel com estrofes compostas por 4 versos. Na quadra rima a primeira e a última palavra (2º e 4º versos)

**Dedicando sua vida**

- 1º - Pela sua **profissão** (rima tipo 1)
- 2º - Sofre muito um professor (verso branco)
- 3º - Trabalha por um **quinhão** (rima)
- 4º - Dizendo que é por amor. (verso branco)

**(Autora: Aurineide Alencar)**

Esse tipo de cordel de quatro versos foi o primeiro a ser feito pelos cordelistas, mas estando hoje em desuso nos cordéis, são usados em poesia sertaneja, como a matuta, a caipira, a embolada, entre outros.

Figura 8 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).

**Sextilha:** cordel com estrofes compostas por 6 versos

Na sextilha, rimam a última palavra do 2º, 4º e 6º verso (tipo 1). O 1º, 3º e o 5º são versos brancos, isto é, não rimam.

1º - *Dali mesmo o Rei levou*  
 2º - *Juvenal para o **salão** (tipo1)*  
 3º - *Pra contar de que maneira*  
 4º - *Principiou a **questão** (tipo 1)*  
 5º - *Quando o moço entrou na sala*  
 6º - *Tudo mudou de **feição**. (tipo 1)*

(Leandro Gomes de Barros, em **Juvenal e o Dragão**)

Figura 9 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).

**Sétima:** cordel com estrofes compostas por 7 versos.

Na sétima, há o seguinte esquema de rimas: rimam entre si as últimas palavras do 2º, 4º e 7º verso (tipo 1). As últimas palavras do 5º e o 6º versos rimam emparelhados (tipo 2). O 1º e o 3º são versos brancos, isto é, não rimam.

1º - *Bartolomeu do Egito*  
 2º - *Foi um rei de **opinião** (tipo 1)*  
 3º - *Mandou convidar João Grilo*  
 4º - *Pra uma **adivinhação** (tipo1)*  
 5º - *João Grilo disse: **eu vou**; ( tipo 2)*  
 6º - *No outro dia **embarcou** (tipo 2)*  
 7º - *Para saudar o **sultão**. (tipo 1)*

(João Ferreira de Lima, em **Proezas de João Grilo**)

Figura 10 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).

**Oitava:** cordel com estrofes compostas por 8 versos.

Na oitava, existe uma regra muito peculiar, por esse motivo, é muito rara, por sua difícil composição. O 1º, o 2º e o 3º versos rimados entre si; também o 5º, o 6º e o 7º, e finalmente o 4º com o 8º, não havendo, portanto um único verso órfão.

**SAUDOSA IPUEIRAS**

1º - Ao sair do meu *sertão*,  
 2º - Rezei, fiz tanta *oração*,  
 3º - Pra abrandar meu *coração*,  
 4º - Que inconformado *soufria*  
 5º - Deixei a minha *cidade*,  
 6º - Que era na *realidade*  
 7º - A minha *felicidade*  
 8º - Minha maior *alegria*.

(Dalinha Catunda)




Figura 11 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).

**Décima:** cordel com estrofes compostas por 10 versos. Esse tipo de cordel é de difícil execução, por esse motivo é mais usado por trovadores.

Nas décimas, as rimas são: o 1º verso rima com o 4º e 5º, o 2º rima com o 3º, o 6º rima com o 7º e o 10º, e o 8º rima com o 9º. Segue abaixo um trecho em décima.

1º - As obras da *Natureza*  
 2º - São de tanta *perfeição*,  
 3º - Que a nossa *imaginação*  
 4º - Não pinta tanta *grandeza!*  
 5º - Para imitar a *beleza*  
 6º - Das nuvens com suas *cores*,  
 7º - Se desmanchando em *louvores*  
 8º - De um manto *adamascado*  
 9º - O artista, com *cuidado*,  
 10º - Da arte aplica os *primores*.

(Ugolino do Sabugi)

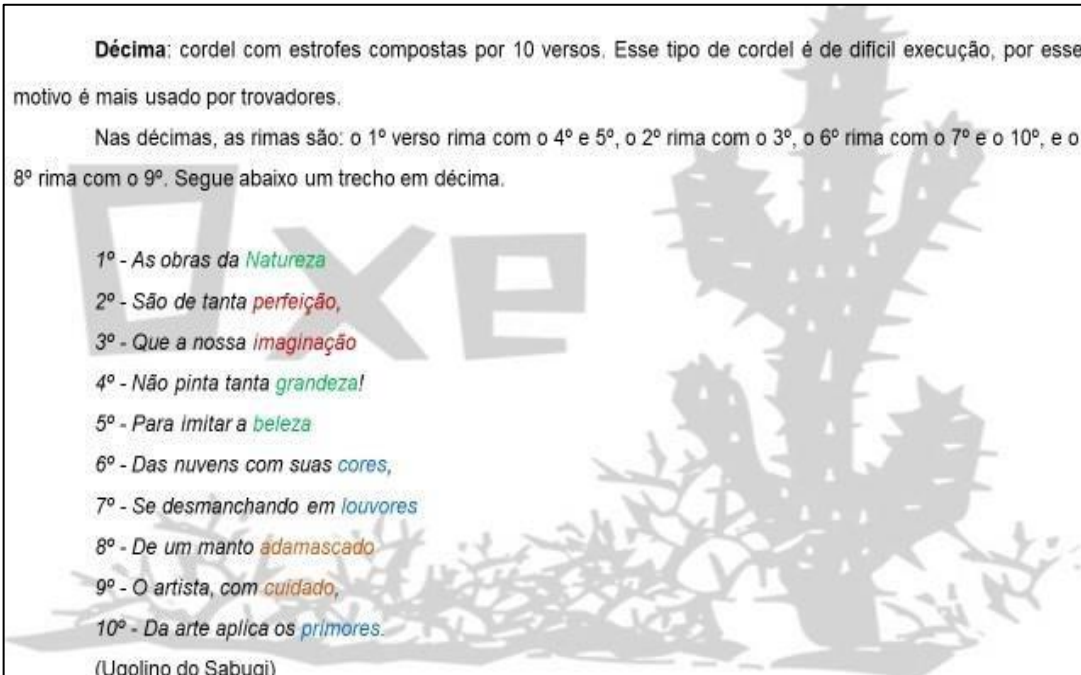
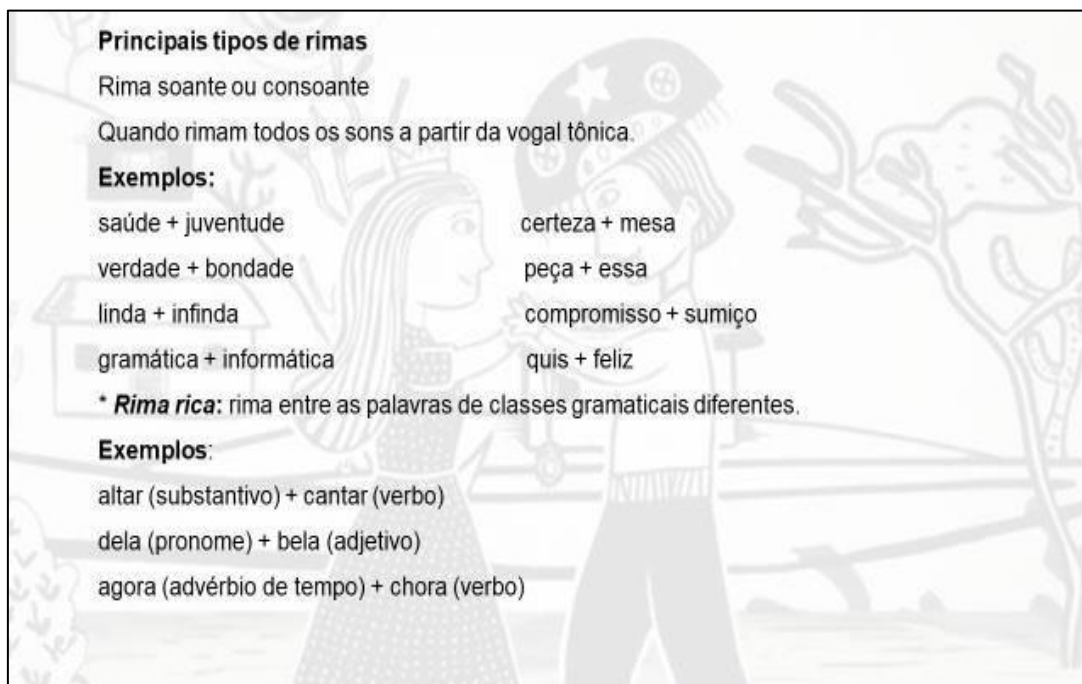


Figura 12 – Material de apoio utilizado no curso (2º encontro).



No terceiro encontro, foi discutida a teoria acerca da Educação Estético-Ambiental, identificando se os mesmos já trabalhavam com esse tipo de abordagem em suas práticas pedagógicas sem conhecer a teoria. Em seguida, abordamos a importância de uma Educação Estético-Ambiental em sala de aula, em que a mesma permite uma escuta sensível, um trabalho baseado na arte como um todo. Trabalhamos alguns textos sobre o tema e discutimos sobre as impressões obtidas do texto, esclarecendo algumas dúvidas que ficaram em relação à teoria.

No encontro de número quatro, realizamos a Oficina de confecção dos “livretos de cordel” (Figura 13), que consiste em dobrar uma folha A4 em 4 pedaços e cortar com estilete só uma das partes da dobradura. Em seguida, com o grampeador aberto, grampeia-se o meio das folhas, compondo assim um livreto. Já no encontro de número cinco, realizamos a Oficina de xilogravura (Figura 14). Essa técnica é usada no Cordel nordestino para estampar as capas dos “livretos”. Na Oficina de xilogravura, pela dificuldade de encontrar o material e pelo mesmo ser um tanto perigoso de manusear (pois a entalhadora é cortante e precisa de uma técnica para usá-la), foi adaptado com EVA, com 4mm de espessura, lápis de ponta grossa, carimbo e tinta para carimbo.



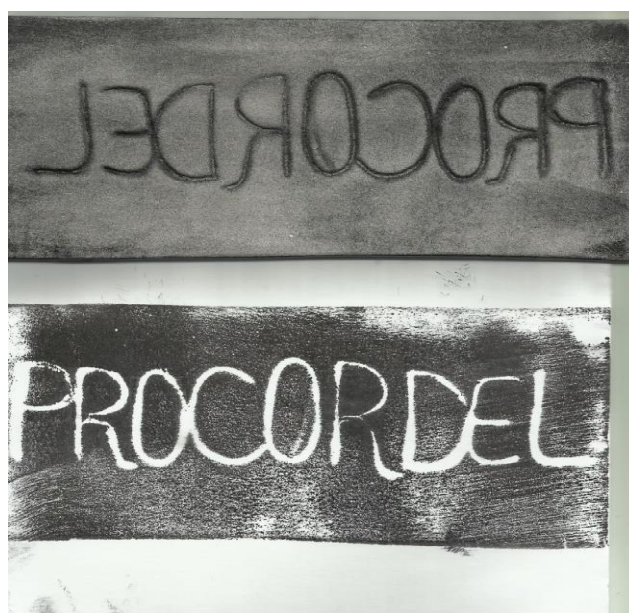
Figura 13 – Processo de produção de livreto.



No sexto encontro, a Oficina foi vivenciar o sarau em sala de aula. Os Cordéis construídos no segundo encontro pelos cursistas foram declamados, vivenciados, interpretados através da roda de Sarau. No sétimo encontro, nos encaminhando para a reta final do curso de extensão, foi pedido aos cursistas que construíssem um Plano de Ação para trabalhar com a Literatura de Cordel em sala de aula de uma maneira que fosse viável (Apêndice B). E, em nosso oitavo e último encontro, foi realizada a socialização dos Planos de Ação, a fim de aprimorá-los em alguns pontos, para serem desenvolvidos no ambiente escolar.

Nesta primeira etapa, foram coletados os dados que os identificavam (Apêndice C). Na primeira fase, foram feitas reflexões em um diário de campo, acerca do curso PROCORDEL, em que os cursistas escreviam sobre as oficinas de maneira livre. A segunda fase consistiu num acompanhamento dos cursistas que se propuseram a trabalhar a Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental em suas práticas. Houve um acompanhamento desses cursistas, como forma de coletar os dados para essa segunda fase, para saber se realmente essa prática que lhes foi apresentada no curso é uma linguagem que pode vir a fazer parte de sua práxis, e se a mesma pode vir a ser uma forma de emancipação humana para os mesmos.

Figura 14 – Produção de xilogravura.



Depois destas fases, com a teoria associada à prática, que se deu por meio das reflexões, identifiquei quais sujeitos iriam trabalhar em suas salas de aula, com as temáticas ofertadas pelo PROCORDEL. A escolha dessa metodologia deu-se pela possibilidade de formação consciente da práxis dos professores, em que a mesma buscou uma concepção transformadora e intencional, para que os mesmos pudessem compreender que a ação e a reflexão caminham juntas de maneira indissociável, resultando, com isso, numa educação capaz de revolucionar e transformar o mundo. Dessa forma, “aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles, e então resultar em sua plena formação humana”. (FREIRE, 2005 p.74).

Partindo do pressuposto de que a educação problematizadora é uma forma de emancipar e transformar o ser humano, e pensando na perspectiva da Educação Estético-Ambiental, integrada à Literatura de Cordel, como meio para a libertação, que, segundo Freire (2005), é conquistada e não doada, percebo que a função da escola é exatamente a de mediar as ações entre educadores e educandos, numa busca constante pela liberdade. Sendo assim, a escola assume um papel importante na conscientização do educando, fazendo com que ele supere a sua condição de oprimido, emancipando-se, de modo que possa transformar a sua realidade, sendo mediado pelo mundo.

## 5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa realizada para este trabalho é classificada como qualitativa, porque trabalha com os sentidos e com os significados do objeto investigado, com o intuito de desvelar o estudo “das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como [...] constroem artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2010, p. 57).

Esta pesquisa é de cunho interventivo, visto que a mesma foi concebida com o propósito de uma ação que pudesse agregar conhecimentos às práticas pedagógicas dos(das) professores(as) e futuros(as) pedagogos(as), a fim de despertar e aprofundar os ensinamentos acerca da Literatura de Cordel, na perspectiva Estético-Ambiental, estabelecendo uma relação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, dado que o pesquisador, ao propor essas ações, baseando-se em teorias e práticas contundentes, teve o intuito de ampliar o campo de conhecimento dos sujeitos, como forma de auxiliar na prática docente dos mesmos (DAMIANI et al., 2013).

Segundo Damiani et al. (2013), intervenção pedagógica se refere ao procedimento adotado que interfere no processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de compreender, explicitar ou corrigir esse processo, que prevê a introdução de novos elementos para que o aprendente pense e elabore o conhecimento de uma forma diferenciada.

Vale ressaltar que cada professor/pesquisador deve sempre adequar as propostas de acordo com sua didática e conhecimento individual do grupo. É preciso usar sempre a criatividade e autonomia para que cada sugestão apresentada seja como um guia, que aponta aspectos importantes do trabalho, mas sem se preocupar em seguir receitas, pois a ideia é propor sugestões para qualificar a prática (DAMIANI et al., 2013).

A intervenção pedagógica consiste na interferência que um profissional, seja pedagogo/pesquisador ou psicopedagogo/pesquisador, faz em relação ao processo de desenvolvimento do conhecimento e/ou da aprendizagem dos sujeitos da pesquisa. Na intervenção pedagógica, é preciso que o professor/pesquisador introduza novos elementos para que o sujeito pense, elabore de uma forma diferenciada, quebrando padrões anteriores sobre o seu conhecimento, sobre o

conhecimento com o mundo e com as pessoas. Sob esta perspectiva, a presente pesquisa é caracterizada como intervenção pedagógica, que, segundo Damiani et al. (2013),

são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. (DAMIANI et al, 2013, p. 58).

Nesta perspectiva, a intervenção pedagógica consiste na participação ativa do pesquisador, pela interação entre o mesmo e os sujeitos da situação investigada, tornando esses sujeitos protagonistas do seu próprio conhecimento, visto que os mesmos participam do processo da pesquisa ao adquirirem conhecimento, de maneira a agregarem esses mesmos conhecimentos à sua prática em sala de aula. Desse modo, essa pesquisa se caracteriza como intervenção pedagógica, pelo fato de a mesma ter sido baseada nas oficinas ministradas na formação de professores, por meio do curso PROCORDEL, mediante narrativas em portfólios, durante todo o processo, e em entrevistas com os participantes logo após as oficinas. Vale destacar que o PROCORDEL foi realizado entre os meses de outubro e dezembro de 2018, sendo iniciado no dia seis de outubro e finalizado no dia oito de dezembro, totalizando oito encontros (para ver o cronograma consultar o Apêndice E); e as entrevistas com os três participantes, que usaram o Cordel em suas salas de aula como prática docente, aconteceram entre os meses de outubro e novembro de 2019.

No que diz respeito aos objetivos, é importante destacar que utilizo uma pesquisa exploratória que, segundo Thiollent (2011, p. 56), “consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou “diagnóstico”) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações”, em que o pesquisador tem uma proximidade com o universo do objeto de estudo.

Quanto à coleta dos dados, a mesma aconteceu em duas etapas: na primeira etapa, ocorrida entre outubro e dezembro de 2018, no curso de formação, os cursistas escreveram no portfólio reflexões acerca do curso de extensão com formação na Literatura de Cordel, na perspectiva da Educação Estético-Ambiental, chamado de PROCORDEL. Como trabalho final do curso PROCORDEL, foi solicitada a elaboração de um plano de ação (Apêndice B), que foi colocado em prática por três cursistas. A

segunda parte, ocorrida no mês de novembro de 2019, consistiu nas falas dos cursistas, retiradas de uma entrevista gravada daqueles que usaram a Literatura de Cordel na perspectiva Estético-Ambiental como prática docente em suas aulas e/ou estágios, já que os mesmos eram compostos de professores da rede básica de educação e pedagogos(as) em formação, ou seja, três cursistas trabalharam com Literatura de Cordel em suas salas de aula.

Para a concretização do curso PROCORDEL, foram abertas as inscrições que se realizaram através do Sinsc<sup>11</sup>, em que trinta e cinco pessoas inscreveram-se no curso. No primeiro encontro, os (as) participantes preencheram uma ficha (Apêndice C) com os dados de identificação. Tal procedimento se deu a fim de que fosse possível identificar e conhecer melhor os cursistas para o estudo desenvolvido. Vale ressaltar que, apesar dos trinta e cinco matriculados, somente nove permaneceram. Segundo os que não foram até o fim do curso, essa evasão se deu devido ao curso ser ministrado aos sábados, pois muitos deles já haviam firmado compromisso para este dia; e pelo mesmo ter sido realizado semanalmente. Porém, desses nove cursistas, apenas sete serão sujeitos da análise, pois foram os que fizeram as reflexões nos portfólios. De todo modo, a análise de dados será baseada nesses sete sujeitos. Vale ressaltar que nomeei esses sete sujeitos com os nomes fictícios dos personagens das histórias em Cordel, sendo assim, os chamarei de Doralice, Dona Flor, Lampião, Maria Bonita, Asa Branca, Açucena e Donzela Teodora<sup>12</sup>.

A análise de dados é feita por meio de separação de critérios com possíveis hipóteses de solução. Desse modo, recorro à análise de conteúdo (BARDIN, 2000; FRANCO, 2007), como metodologia de análise dos dados, por ter como ponto de partida a mensagem verbal escrita, silenciosa, figurativa, documental, por se tratar de mensagens carregadas de significados cognitivos, afetivos e historicamente mutáveis, de acordo com o contexto social, político, cultural e econômico que pertencem aos sujeitos.

Dessa forma, o método de análise percorreu as três fases, que, segundo Bardin (2000), correspondem à pré-análise, à exploração do material e ao tratamento dos resultados. Na fase de pré-análise, realizarei a “leitura flutuante”, que consiste em

---

<sup>11</sup> Sistema de inscrições - FURG

<sup>12</sup> Não houve intenção específica com relação aos nomes de personagem dados aos sujeitos, foi aleatório. À medida que eu lembrava dos personagens, eu nomeava os participantes da pesquisa.

examinar minuciosamente os dados coletados por meio dos portfólios, contendo as reflexões dos cursistas e das entrevistas concedidas pelos três sujeitos que usaram a Literatura de Cordel em suas práticas em sala de aula, a fim de estabelecer um contato mais aprofundado com o material coletado, com vistas à compreensão do fenômeno sob investigação. Nesta leitura, busquei analisar os dados com base na questão de pesquisa, nos objetivos traçados, nas teorias em que este estudo está apoiado e do método escolhido para o desenvolvimento desta investigação.

Em seguida, passei para a exploração e validação do material (BARDIN, 2000). Esta fase exigiu muitas releituras para a organização, codificação e classificação dos dados, a fim de orientar na análise um conjunto de instrumentos que comporão a coleta dos dados. Ao percorrer todo o material, organizei os dados, a fim de constituir o *corpus* de análise.

Na última fase, realizei uma análise comparativa dos dados, com o propósito de categorizá-los, relacionando-os com os objetivos deste estudo. Este momento Bardin (2000) chama de “inferência específica”, em que busquei responder à pergunta desta pesquisa, alcançando a interpretação dos significados e dos sentidos resultantes de uma profunda reflexão de todo o material coletado.

Para chegar nas categorias, precisei organizar todo o material, começando pela transcrição dos áudios. Depois fiz uma leitura minuciosa de todos os dados obtidos tanto nos portfólios quanto nas transcrições dos áudios. Em seguida, destaquei nas frases o que era mais significativo, sublinhei as palavras que mais apareciam e se repetiam nos textos, sempre relacionando com o meu problema de pesquisa e os objetivos traçados.

A codificação se deu pela repetição das palavras contidas nas frases presentes na unidade de significado. A categorização ocorreu pela unidade de significado presente nas frases das quais as palavras se repetiam, surgindo então as categorias finais.

Desse modo, finalizei esta pesquisa dizendo que ao longo da escrita do texto busquei esclarecer o que foi investigado, elucidando a questão de pesquisa que motivou o desenvolvimento deste estudo, ou seja, “De que maneira a Literatura de Cordel desenvolvida no Curso de Extensão – PROCORDEL – potencializa as práticas docentes dos professores na perspectiva da Educação Estético-Ambiental?”. A Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental, desenvolvidos no PROCORDEL, permitiu

uma ampliação de visão de mundo dos professores e sujeitos dessa pesquisa, uma nova forma de dinamizar o ensino e o aprendizado potencializados pelos conhecimentos obtidos, por meio das oficinas e das teorias abordadas no curso, em que, de maneira lúdica, esses professores puderam apreender cada tema abordado e pôr em prática em suas salas de aula. Foi pela entrega desses participantes e sujeitos dessa pesquisa, que precisei usar autores como Larrosa (2002) e Vygotsky, que inicialmente não faziam parte da fundamentação teórica, mas que, a partir das categorias surgidas, foram necessários para subsidiar, de forma mais ampla, os resultados. Os objetivos, a metodologia, assim como a fundamentação teórica que sustentou toda esta investigação, foram pensados a fim alcançar e atender posteriormente os resultados para esta pesquisa.

Acredito que, ao desenvolver este estudo, fez-se necessária minha permanência no processo de construção da aprendizagem, buscando avançar nesta atividade de pesquisa, na teoria e na prática, a fim de que pudesse contribuir com o conhecimento do tema. Tal movimento possibilitou investigar o tema, com foco em compreender a potencialidade da Literatura de Cordel, na perspectiva da Educação Estético-Ambiental na prática docente.

Na coleta de dados, pensando em como dar continuidade e assegurar que realmente a Literatura de Cordel, numa perspectiva Estético-Ambiental, fosse desenvolvida como prática docente nas salas de aula dos participantes do curso, elaborei uma entrevista com oito perguntas para os três cursistas, que se apoiaram no que aprenderam no curso para ministrar as suas aulas, cujas respostas foram gravadas a partir de uma autorização assinada pelos mesmos. A entrevista gravada ocorreu no mês de novembro de 2019. As perguntas foram as seguintes:

- 1) Comenta sobre a tua experiência na tua prática docente e/ou estágio docente?
- 2) A Literatura de Cordel já esteve presente em algum momento da sua história de vida? Descreve em que momento isso ocorreu e por quanto tempo:
- 3) Na tua sala de aula, que tipo de textos são trabalhados? Quais são os temas escolhidos? Comenta se a temática das relações ambientais é sugerida para discussão e por quem:



- 4) Explica a tua metodologia de trabalho, as estratégias, os recursos utilizados na sala de aula com seus alunos e alunas:
- 5) O curso PROCORDEL provocou alguma mudança na tua prática pedagógica?
- 6) Qual é a metodologia empregada para desenvolveres o trabalho com o Cordel? Descreve as etapas:
- 7) Percebes que trabalhar com a Literatura de Cordel produziu alguma mudança na tua prática docente? Descreve se ocorreram mudanças:
- 8) Qual é o significado da Literatura de Cordel na tua vida e na tua formação docente? O processo de construção das categorias teve início após a transcrição dos dados pertencente à segunda etapa de coleta dos dados. Com o agrupamento dos dados, surgiram duas categorias, a saber: “As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula” e “Educação Estético-Ambiental: por uma pedagogia de Cordel”. Na seção seguinte, apresento a análise dos dados obtidos na pesquisa, dando início com um cordel que foi composto para contextualizar o trabalho.

### **Cordel Contextualização**

Pra contar essa história  
Revisitei meu passado  
Passei por minha infância  
Me emocionei um bocado  
Revi voinha e voinho  
Que pro céu foram levados.

Vi mainha na sala  
Com um folheto na mão  
Declamando um Cordel  
Me tomando a lição  
Enquanto voinha narrava  
Causos de anunciação.

Vi painho na garagem  
Tocando seu violão

Cantando amor e saudade  
No embalar da canção  
Me ensinando a cantar  
Com todo o seu coração.

Avistei voinho no alpendre  
Entoando uma aboiada  
Curtindo e cortando o couro  
Fazendo roupa pra vaquejada  
Costurando chapéu sertanejo  
Pro vaqueiro enfrentar indiada.

Vi uma menina contente  
Atenta ao aprendizado  
Guardando em sua cabeça  
Tudo o que foi ensinado  
Deixando aflorar a arte  
Do seu mundo encantado.

Vi Luciana me olhando  
Tinha alegria em seu rosto  
Ao me dizer segue firme  
Ocupe lugar no seu posto  
Obrigada por me enxergar  
Tornando o professor seu gosto.

Passei pela pedagogia  
Curiosa e amedrontada  
Era tudo diferente  
Não sabia o que me esperava  
Até encontrar amigos  
Que me ajudaram na caminhada.

Revi o projeto Pibid

Que me indicou o caminho  
Me apresentou a escola  
Que me recebeu com carinho  
Descobrimo em mim a poeta  
Escondida em seu cantinho.

Passei esses 4 anos  
Mergulhada no que sou  
Mostrando a minha arte  
Trabalhando com amor  
Concluindo TCC  
Nota máxima com louvor!

No mesmo ano pensei  
Quero seguir pesquisando  
Enfrentei uma seleção  
Concorrida por todo mundo  
Me esforcei, consegui  
Terminei no mestrado ingressando.

Eis que aqui me encontro  
Pra apresentar a vocês  
Tudo o que construí  
Os caminhos por onde andei  
Finalizada a dissertação  
Vou expor o que pesquisei.

## **5.1 Analisando os dados obtidos na pesquisa**

Ao analisar os dados, surgiram as seguintes categorias acerca da pesquisa: As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula; e Educação Estético-Ambiental: por uma pedagogia de Cordel, que apresento nas seções subsequentes.

### **5.1.1 As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula**

Como resultado da pesquisa realizada, disserto sobre a primeira categoria das análises feitas, em que os sentidos, as sensações e as emoções experienciadas pelos cursistas, por meio da formação de professores, a partir do curso de extensão PROCORDEL, através das escritas individuais no portfólio, após cada encontro do curso; e das entrevistas realizadas pós-formação<sup>13</sup>, atestam o surgimento desta categoria. São narrativas que despontaram um horizonte de possibilidades por meio do Cordel, como um auxílio na prática docente dos participantes, visando contribuir na maneira de ser e de agir dos professores e dos futuros pedagogos em sala de aula, por meio das oficinas ministradas nesse curso, que pretendeu uma formação acerca da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental. Essa formação possibilitou despertar essas várias possibilidades de trabalhar a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula, no ensino/aprendizagem, usando a construção de Cordel, a xilogravura, a confecção dos folhetos de Cordel e o Sarau, proporcionando aos mesmos um olhar mais artístico e estético despreocupado com o conteúdo a ser vencido, de forma a desacomodar e transformar as suas vidas, pois, para Silva e Dolci (2020):

Ao se trabalhar o Estético-Ambiental e a Literatura de Cordel juntos, um novo horizonte se abre, ampliamos a nossa visão de mundo, passamos a refletir acerca desse Universo constituído de povos, com suas várias nuances, suas várias formas de ser, de estar, de falar, pensar e se comportar no mundo. (SILVA; DOLCI, 2020, p. 305).

---

<sup>13</sup> Todos os dados obtidos por meio da pesquisa, ou seja, dos portfólios e dos áudios, são fiéis às falas dos sujeitos. Por essa razão estão identificados em itálico.

Conhecer a Literatura de Cordel, para os participantes, foi uma experiência única, proporcionando aos mesmos aprendizagens significativas para as suas vidas e para o seus fazeres docentes. Lampião relata que essa experiência com o Cordel provocou nele um mergulho em seu passado, em que ele resgatou lembranças que estavam guardadas desde muito tempo, e, conforme ele diz: *“Desde os oito anos de idade, pelo menos, até hoje, meu pai me levava para ver a exposição de Cordel, como é que era”*, e continua: *“Ele tem a musicalidade na própria rima”*. Para Açucena, a experiência com o Cordel foi enriquecedora, pois permitiu que ela atualizasse o pouco conhecimento que tinha sobre o gênero, falando sobre a importância de ter uma cordelista na formação, como está presente em sua fala: *“A importância de ter alguém que nasceu e cresceu fazendo cordel, a propriedade de uma cultura para nos apresentar essa literatura tão rica de sensibilidade, sentimentos, valores que nos constroem enquanto humanos”*, e completa: *“O caminho se aprende caminhando, pois foi assim que tudo aconteceu ao longo desde trajeto que percorremos juntos”*.

Para Doralice, *“foi uma experiência muito rica”*, pois agregou em sua formação. Ela relata que a *“experiência foi muito significativa, tanto na minha formação profissional como pessoal”*. E continua explicando que algo mudou na sua maneira de ser, por acreditar que passou a *“ter mais empatia com as pessoas a se colocar mais no lugar outro”*.

Já Maria Bonita, relata que a experiência com o Cordel agregou saberes, conforme segue: *“O curso me agregou muitos saberes importantes dentre eles a sensibilização com a cultura, saberes e conhecimento com o outro, o respeito mútuo dentro do coletivo”*, e continua: *“nosso primeiro encontro me proporcionou sanar brevemente esta lacuna e me emocionar com a quantidade de sentimentos e emoções que este assunto pode proporcionar”*, e ainda complementa: *“me permitiu perceber o quanto pode ser expressado em um gênero textual lindo como esse e que na nossa região é pouco explorado”*. Asa Branca verbaliza que *“durante os momentos de aula pudemos nos remeter aos tempos de infância, onde a poesia e a música fazem parte de um aprendizado sobre a vida, a partir de registros simples do cotidiano”*.

As verbalizações dos participantes remetem às experiências significadas que, segundo Larrosa (2002), *“é aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da*

experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. (LARROSA, 2002, p. 25-26; grifo do autor).

Os participantes da formação acima citados, falam sobre a oportunidade e a importância de poder aprender sobre Literatura de Cordel, sobre esse mundo mágico, com uma cultura tão diversificada; e essa ideia remete a experiências significadas que Larrosa (2002) traz. Esse conceito também expressa o valor de compartilhar saberes advindos de outras culturas, e todas elas têm a sua importância, o seu valor em agregar saberes diversos, criando possibilidades para problematizar em sala de aula e levantar questões acerca dos vários preconceitos existentes no cotidiano escolar, com um olhar voltado sensivelmente para o todo. E, pensando sobre tudo o que foi dito, concluo que o aprendizado vem ao longo das nossas vivências, com experiências, trilhando e percorrendo um caminho cheio de aprendizados e significados.

Ainda falando sobre experiência, Larrosa (2002) destaca que “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 24), e esses acontecimentos perpassaram por descobertas sobre outras culturas, outros sentimentos, outros saberes e outros conhecimentos capazes de reconhecer o quanto o gênero literário Cordel pode fazer parte do cotidiano escolar, auxiliando no ensino e na aprendizagem aqui no Sul, como está presente na fala de Dona Flor: *“o Cordel é uma coisa que amanhã ou depois quando eu tiver na minha sala de aula, com certeza eu vou querer trabalhar”*, já que *“é uma literatura rica em história, é uma coisa que vem de um povo e não tem nada mais significativo pra ti trabalhar do que trabalhar a história de um povo”*.

Dessa maneira, o Cordel proporcionou também descobrir o quanto as histórias narradas podem propiciar saber sobre o outro, sobre o seu mundo, sua cultura, instigando o respeito mútuo, criando um eixo ao usar a rima do Cordel como uma maneira de se conectar com os educandos e problematizar várias questões em sala de aula, como, por exemplo, as variações linguísticas, os hábitos, a culinária, os problemas socioculturais e socioambientais existentes em nosso país.

Desse modo, evidencio o quanto esta formação proporcionou aos participantes, por meio da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, juntos, pensar para além do óbvio, ou seja, compreender que essa linguagem, que é o gênero literário Cordel, bem como esse novo conceito acerca do trabalho com as linguagens,

que é o sentido estético a partir do sensível, possibilitado pelo Estético-Ambiental, permitiu uma ampliação de horizontes, um novo olhar para a arte em si, um novo olhar para uma educação que realmente faça sentido e que, além de despertar o senso crítico, desperte também para o outro, para o seu próprio eu, para o cuidado e a preservação da natureza, para a conservação desse todo, como está presente nas falas de Duarte Jr. (2006), quando diz:

É necessária uma reorientação do nosso estar-no-mundo, a qual, sem sombra de dúvidas, precisa contar tanto com novas visões do que seja o pensamento científico e a ação técnica, como também do que significa uma vida em equilíbrio sensível com o planeta. Em outros termos, de nada valem rigorosas discussões teóricas e projetos detalhistas de regeneração ambiental, fundados ambos num decadente e já provado improfícuo modo de pensar, se a atitude básica – vale dizer, sensível – para com o mundo não for alterada para uma forma diversa dessa que veio embasando a modernidade. (DUARTE JR, 2006, p. 29).

A arte de educar na contemporaneidade vem se tornando cada vez mais desafiadora, dado que múltiplas especificidades, que desacomodam o ser/fazer docente, são encontradas nas salas de aula. Acerca disso, Dona Flor relata que *“Somos educadores ou seremos educadores, mas não podemos esquecer que somos humanos e lidamos com vidas e com elas a complexidade de suas vivências”*. E acrescenta: *“O curso de literatura em cordel modificou minha forma de pensar, de olhar a literatura. Aprendi muito mais que cordel neste curso, aprendi a escutar as vivências do outro”*. Na fala de Dona Flor, está impressa a importância de ser educador nessa sociedade em que vivemos e o quanto somos desafiados por ela.

Ser educador ensina, na prática, a lidar com as vidas dos educandos, com suas experiências e com suas vivências, que evidenciam toda uma bagagem que também se faz importante no ensino e na aprendizagem. Nas falas dos sujeitos, está evidente como o Cordel ampliou os seus conhecimentos acerca dessa literatura e o quanto ampliou a suas visões de mundo, a visão de mundo que, segundo Freire (1999), está presente em uma educação que é capaz de promover autoconhecimento, respeitando as maneiras de ser e viver do educando e do educador, num ato contínuo de criação e de recriação de significados, enquanto condição de possibilidade para uma educação conscientizadora, problematizadora e libertadora, numa perspectiva dialógica e continuamente reflexiva através da práxis, com o objetivo de ampliar a visão de mundo e a participação consciente do indivíduo no mundo.

Dona flor evidencia que lidamos com vidas e com elas toda uma bagagem, que também se faz importante no ensino e na aprendizagem. Ela fala sobre como a Literatura de Cordel, ou seja, de como o Cordel ampliou o seu conhecimento acerca desse gênero literário, desta literatura, e o quanto ampliou a sua visão de mundo.

Uma visão que tornou Dona Flor bem mais tolerante acerca do outro, em que ela aprendeu a respeitar as várias maneiras de ser e estar no mundo, transformando-a não só como ser humano, mas auxiliando na sua construção como docente. Quando Dona Flor fala em ser uma educadora, expressa toda a responsabilidade que um professor carrega, pois, todos os dias, ao lidarmos com vidas, estamos ajudando na construção de cidadãos críticos e conscientes, que poderão transformar essa sociedade em que vivemos em uma sociedade justa e igualitária; e isso pode começar pelas escolas, com um trabalho docente engajado em fazer com que essas transformações de fato aconteçam.

A Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental agregaram aprendizados e conhecimentos muito significativos para os participantes, uma maneira de trabalhar com ambas em sala de aula. A construção de Cordel foi uma das metodologias em que eles mais sentiram dificuldades, porém, a descoberta de sua magia, tornou propício o seu aprendizado, tal como vemos presente na fala de Lampião: *“quando cheguei lá eu encontrei uma tempestade de ideias. Eu nunca tinha pensado em fazer esse tipo de coisa, pegar um monte de palavras e transformar”*, continua: *“ora foi o ponto inicial para eu fazer uma revisão do que eu já tinha visto de Cordel durante toda a vida”*. Também aprendi muito com os participantes da formação acerca do Cordel, e, como nos diz Freire (2005), um educador só é educador de verdade, se à medida que ensina, também aprende.

E foi em mergulhos profundos que também aprendi com os participantes do curso, nesta formação, a pensar sobre a minha maneira de professar. Maria Bonita verbaliza o quanto o Cordel a despertou, a instigou; e quando ela verbaliza que o aprendizado desenvolvido acerca da Literatura de Cordel a instigou, ela não se refere somente a sua vida pessoal, mas profissional, como docente. Diz ela: *“[...] gostaria de expressar o encantamento que tive com a propriedade que a Josy tem para falar sobre o assunto, isto foi essencial para me despertar essa sensibilidade e admiração com a Literatura de Cordel”*. E ainda completa: *“O encontro foi riquíssimo e mesmo que eu quisesse, não conseguiria em palavras dizer o quanto me acrescentou e instigou”*.



A Literatura de Cordel é minha paixão, faz parte de toda a minha constituição, presente por toda a minha vida. É simplesmente encantador e extremamente gratificante, através dessa formação, ter proporcionado esses sentimentos e aprendizados nos participantes. Isso só me faz refletir sobre como encontrar meios de poder melhorar, maneiras de me aprimorar como docente, como oficinaira, como palestrante, como poeta e escritora que sou, e de aprendente também, pois estamos o tempo todo aprendendo, já que o conhecimento é infinito e sempre tem algo a ser aprendido, apreendido e compartilhado.

O Cordel possui uma maneira peculiar, em que está presente muito fortemente a oralidade, o ritmo, a rima, a métrica. Dessa maneira, ao narrar as histórias de Cordel, existe no ambiente toda uma comoção, pois geralmente são histórias carregadas de vivências, o que torna possível um trabalho com a oralidade, a leitura e a escrita, além de problematizar algumas questões relacionadas à região, como as questões socioeconômicas. Doralice diz: *“Fiquei simplesmente encantada com o poder dessas palavras, que nos passam uma energia tão positiva e ao mesmo tempo são palavras tão fortes que representam as vivências e os sonhos”*.

A formação de professores também permitiu conhecer, respeitar as vivências de cada um, com suas experiências. Como esses conhecimentos compartilhados poderiam somar em nossas vidas, em nosso trabalho. Isso requer, antes de mais nada, saber ouvir, saber partilhar, saber dialogar, saber olhar para o outro, procurando aprender com ele, despertando a curiosidade em aprender sobre a sua cultura, sobre a sua maneira de professar. Estou falando culturalmente, sobre outras formas de ver e pensar o mundo do outro.

O Cordel permitiu conhecer outra cultura, despertar o que chamamos de empatia, empatia vivida, sentida e compartilhada por todos nós no curso, nos proporcionando refletir sobre a vida, fazendo-nos refletir sobre como estamos vivendo e nos comportando nesse mundo, em que estão prevalecendo amizades e amores vazios, tão rasos e findáveis. O curso também permitiu conhecer e respeitar o outro, e isso demanda, antes de mais nada, saber ouvir, saber olhar para o outro, despertando a curiosidade em aprender sobre outras culturas e outras formas de ver o mundo do outro; solicita vontade, prazer, ânsia por conhecimento. E ao conhecer, a gente aprende, apreende, apropria-se, integra-se e compartilha. O PROCORDEL permitiu aos cursistas saber mais sobre Literatura de Cordel, fez com que os mesmos

compreendessem que o Cordel é mais que um gênero literário, é mais que difusão folclórica. Segundo Silva, Dolci e Rezende (2019),

[...] o cordel pode ser usado não somente como difusão do folclore brasileiro, mas também como um viés para a arte, para a construção de significados, para o conhecimento de outros cantos e recantos que existem em nosso país, como sua linguagem, seus hábitos, sua culinária, mudando assim a sua maneira equivocada de enxergar o outro, nesse caso o nordestino, e dessa maneira penso que a literatura de cordel tem muito mais a nos ensinar, basta que queiramos mergulhar nesse universo tão rico e cheio de aprendizados que existe nesse gênero literário (SILVA; DOLCI; REZENDE, 2019, p. 11).

O propósito desse curso era exatamente o de ampliar o conhecimento, para que se estendesse às práticas dos professores, em suas salas de aula, somando saberes à sua formação, em seu professar. Desse modo, aprender e reconhecer que foi aprendiz é sinônimo de humildade e, na medida em que nós educadores ensinamos, estamos compartilhando saberes com os sujeitos envolvidos nesse processo permanente de ensinar e aprender. Açucena relata: “*O carinho das organizadoras com detalhes de propor as práticas, que complementavam as teorias abordadas, isso determinou o sucesso de tudo o que participamos*”. E continua:

*Fizemos destes momentos o melhor de nós em nosso envolvimento, isso foi o que senti de mim e de todos envolvidos. Assim se constrói professor. O caminho se aprende caminhando, nesse caminhar, sinto, percebo, escuto, falo, aprendo, me alegro, me aproprio de tudo que me constrói enquanto humano e de tudo que fez parte do meu contexto e assim aprendo a valorizar, respeitar, criar, e principalmente transformar. Transformar na minha prática, na minha vida, no meu ser professor, essa pessoa inacabada que caminha e aprende caminhando. Foi maravilhoso aprender com vocês. (AÇUCENA).*

Destaco a frase “Assim se constrói professor”. E foi com esse intuito que foi realizada a formação, pois penso que a construção de professores está no coletivo, está no compartilhar saberes, está no diálogo acerca desses vários saberes. Ninguém caminha sozinho quando se fala em docência. Precisamos nos aperfeiçoar sempre e esse aperfeiçoamento também acontece no encontro com o outro, valorizando cada experiência, respeitando cada vivência, valorizando cada ser humano, com suas especificidades, suas limitações, transformando cada aprendizado em um melhor professar, extraindo o melhor de cada experiência. Dessa forma,

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão,

de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2002, p. 24).

A formação de professores, com foco na Literatura de Cordel e na Educação Estético-Ambiental, foi pensada para tornar esse gênero literário e esse conceito sobre a educação do sensível, corriqueiro nas escolas, como uma possibilidade para auxiliar no ensino e na aprendizagem, justamente pela diferença do Cordel em relação às outras poesias, falando mais especificamente sobre uma região Nordeste, em que a maioria de suas composições revela as mazelas do nordestino, que tem a sua maneira de falar, de ser. Tais características propiciaram um trabalho sobre a variação linguística e os diferentes modos de ser e viver dos povos, evidenciando as diferentes culturas existentes em nosso país, que é gigante, que possui sua culinária, seus hábitos, sua tradição, suas belezas, seus cantos e seus recantos. Lampião corrobora com este entendimento, quando diz: *“Cordel é do Ceará, é da Bahia, é de Pernambuco, é de fato do Nordeste. Sou paulistano de nascimento e a atividade de Cordel se vê muito em praça pública, porque São Paulo é constituída por nordestinos”*

Alguns dos participantes já tinham ouvido falar sobre Literatura de Cordel. Lampião, por exemplo, não teve a oportunidade de aprofundar esse conhecimento, conforme relata: *“quando eu era menino achava muito bonito, eu tinha oito anos. Tem uma coisa bastante interessante, eles dialogam com a xilogravura”*, e continua: *“porque junto com o Cordel tem os artistas de xilogravura, que vendem xilogravura no sinal”*. Açucena declara: *“Eu particularmente sabia que cordel é uma poesia, mas não imaginava que existem vários tipos de Cordéis”*.

Dessa maneira, a formação permitiu um conhecimento mais aprofundado, acerca do que seria esse gênero literário, saber sua origem, entender a sua composição, ter uma noção de suas peculiaridades, compreendendo a riqueza existente em sua oralidade, em sua rima, em seu ritmo e em sua sonoridade; e voltar esse conhecimento para as salas de aula, na prática docente, como uma linguagem, potencializando o ensino e a aprendizagem, como Lampião relata: *“Eles me procuram e a gente faz até uma disputa de rima e os temas são variados, inclusive o ambientalismo também. Na questão eu que aprendi lá que achei muito bonito que é a tempestade de ideias”*. Os saberes adquiridos por meio da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, na formação de professores, perpassou os

participantes de tal maneira que agregaram a metodologia das oficinas à sua prática em sala de aula, tornando-a um meio de aproximação com o educando.

Lampião fala em Literatura de Cordel como ferramenta: *“Foi uma ferramenta a mais e diga-se, uma ferramenta poderosa, se a aula tiver muito chata, o que é normal de acontecer depois que o estudante se habitua ao professor, é um estímulo a mais”*. Para nós, porém, o Cordel é mais, é uma linguagem possível que instiga o ensino/aprendizado por meio do estético, mediante os sentidos, as sensações e as percepções.

Todos os dias, nós professores somos bombardeados por informações, e o tempo todo estamos procurando maneiras de dinamizar o nosso ofício de professor, de atualizar o nosso fazer docente, seja onde for, como for, como está expresso na fala de Asa Branca, que diz: *“Vejo outras possibilidades para a alfabetização de Jovens e Adultos utilizando imagem, sonoridade e corporeidade no processo de memorização e aprendizagem propícia ao ensino da EJA”*, e continua: *“pois o Cordel é isso, é ritmo, é sonoridade, é movimento, é rima”*. Doralice verbaliza também acerca da EJA e sobre o seu fazer docente na mesma, em que seus alunos carregam uma bagagem diversificada, com vivências significativas, como ela diz: *“A gente busca apresentar diversos gêneros textuais para eles, charge, Literatura de Cordel, literatura infantil, jornais”*. Ela cita também que seus alunos tem uma relação ativa com o meio ambiente, porque a maioria deles são pescadores: *“A maioria deles traz relações com o meio ambiente, mas não só com o ambiente de natureza, mas com o ambiente que a gente vive”*. Segundo Doralice, os educandos, por nascerem e viverem em meio a comunidade pesqueira, falam muito em preservar a vida nos mares, pois é o mar que garante o sustento de suas famílias, e esse conceito já está intrínseco neles desde o nascimento, sem que precise da escola para ensiná-los sobre a importância de preservar. Sendo assim,

Numa perspectiva transformadora e popular de uma Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, o mundo, transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário. (LOUREIRO, 2012a, p. 28).

Doralice e Dona Flor falam a respeito da metodologia que usaram em sua sala de aula, já que fizeram o estágio de docência juntas. Elas pensaram em recursos

metodológicos que proporcionassem uma aula diversificada para seus educandos, já que se tratava de alunos da EJA. Doralice relata: *“A gente procurou trabalhou com bastante recursos: áudio visuais, músicas, saídas de campo, procurando diversificar as aulas com bastante significado para eles, de acordo com cada vivência”*, e continua: *“sempre conhecendo a turma antes, para depois organizar qual seria a metodologia que seria usada para a turma”*. Já Dona Flor, relata: *“trabalhamos literatura, gêneros literários por causa da leitura, então, a gente trabalhou fábulas, contos, charges, cordel, poemas, cantigas”*, e continua: *“a gente queria enriquecer o repertório deles, proporcionar aquilo que não é proporcionado dentro da escola, trabalhando música, imaginação e sentimento”*. Dessa maneira, a metodologia sobre a Literatura de Cordel e a Educação estético-Ambiental foi incorporada em suas práticas.

Nesta formação de professores, aprendemos a trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula, na constituição de um saber/fazer docente acerca de uma gênero literário e de uma educação baseada no sensível, mas aprendemos também a olhar mais de perto, a enxergar e descobrir coisas sobre o outro, suas vivências, seus temores, seus sonhos, suas maneiras de ser e existir nesse mundo, que, apesar de caótico, ainda guarda seres humanos dotados de sensibilidade, de profundo respeito pelo outro, por sua cultura, por sua maneira de ser, de falar, de se portar. São seres humanos dispostos a compreender a verdade do outro através da sua própria verdade, e juntos percorrerem um caminho a procura do seu saber/fazer docente, engajados na busca por uma educação sólida, igualitária num processo dialógico contínuo, como forma de descobrir o nosso jeito de ministrar aulas e, dessa maneira, criar uma vontade enorme de transformar o mundo em que vivemos hoje num mundo muito melhor amanhã, através de uma educação de qualidade, caminhando ao encontro da equidade entre os sujeitos. Dessa forma,

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se dos processos de formação que desenvolvam os conhecimentos e as habilidades, as atitudes e os valores que possibilitem aos professores construir seus saberes/fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois, que mobilizem os conhecimentos da teoria da educação e do ensino para as áreas do conhecimento necessárias à compreensão do ensino como realidade social e que desenvolvam nelas a capacidade de investigar a própria atividade (a experiência), para, a partir desta, constituir e transformar seus saberes/fazer docentes num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 92).

Os participantes dessa formação, como citei anteriormente, não sabiam muito sobre Cordel, alguns já tinham ouvido falar, outros tinham vontade em aperfeiçoar o conhecimento sobre esse gênero, como pode ser percebido na fala de Dona Flor: *“Não conhecia quase nada de cordel, cheguei apenas com a curiosidade e saí cheia de expectativas”*. E continua: *“O encontro foi riquíssimo em aprendizados e trocas de experiências. Para mim o encontro se resume em uma palavra: EMOÇÃO”*. Dona Flor verbaliza sobre como cordéis despertaram sentimentos múltiplos, pois na maioria dos cordéis estão retratadas vivências perpassadas de lutas; de chegadas e de partidas; de perdas e de ganhos; de saudade e de lágrimas; de alegrias e também de tristezas. Dona Flor deixa transparecer em sua fala o desconhecimento acerca do Cordel e o quanto o gênero a encheu de expectativas, tornando o encontro emocionante, rico em aprendizado. A fala de Dona Flor, corrobora o entendimento de Larrosa (2002), que diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Doralice verbaliza o motivo que a conduziu a participar do curso: *“Eu escolhi participar deste curso pois fiquei curiosa”*. E acrescenta: *“Nos próximos encontros espero conhecer melhor essa cultura nordestina, para poder repassar aos meus futuros alunos e valorizar essa cultura que é nosso patrimônio”*. Diante de toda essas descobertas, existe ainda a sensação boa de enxergar em cada participante, uma vontade genuína em querer aprender, valorizando o conhecimento adquirido no momento, compartilhando e mergulhando de fato, no mundo do outro, nesse caso, mergulhando em meu mundo, e isso está a todo o tempo presente nas verbalizações dos(das) mesmos(as).

Uma peculiaridade muito interessante sobre os participantes é que eles falam sobre o desconhecimento acerca da Literatura de Cordel e o quanto eles(as) falam em querer trabalhar em suas salas de aula, como Maria Bonita verbaliza: *“Diante de tudo o que foi proporcionado hoje, nos foi oportunizado problematizar o*

*desconhecimento do Cordel em nossa região e o quanto se perde por não aproveitar esta riqueza na sala de aula*". Lampião teve essa experiência, conforme relata: "*Tem uma base que é o tradicional, traz o tema nordestino, algum tema histórico, que já vem na disciplina de História e de Sociologia, a partir disso a gente constrói o próprio tema*", e continua: "*Ainda que exista o tradicional, causos de amor, causos de guerra, o Cordel se atualizou, o caso de governo está bastante presente, porque a finalidade do Cordel é comunicar*".

Lampião usou as oficinas de Cordel para preparar as suas aulas, empregando o ensinamento das oficinas para dinamizar as aulas, movimentando os alunos, instigando-os a descobrir, e completa: "*A xilogravura sempre, sempre presente*". A maneira como Lampião trabalhou a Literatura de Cordel em sala de aula, mostra que se faz necessário conhecer mais esse gênero literário, enfatizando a importância de difundir essa arte aqui na região Sul. Vygotsky (1999) compreende que "a arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões, vícios [...]" (VYGOTSKY, 1999, p. 316).

Diante disso, procurei uma maneira de fazer com que cada teoria abordada, cada oficina ministrada, resultasse em atribuição de sentido e significados para eles, que fosse também de fácil entendimento para os(as) participantes, e de fato foram gratas surpresas, pois havia um encantamento acerca dessa temática, em que eles(as) buscavam com afincado aprender. Foi possível, assim, desfrutar de cada aprendizagem com tamanha dedicação que emocionava, atribuindo a essas experiências seus sentidos e seus significados mais particulares, como Larrosa (2002) nos diz: "A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente "ex-iste" de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente" (LARROSA, 2002, p. 25; grifo do autor).

Cada etapa da formação tinha um sabor de descoberta, presente na fala de Doralice: "*A primeira vez que eu conheci a Literatura de Cordel foi através da FURG, eu não tinha conhecimento antes dessa Literatura*". Em cada oficina havia uma concentração, afim de que os participantes aprendessem e nada passasse despercebido. Assim, Maria Bonita verbaliza acerca das oficinas: "*A técnica da xilogravura me deixou encantada, e fiquei imaginando como seria trabalhar em sala*

*de aula com crianças ou adultos*". E ainda: *"A proposta foi muito interessante hoje, construir um cordel coletivamente! Fiz a chuva de tempestade, que me auxiliou muito"*.

Era gratificante ver as reações a cada etapa cumprida, a cada conhecimento adquirido; e a emoção de vê-los concentrados na construção do seu próprio Cordel, usando a tempestade de palavras, ao confeccionar a sua xilogravura no EVA, ao dobrar a folha de papel A4, para construir o seu folheto de Cordel, divertindo-se como se fossem crianças ao descobrir e desbravar novos horizontes, sem perder nenhum detalhe daquela experiência. Acerca disso, Larrosa (2002) compreende que "este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece" (LARROSA, 2002, p. 27).

Posso dizer que esse curso foi para mim muito mais do que uma formação de professores, foi uma avalanche de emoções, em que todos os envolvidos se transformaram, modificaram-se de alguma maneira, tornando-se seres humanos um pouco melhores, docentes muito mais engajados numa luta por uma educação baseada no sensível, numa educação voltada para o nosso saber/fazer docente, em que aprendemos a percorrer caminhos para além dos muros da escola. Acredito que um dos motivos para não se trabalhar com uma educação voltada para as linguagens é a falta de formação de professores que querem trabalhar com algo diferente em sua sala de aula, mas não sabem como, não encontram um caminho para ser seguido.

Desse modo, essa categoria está em conformidade com os conhecimentos despertados a partir da formação por meio das oficinas ministradas e da abordagem da teoria acerca da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, em que foi possibilitado um olhar mais aprofundado, não só para as linguagens, mas também para uma educação que priorizasse os sentidos e as sensações dos(das) participantes. A Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental mostraram que é possível transformar uma educação tradicional em uma educação que faça mais sentido para o educando, pois, através da arte, o mesmo pode fazer do seu aprendizado uma extensão para a sua vida, conhecendo-se, sensibilizando-se, descobrindo-se, transformando-se, despertando para si, para o outro, para o mundo, como enfatiza Silva e Dolci:

A arte tem esse poder. Ela aproxima as pessoas, as tocam, as transformam, revela talentos escondidos, deixa aflorar sentimentos e percepções antes



enclausurados dentro de nós mesmos, pelo simples fato de termos esquecido quem fomos um dia, seres humanos dotados de múltiplos talentos, de inúmeras facetas, de uma sensibilidade nata, de compaixão, ética, de solidariedade, de “humanidade”. (SILVA; DOLCI, 2020, p. 305; grifo das autoras).

Existia uma curiosidade em conhecer melhor a Literatura de Cordel como uma metodologia em sala de aula, e fica evidenciado quando Doralice verbaliza que *“queria conhecer melhor o cordel e as possibilidades de trabalhar com ele”*. Doralice externa a vontade de levar a Literatura de Cordel e tudo o que a constitui metodologicamente para dentro da sala de aula, salientando a importância de levar outras possibilidades de ensino/aprendizagem por meio das linguagens, através de outras metodologias, mediante outras experiências, outras culturas, outros olhares, outras formas de conhecimento. Vivemos em um país multicultural e é simplesmente inaceitável que culturas cheias de conhecimentos, que podem agregar e muito no ensino-aprendizagem, fiquem inalcançáveis pelo simples fato de não serem devidamente explorados.

Existe um potencial muito grande em todas as regiões, que são ricas em cultura e diversidade. Em consonância com esse pensamento, trago a fala da cursista Dona Flor, quando diz: *“achei muito interessante poder levar o cordel para sala de aula, como forma de expressão, e aproximação dos educandos com a cultura que nos remete a uma parte do Brasil que é tão esquecido e que é tão rica e cheio de diversidade social e cultural”*. Essa sensibilidade deve-se ao fato de as linguagens permitirem que aprendamos com os sentidos presentes numa educação baseada no Estético-Ambiental, como relata Donzela Teodora: *“compreendemos a importância da Educação Estético-Ambiental não só no ambiente escolar, como também nos demais ambientes que aos quais estamos inseridas direta ou indiretamente”*. Assim, a Literatura de Cordel

nos possibilita que em sala de aula, possamos trabalhar de uma maneira mais abrangente, como por exemplo, usar o poema de cordel na interpretação de textos, na construção de poemas de maneira crítica, na formulação de textos variados usando sempre outros textos para que possam fazer associações, intertextos e perceber as diferenças existentes entre os gêneros textuais. (SILVA; DOLCI; REZENDE, 2019, p. 15).

Donzela Teodora verbaliza sobre a importância de abranger o conhecimento das teorias e das práticas de uma Educação Estético-Ambiental, a fim de compreendermos esse movimento entre o eu, o outro e o meio, salientando a

relevância de abordar uma educação baseada no estético não só em sala de aula, mas em todos os ambientes em que frequentamos, trabalhando com as possibilidades que a Educação Estético-Ambiental pode proporcionar em sala de aula e fora dela. Maria Bonita compreende que *“ampliar o entendimento sobre educação Estético-Ambiental é necessário, para que nós enquanto docentes, possamos formar sujeitos pensantes, críticos e transformadores”*. E Doralice completa: *“adorei ler estes textos, são de uma leitura muito agradável e fácil”*, e ainda: *“acredito que estes textos vêm para buscar tornar o leitor mais consciente, em sua relação com o mundo, com a sua relação com o outro e também ter empatia”*.

As verbalizações de Donzela Teodora, de Maria Bonita e de Doralice explicitam que a necessidade de se trabalhar com uma Educação Estético-Ambiental está em transformar educandos em cidadãos conscientes, aptos para agir criticamente na sociedade, capazes de adquirir discernimento não só sobre seus deveres, mas também sobre seus direitos, tornando-se conscientes, enxergando além de si mesmos, enxergando o outro, o meio em que vivem, a fim de transformar a realidade posta e se posicionar diante dela como agentes autônomos que são. Isso quer dizer que

a arte em educação ambiental não pode, portanto, replicar práticas, mas estimular a livre manifestação corporal de educadores e educandos. Não cabe aí o julgamento de certo e errado, mas a busca de sentidos que despertem a crítica, que valorizem as pessoas no que são em suas falas, no que seus corpos expressam, auxiliando no pensar o mundo e o eu enquanto mundo através de linguagens distintas. (LOUREIRO, 2019, p.68).

Quando falo em trabalhar em sala de aula através de uma Educação Estético-Ambiental, falo em trabalhar esse gênero literário que é a Literatura de Cordel, com todas as linguagens possíveis, ou seja, com o desenho, a pintura, a escrita, a interpretação, enfim, com todas as linguagens que a Literatura de Cordel abrange, sempre oferecendo aos educandos informações que facilitem seu entendimento, que os mobilize, que os movimente. Acredito que o ambiente em sala de aula fica mais leve, descontraído e apto a criar uma relação de amorosidade e curiosidade com o conhecimento, uma relação em que o fato de aprender se torna algo mais significativo, mais produtivo do que o vencimento de conteúdo.

Vale destacar que Doralice verbaliza o motivo que a levou a escolher a formação, ao dizer que: *“me inscrevi para este curso sem saber muito sobre o cordel,*

*e agora já me vejo pensando nas possibilidades de trabalhá-lo na sala de aula*". E acrescenta: *"a aula de hoje foi simplesmente encantadora, através desta aula podemos aprender como é composto um cordel, quais são as regras para sua composição e até recebemos o desafio construir um"*. Nesse trecho, Doralice fala sobre a oficina de construção de Cordel, em que apresentei as possibilidades de se trabalhar com os educandos em sala de aula.

Lampião relata a impressão sobre a construção do Cordel, ao dizer que: *"saberes que me impressionaram bastante, onde foram demonstrados como se faz, descrito a sua construção que se dá de forma diferenciada da trova e da poesia"*, e complementa: *"Poesia e poética foram aprimoradas e conhecimentos adquiridos e somados"*. Em seu relato, Lampião compreende a diferença entre uma poesia de Cordel e outras poesias, ao dizer que se dá de maneira diferente das demais. Ainda sobre a construção de Cordel, Doralice reflete: *"estou encantada com a composição de um Cordel, nos possibilita um novo olhar sobre essa literatura que apresenta a cultura do Nordeste"*, e acrescenta dizendo que *"é atraente para trabalhar a leitura, a escrita, a composição, a criatividade e ainda possibilita a descoberta de novos talentos"*.

É válido esclarecer que a oficina de construção de Cordel constitui-se na aplicação das regras básicas para a composição do mesmo, que possui algumas especificidades que a diferencia de outros tipos de poesias, como, por exemplo, a quantidade de versos que compõem cada estrofe e a métrica aplicada: Uma quadra é composta por quatro versos; uma sextilha, por seis versos; uma septilha ou sétima, por sete versos; uma oitava, por oito versos; e a décima é composta por 10 versos. Doralice verbaliza também sobre a oficina de xilogravura, ao dizer: *"aprendemos sobre a xilogravura, nós aprendemos essa técnica com EVA, tinta e papel, achei incrível. Esta é mais uma possibilidade para trabalhar em sala de aula"*.

A formação de professores empregou em sua metodologia possibilidades de trabalhar a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula. A construção do Cordel foi para eles(as) algo que, num primeiro momento, pareceu impossível, porém, eu tinha uma surpresa, uma carta na manga: a tempestade de palavras, que nada mais é que uma chuva de palavras escritas dentro de uma nuvem caindo em tempestade, e que, na verdade, foi um facilitador para eles conseguirem escrever Cordéis individuais e coletivos. Doralice verbaliza: *"em nosso encontro de hoje*

*começamos com um desafio, construir um cordel com a cara do grupo”, e continua ao mencionar que “foi sugerido então que começássemos com uma chuva de tempestade, cada um contribuía para montar o cordel com palavras que nos representasse”.*

Nesse encontro, posso destacar que o engajamento foi tanto que fluiu da melhor maneira possível. A união do coletivo tornou tudo mais tranquilo e, finalmente, eles conseguiram construir um Cordel só deles (Ver Anexo D), com as características peculiares da turma, com sentimentos expressos de uma forma tão vibrante e verdadeira que emociona ao ler o Cordel coletivo. Dona Flor relata o quanto foi desafiador, como ela diz: *“foi muito desafiador a construção coletiva do cordel, muitas opiniões e pensamentos, debates e embates, mas nasceu o nosso cordel e ficou lindo, a cara do nosso grupo”,* e acrescenta o quanto essa construção requer entrega, pois ela afirma que *“construir um cordel, tanto individual como coletivo, requer muita entrega e precisa que abra o teu coração e deixe transparecer o que está guardado no fundo da alma”.*

Ao longo do relato, Dona Flor vai falando dos desafios e sobre como foi recompensador o resultado. Trago algumas dessas verbalizações, para ratificar o pensamento mencionado anteriormente, a saber: *“e colocar em poucas estrofes os sentimentos de um grupo tão diverso e que expresse o sentimento da maioria é complexo”,* e: *“Porém a cada palavra um alinhavo a cada ponto um nó bem atado, e assim foi se tecendo o cordel encantado”.* Para Dona Flor, *“ver nosso grupo retratado nas linhas que criamos é emocionante e gratificante”,* e finaliza dizendo: *“pois nos prova cada dia que as oportunidades estão expostas, basta sabermos delas explorar o máximo de conhecimento”.*

E é exatamente essa união, esse respeito, esse debate, essa parceria que queremos presente em sala de aula, pois é assim que aprendemos de fato. Foi muito significativo presenciar a satisfação e a realização da descoberta de possibilidades presentes nessa junção entre Literatura de Cordel (gênero literário) e Estético-Ambiental (um conceito), para trabalhar em sala de aula, usando a arte como uma maneira de despertar os seus alunos para além de si, e mais, para o coletivo, para a natureza, para o mundo.

A oficina sobre Sarau foi uma das oficinas que movimentou bastante os participantes, porque os mesmos expuseram as suas construções, os seus cordéis,

cada um declamando suas composições à sua maneira. Dona Flor verbaliza acerca dos saberes adquiridos por meio da oficina de Sarau, na formação: “*partilhamos saberes sobre o sarau, onde surgiu e qual é o seu objetivo e nós como futuras educadoras temos a oportunidade de possibilitar um momento de compartilhar emoções e seus saberes através dos cordéis*”. E Doralice completa: “*infelizmente o Sarau de Cordel é mais comum no Nordeste, mas acredito que nós como educadores temos a oportunidade de possibilitar o evento, que é um momento de partilhar emoções e seus saberes através dos cordéis*”. O Sarau consistiu em uma exposição verbal, a partir dos Cordéis construídos pelos cursistas, declamados pelos mesmos. Foi um momento de abrirem os seus corações e se desnudarem para os colegas por meio de seus Cordéis.

Dessas poesias emanavam tanto sentimento, que nem eu mesma consegui conter a emoção, de tanto orgulho que sentia deles. É indescritível a sensação de ver um trabalho gerando frutos, de ver que toda a sua dedicação foi muito satisfatória, no que diz respeito à aprendizagem adquirida. O Sarau foi de uma riqueza impressionante, em que talentos foram revelados e sentimentos aflorados. Foram falas dispostas em estrofes, pois cada um contou a sua história, rimando, declamando experiências e vivências de suas vidas em forma de poesia.

Essas falas, carregadas de sentimentos e de conhecimentos, revelam que a experiência com o Cordel e o Estético-Ambiental surtiu efeito, que, além de gerar aprendizado, modificou cada participante, como está presente na fala de Doralice, quando ela diz: “*saio muito motivada e transformada com essa experiência*”. Diante da verbalização de Doralice, fica claro que trabalhar esse gênero literário em sala de aula tem a sua importância, que as possibilidades são reais e são muito mais que metodologias a serem aplicadas, são experiências e vivências que, ao serem aplicadas, serão armazenadas nas vidas dos educandos, perpassando a prática desses professores que farão diferença, pois carregarão um sabor de lembrança boa, de um aprendizado que fez sentido, que foi leve. Esses sentimentos serão atravessados pela importância que tiveram e pela maneira de como aprenderam e compartilharam esses aprendizados.

Assim, a arte é muito mais do que o momento recreativo, o sentido lúdico em trabalhos de educação ambiental – ainda que a esse seja constantemente associada e reduzida. O divertimento e a alegria de estar com o outro em diálogo são fundamentais, mas usar as artes como técnicas isoladas para

favorecer esses momentos é fragmentar o que é uno e único, é reduzir o potencial criador às técnicas, é limitar o alcance de algo que, no todo estruturado de um caminho metodológico inspirado na educação ambiental crítica, traz a valorização pessoal junto ao sentido político da ação pessoal e coletiva na transformação da realidade. (LOUREIRO, 2019, p. 69).

Essa é uma educação baseada no Estético-Ambiental, uma educação que propõe despertar a criticidade, os sentidos e as sensações, bem como instigar o diálogo; uma educação pensada para além dos muros da escola. Lampião relata: *“participamos através de rodas de conversa, debates e reflexões sobre o Ambientalismo, progredimos na questão como organizar cursos e ou oficinas que realmente produzam para a vida”*. A fala de Lampião torna evidente a importância de haver, nas formações de professores, rodas de conversa capazes de levantar reflexões acerca de uma Educação Estético-Ambiental, com o intuito de produzir conhecimentos não só para a sala de aula, mas também para a vida.

Diante disso, quando penso em prática docente, o que me vem logo à mente é a maneira como cada professor ministra a sua aula. Foi com esse intuito que a formação de professores acerca dessa temática foi proposta, isto é, com a perspectiva de inovar a maneira de conhecer, de aprimorar e de tornar mais dinâmicas as aulas, agregando um gênero literário e um novo conceito: Literatura de Cordel e Estético-Ambiental. Assim, propus um aprendizado para além do convencional, ou seja, para além do tradicional ensino “verticalizado”; um ensino para além daquele baseado numa educação bancária, que, segundo Freire (2005), é aquela educação em que o educador, detentor do conhecimento, transfere-o ao educando, este último uma tábua rasa, que apenas absorve o que lhe é ofertado. A educação que proponho é aquela em que o educando parte de sua experiência, de sua vivência, compartilhando saberes mútuos e individuais, nesse movimento que, além de aprender, também ensina. Sendo assim, todos aprendem.

Em toda a minha história escolar, a maior insatisfação era sobre as aulas sem ludicidade e com conteúdo que nada me faziam querer estar em sala de aula. Partindo do pressuposto de que a experiência é a melhor maneira de averiguar um fato, eis que apresento a Literatura de Cordel e todas as suas nuances como prática docente; e a Educação Estético-Ambiental, que traz, por meio do seu conceito, uma proposta de trabalho com as linguagens em sala de aula, que provoque sentidos, sensações e percepções. Donzela Teodora relata sobre como dialogamos a respeito da

importância da Literatura de Cordel em sala de aula, ao verbalizar: “*conversamos sobre a importância da Literatura de Cordel na prática docente, falando de experiências escolares e do interesse em trabalhar com o Cordel em sala de aula*”, e segue o relato dizendo: “*em nossas conversas, foi problematizado que aqui no Rio Grande do Sul, o trabalho com o Cordel, ainda é pouco visto e que achamos que essa prática poderia ser mais proposta no ambiente escolar*”, e conclui ao expor: “*falamos também, sobre a importância da formação continuada de professores, acerca do assunto e do quanto foi importante a iniciativa de propor esse curso*”.

Mediante as verbalizações da Donzela Teodora, ficou claro que sempre existiu uma vontade de trabalhar com a Literatura de Cordel em sala de aula, mas que não se tinha um caminho, não se sabia como trabalhar; e pelo desconhecimento e insegurança, muitas vezes ficou apenas na vontade. Diante disso, torna-se evidente que a formação acerca da Educação Estético-Ambiental e da Literatura de Cordel foram importantes aliadas para a disseminação e para o conhecimento acerca do gênero literário Cordel aqui na região Sul; e que essa formação continuada foi extremamente importante para aquisição desse conhecimento específico e tão singular, que é a Literatura de Cordel.

É importante destacar a fala de Açucena, ao dizer que:

*Sou professora da Educação Infantil, meu interesse em buscar o curso partiu do gosto que eu tenho por literatura e o gênero cordel ser pouco usado por mim, na minha prática como leitora e professora, ou seja, por esse motivo de não conhecer a literatura de cordel a fim de trabalhar com meus alunos. Claro que sabia que a literatura de cordel é um gênero nordestino, de uma cultura rica de especificidades. Logo que vi informações sobre o curso me encantei pela possibilidade de conhecer detalhes desta literatura. Aprendizados significativos, onde misturamos uma infinidade de sentimentos, pensares, ansiedades, vontades, buscas de conhecimento que serão reproduzidos em nossos cotidianos que iremos perpassar. (AÇUCENA).*

Açucena verbaliza o seu interesse em aprender sobre a Literatura de Cordel, e que ela buscou o curso para agregar em sua formação docente, pelo fato de querer adquirir conhecimentos sobre o gênero literário, a fim de poder somar esse conhecimento à sua prática como professora de educação infantil, de acordo com os interesses de seus alunos. Ela acrescenta que o curso agregou aprendizados significativos, que serão perpassados ao longo do seu caminhar. Nas verbalizações dos participantes estão presentes todas as etapas da formação, todas as oficinas que foram ministradas e sobre a importância desse curso para eles.

Para corroborar, trago a fala da cursista Donzela Teodora: *“início minha escrita destacando a importância de abordar a temática e agradeço a iniciativa do grupo em promover esse curso, suas reflexões e as aprendizagens construídas ao longo dos encontros”*. Ela completa: *“os encontros foram dinâmicos e despertaram meu interesse. Fiquei surpresa em conseguir construir meus próprios cordéis e agradeço a Josineide por suas dicas e a forma com que abordou a temática”*. Explica: *“facilitou minha compreensão acerca do assunto”*. Finaliza falando em como a formação ampliou a sua aprendizagem acerca do Cordel, como ela diz:

*Nossas conversas foram voltadas para um olhar mais sensível e falamos sobre a razão, a emoção e as múltiplas linguagens. Agradeço a iniciativa, foi muito importante o curso e ampliou minhas aprendizagens acerca de uma literatura pouco conhecida por mim. (DONZELA TEODORA).*

Diante da fala da Donzela Teodora, posso dizer que essa categoria tem por objetivo evidenciar o quanto a Literatura de Cordel agregou na formação docente dos participantes, e o quanto os(as) mesmos(as) se encantaram ao ponto de agregarem este gênero e modelo de aula à sua prática docente. Reitero aqui as possibilidades acerca deste trabalho realizado, em que foram compartilhados múltiplos conhecimentos. Para essa formação, foi pensada uma metodologia que abordasse todas as fases que constituem a Literatura de Cordel, e isso foi realizado por meio de abordagens teóricas sobre a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental, bem como das oficinas. A metodologia que compõe essa formação foi baseada, num primeiro momento, nas minhas vivências, nas minhas experiências, providas por intermédio de minha família. Em seguida, na Pedagogia, com as intervenções através do PIBID, apliquei esse modelo nas escolas por onde passei, nas palestras que ministrei e nas oficinas que realizei. Em algumas escolas por onde passei, notei que alguns professores já trabalhavam com uma Educação Estético-Ambiental, mas muitos deles não percebiam, pois a Educação Estético-Ambiental aborda várias linguagens, a Literatura de Cordel é apenas uma das linguagens desta perspectiva.

Nesse sentido, a utilização da Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental em sala de aula permite ao professor mediar o ensino/aprendizagem de uma forma mais enriquecedora de maneira a motivar o aluno a aprender e contribuir para que sua aprendizagem seja realmente significativa. (SILVA; DOLCI; REZENDE, 2019, p. 17).



Nos dias atuais, o professor enfrenta desafios na maneira de ministrar sua aula, pois está mais difícil competir com a tecnologia, com aplicativos de celulares cheios de distrações. Desse modo é que a Educação Estético-Ambiental e o gênero literário Cordel se tornam parceiros, movimentando a sala de aula, despertando o educando para o sensível, transformando o cotidiano escolar e tornando as aulas mais prazerosas, agregando significados à vida dos alunos. Dessa forma,

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade. (DUARTE JR, 2006, p. 13-14).

E essa educação que proponho é uma educação que faça sentido, uma educação que gere frutos e que, além de conhecimento, gere lembranças boas, gere um aprendizado baseado nas vivências, as quais irão marcar a vida dos educandos. Para Açucena, os momentos na formação foram permeados por falas e escutas que, segundo Freire (2005), compõe uma educação capaz de transformar, pois a mesma é baseada no diálogo, o qual se dá através da fala e da escuta atenta que partilhamos com o outro, no compartilhamento de experiências.

Açucena relata: *“nossos momentos foram permeados de falas, escutas que nos transformaram a cada dia, de pensar nessa relação de humano-natureza”*. Ela comenta: *“nos encontros foram momentos de respeito e valorização dessas culturas, culturas que cada um de nós trouxemos e criamos essa nova cultura”*. Finaliza falando sobre a satisfação em conhecer a Educação baseada no estético, *“oportunizada a partir de um aporte teórico, belo, rico, de fácil de compreender e assim construímos novas perspectivas de pensar a Educação Estético-Ambiental”*.

Açucena traz em sua fala a importância da escuta, bem como também da fala, pois é através desses sentidos que nos constituímos como seres humanos, que nos comunicamos, aprendemos e ensinamos; uma Educação Estético-Ambiental, portanto, baseada nos sentidos humanos. Na atual conjuntura, é imprescindível que nos conscientizemos e nos posicionemos acerca das problemáticas socioambientais que nos assolam. Essa consciência só se dará por intermédio do conhecimento, na construção e na busca incessante por ele. Açucena nos faz refletir sobre a importância que esse curso teve em sua formação, evidenciando o quanto a cultura nordestina

agregou em seu fazer docente, a qual foi problematizada por meio de teorias que, além expressarem a beleza existente no Cordel, também proporcionaram uma facilidade de compreensão, que apreende, que emociona, e é dessa maneira que ela expressa o sentimento acerca dessa Educação Estético-Ambiental. Assim,

Em função de tudo isso, a EA tem o importante papel de fomentar a percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente. Uma relação harmoniosa, consciente do equilíbrio dinâmico na natureza, possibilitando, por meio de novos conhecimentos, valores e atitudes, a inserção do educando e do educador como cidadãos no processo de transformação do atual quadro ambiental do nosso planeta. (GUIMARÃES, 1995, p. 15).

Todos os dias, acredito que cada docente, numa tentativa incansável de aprimorar suas práticas, procura aperfeiçoar-se em sua maneira de professar, mas não é uma tarefa muito fácil. Imagino que pensa o tempo todo que recurso vai usar, qual a melhor metodologia, que dinâmica usar, como atrair a atenção dos educandos, sejam eles de que nível for. Para corroborar, trago a fala da cursista Maria Bonita: *“Levar conhecimentos, artefatos e metodologias diferentes é muito importante no processo de ensino-aprendizado e acredito que torna o processo muito fácil e prazeroso, como tem sido nossos encontros”*. Nesse sentido, torna-se imprescindível a formação de professores, para que, assim, eles possam inovar em suas práticas pedagógicas, buscando, através de outros olhares, encontrar o seu olhar, o seu jeito de ministrar aulas e mais, de tocar os seus alunos, preparando-os para a vida.

A formação de professores pretendeu, através da arte, nesse caso, o gênero poético Cordel; e de uma Educação Estético-Ambiental, gerar um aprendizado acerca das experiências vividas no curso, tornando o saber/fazer dos cursistas/docentes aprendentes um ato de entrega, fazendo da arte uma aliada no seu professar. Trago a fala da cursista Dona Flor, para evidenciar o quanto a formação acerca da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental agregou em sentidos, em significados e em conhecimentos, a ponto de usar esses conhecimentos advindos da formação em sua prática docente, ao dizer: *“a Literatura de Cordel agregou em minha prática docente, primeiro porque fez eu conhecer esse gênero, essa literatura que eu não conhecia”*, e finaliza ao relatar: *“isso já amplia a minha visão de mundo, amplia meus conhecimentos, e também me proporcionou apresentar para outras pessoas que também não conheciam”*.

Na verbalização da cursista Dona Flor, ela fala sobre como a formação influenciou em sua prática. Segundo ela, a partir dos ensinamentos aprendidos durante o curso PROCORDEL, surgiu a ideia de trabalhar gêneros literários em seu estágio, em sua sala de aula. A vontade de trabalhar esse gênero surgiu a partir de um plano de ação proposto pela formação. Para a conclusão do curso, foi proposto que todos os cursistas fizessem um plano de ação, que consistia em realizar um planejamento pedagógico usando a Literatura e o Estético-Ambiental. Foi essa proposta que fez com que Dona Flor pensasse seu estágio, oportunidade em que fui convidada para realizar uma oficina sobre Literatura de Cordel para seus alunos da EJA. Dona Flor relata: “*a gente estudou a região Nordeste, a cultura, os hábitos e a literatura, que era o Cordel. Chamamos a Josy para fazer uma oficina com eles*”, e segue dizendo: “*quando tu chegaste, pra fazer a oficina, eles já tinham estudado, já tinham visto vídeos de Cordel, vídeos da região*”. Que momento maravilhoso e gratificante! Todos os alunos já sabiam sobre a cultura nordestina, sobre a culinária, sobre a maneira de ser do povo daquela região. Dona Flor soube explorar com cuidado e amorosidade cada aprendizado adquirido e compartilhou de uma maneira belíssima esse conhecimento.

Diante dessas experiências é que reconheço que ser professor requer muito mais do que conhecer a sua área, requer um olhar sensível, que possa enxergar a sua sala de aula como um mundo à parte, em que seja possível criar possibilidades que levem os alunos a voarem, respeitando as suas especificidades e as suas vivências, levando os educandos a se apropriarem do conhecimento de forma singular e amorosa. Assim,

[...] é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. Situando-se a meio caminho entre a vida vivida e a abstração conceitual, as formas artísticas visam a significar esse nosso contato carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais através de nossa sensibilidade do que via o intelecto. A arte não estabelece verdades gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós. (DUARTE JR, 2006, p. 22).

Uma educação baseada no sensível prepara para a vida. Trago a fala da cursista Asa Branca, ao dizer: “*O cordel pode ser trabalhado em todas as áreas do conhecimento. Fazer cordel é poetizar a vida!*”. E o cursista Lampião completa: “*Muito*

*leve para a prática”, e diz que: “tudo isso fará com que cada um de nós possamos ter poesia na prosa e possamos prosear com poesia, o que faz um diferencial que nos individualiza caracterizando as Mestras pela poesia que desde já o início a ter na prosa”. Essa é uma educação das possibilidades: a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental, corroborando para uma aprendizagem consciente, que sente, que se amplia, que se comunica, que experiencia, que vivencia, que emociona, que compartilha, que gera um aprendizado significativo para toda uma vida, assim como aconteceu comigo, anos atrás, e que pretendo estender e disseminar por onde eu passar.*

### **5.1.2 Educação Estético-Ambiental: por uma Pedagogia de Cordel**

A categoria “Educação Estético-Ambiental: por uma Pedagogia de Cordel” surgiu sob vários aspectos: o primeiro é a experiência; o segundo é a vivência; e o terceiro aspecto e último, tão importante quanto os outros, é a prática. Esses fatores foram determinantes para que essa categoria surgisse. Falo sobre esses aspectos, pois foram eles que perpassaram o curso de formação docente a todo momento. Diante disso, entendo por experiência tudo o que tem relação com algo operacional, ou seja, uma maneira de conhecer/saber/fazer, enquanto a vivência é o que foi adquirido, modificado a partir dessa experiência.

Para melhor explicar, citarei a minha própria experiência. Sou constituída de experiências acerca de tudo o que faz parte da Literatura de Cordel: o método, o processo e o fazer. E foi por meio dessas experiências que adquiri uma vivência baseada nesses conhecimentos o que justifica quem sou, isto é, minha formação se dá por intermédio de tudo o que vivi e absorvi dessas experiências. Segundo as minhas leituras em Freire (2005), vivência é tudo aquilo que vive e que é único, pessoal, individual, intransferível e singular, faz parte de tudo o que somos e do que nos tornamos ao longo de nossas vidas. Paulo Freire (2005) não tem um conceito explícito sobre o que seja vivência, mas, baseando-me nas leituras que fiz, posso dizer que a leitura de mundo, em Freire (2005), diz-nos muito sobre vivência. Desse modo, é preciso experienciar, como se fossemos provar de algo, e se esse algo lhe agregou, tocou-lhe, você então viveu, intuiu, relacionou-se, transformou-se intimamente, vivenciou através dos sentidos e sensações.

O trabalho com o Cordel na formação teve vários significados, tanto para mim quanto para os participantes que levaram essa metodologia para a sua prática. Para Lampião e seus alunos do ensino médio, que não só construíram como se apropriaram do Cordel. Essa constatação está presente na fala do mesmo no discorrer deste texto, ao narrar como ele e os seus alunos ampliaram seus conhecimentos, tornando o movimento significativo para ambos. Posso destacar que, com os alunos da EJA, o trabalho com o Cordel teve um significado muito mais amplo, pois nessa modalidade de ensino estão inseridos sujeitos que não tiveram oportunidade de concluírem seus estudos no tempo normal e precisaram migrar para essa modalidade, com o intuito de concluírem essa etapa. Esses sujeitos são perpassados de vivências, em muitos casos sofridas, em que histórias se cruzam, entrecruzam-se, mesclam-se e se confundem.

Dessa maneira, atribuo à Pedagogia de Cordel todo esse movimento, que surgiu a partir das tantas linhas lidas, presenciadas e vividas, pois tive o prazer de conhecer cada educando que foi contemplado a partir dos participantes dessa formação, pois foi através deles, bem como do que emanou deles que apresento “A Pedagogia de Cordel”. E o que é essa Pedagogia de Cordel, então? É uma prática Estético-Ambiental, pois se baseia nos sentidos humanos, em que o docente, através da experiência, mergulha no Cordel e descobre um mundo de possibilidades que outrora era para ele totalmente desconhecido. Curiosamente, o sujeito se apropria deste conhecimento e o leva para além de sua sala de aula, leva-o para a sua vida.

Para corroborar, trago na fala de Lampião que, ao ser questionado se houve mudança em sua prática pedagógica após a formação no curso PROCORDEL, diz: *“mudou bastante, mas mudou para acrescentar. É uma coisa que posso dizer que foi gratificante”*. E ele segue relatando a respeito das impressões sobre a formação acerca do Cordel, a saber: *“a primeira coisa que existe para um cordelista é ter um bom coração, uma boa mente, acordar inspirado mesmo, e se não tiver, se inspira no momento”*. Lampião fala sobre a metodologia de Cordel, que parte de tudo que constitui a Literatura de Cordel.

Ele cita a metodologia de construção de Cordel ao dizer que *“na metodologia existe a questão dos versos, que tem vários tipos. Depois que a rima está pronta é que se analisa. Se a gente analisar antes, ela termina engessada, como no princípio achei que fosse”*, e segue o relato falando sobre como conseguiu apreender essa

metodologia do seu modo, como ele conta: *“mas em seguida me desvencilhei e fluiu natural, porque hora tem que estar certinho”*. Sobre sua impressão acerca do Cordel, diz: *“o Cordel de fato é espontâneo, é uma expressão popular e por conta da espontaneidade sempre pode dar uma ajeitadinha na rima”*, e finaliza dizendo que *“o Cordel pode aparecer com a licença poética que não são erros de português, são acertos do coração”*. Em sua fala, está expressa o que ele aprendeu sobre Cordel na formação, pois para a comercialização não pode ter um “pé quebrado”, o qual acontece quando a rima não tem sete sílabas, algo presente na metodologia do Cordel, mas ao construir saberes em sala de aula, pode-se fugir um pouco das regras tão rígidas e sistemáticas.

Lampião fala explicitamente sobre como atribuiu os saberes adquiridos acerca do Cordel em sua sala de aula, ao verbalizar o seguinte: *“você coloca um Cordel e a aula vira do avesso e é desse avesso que a coisa fica produtiva e é uma coisa bem bonita de se ver porque leva para a vida”*, e segue contando: *“é bonito ver o estudante depois que sai da aula rimando, escrevendo cartinha para a namorada, para o namorado com rima, com aquela graça e leveza que só o Cordel pode ter mesmo”*.

A fala de Lampião evidencia o quanto a experiência adquirida por meio da formação em Literatura de Cordel o modificou, fazendo com que ele produzisse Cordéis próprios e com seus alunos em sala de aula, como está presente em sua fala, ao dizer: *“na minha vida ele me trouxe um esclarecimento do que eu ouvia mesmo, achava bonito, mas não compreendia e tem outro que entende mas não gosta”*, e segue expondo que: *“agora estou com as duas situações: não entendo muito mas gosto o suficiente até para produzir”*, e completa: *“me identifico como sujeito protagonista dessa história, eu próprio fazer meus cordéis e o mais bonito disso tudo é saber que alguém vai ler, vai dar o retorno do artista”*.

Lampião evidencia o teor dos saberes adquiridos de sua experiência com o Cordel, oportunidade em que ele conseguiu escrever seus próprios cordéis, e o melhor: identificando-se como sujeito protagonista em suas criações. Ele fala também sobre como o Cordel agregou em sua formação docente, já que o mesmo está numa segunda graduação, quando diz: *“na minha formação docente com certeza acrescentou, estou na minha segunda graduação e com certeza vai estar presente em meu TCC”*, e acrescenta: *“minha escrita era árida, era prosa, não tinha o colorido*

*que uma rima de Cordel pode nos trazer”, e finaliza: “sendo assim vai estar presente, e no final da graduação tem que ter um Cordel, tem que ter uma xilogravura”.*

Essa é a vivência de que falo neste trabalho, aquela que surgiu por ter experienciado algo. Uma experienciação que resultou em vivência, porque o tocou, o instigou, o encorajou a ser, fazendo-o mergulhar num mundo de possibilidades. Ao emergir desse mergulho, no qual atribuiu significados, foi que surgiu, então, a vivência, que é algo mais profundo, é algo que o modificou de alguma maneira, que o transformou. Saborear essa vivência, que para ele fez tanto significado, fez com que o mesmo agregasse essa metodologia à sua prática. Outra vez recorro às leituras feitas em Freire (2005), para falar sobre vivência, a qual, baseando-me nessas leituras, compreendo como o acontecer da vida, que nos marca feito tatuagem, dando-nos a individualidade que nos é própria. Freire (2005) nos instiga a pensar que a visão de mundo está na maneira de construirmos nosso próprio conhecimento, de como nos apropriamos dele e de como compartilhamos esses conhecimentos com o mundo.

Dona Flor, em suas verbalizações, evidencia, ainda, a importância de ter permanecido no curso, como ela diz: *“a gente ficou porque nos apaixonamos pelo curso, porque vimos que iria modificar algo, vimos as possibilidades de poder trazer algo que ninguém conhecia, porque aqui no Sul ninguém conhece”,* e segue relatando: *“tu falas em Literatura de Cordel e só lembra daquilo que aparece na televisão, e é muito mais que isso, então o Cordel te modifica, te possibilita um outro olhar”,* e ainda: *“como ser humano é tu ficares mais sensível, porque tu lias uma coisa, mas tu não sabias qual era a história daquilo, então tu lias por ler”,* e completa: *“e quando hoje tu sabes da história, tu já lêes com outros olhos, porque tu pensas no esforço, no sofrimento de alguém que escreveu aquilo”,* e finaliza: *“então tu mudas, tu ficas mais sensível, com outro olhar”.*

O modo como Dona Flor se expressa sobre o Cordel emociona, porque se nota que ele absorveu cada aprendizado, pois as suas falas estão impregnadas de uma Educação Estético-Ambiental, impregnadas de amor ao outro, impregnadas de saberes que, além de ter proporcionado um aprendizado significativo, proporcionou também renascer um outro ser humano, o qual com certeza fará a diferença em seu percurso como docente, pois por ele perpassaram acontecimentos que o tornou perceptível, sensível, observador, prestativo, dialógico, emancipador, problematizador e transformador, tal como nos falam Dolci e Molon (2015; 2018) e Freire (2005).

Forma-se, então, um docente, com base numa educação que possui, em suas implicações, a ampliação dos sentidos humanos; e numa educação libertadora, questionadora, com uma visão crítica acerca do todo, principalmente na constituição dessa sociedade posta. Como destaque no seguinte pensamento de Guimarães, quando ele diz:

No trabalho de conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”; é, na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores a partir de sua realidade, o que não significa um papel neutro do educador que negue os seus próprios valores em sua prática, mas que propicie ao educando confrontar criticamente diferentes valores em busca de uma síntese pessoal que refletirá em novas atitudes. (GUIMARÃES, 1995, p. 32).

Para que a Literatura de Cordel pudesse fazer parte da formação, foi preciso pensar numa metodologia sobre o Cordel, em maneiras de tornar o ensino e a aprendizagem dos participantes eficientes, para que eles pudessem, de fato, aprender sobre tudo o que constitui a Literatura de Cordel, que é composta pela construção do Cordel, tanto individual quanto coletivo, pela construção do folheto de Cordel, pela xilogravura confeccionada em EVA, e, finalmente, o Sarau.

O Cordel, apesar de possuir características bem marcantes em sua composição – oralidade, sonoridade, ritmo, musicalidade, métrica e rigidez em sua composição – não é impossível de se reproduzir, como muitas pessoas acreditam. E isso ficou evidente a partir da formação, pois não só os(as) participantes conseguiram construir Cordéis, como levaram esses conhecimentos para as suas salas de aula, desenvolvendo as metodologias adquiridas através do curso em todas as áreas do conhecimento. Isso se justifica pelo fato de que o Cordel, conforme nos diz Senna (2012), tem essa possibilidade, falar sobre todo e qualquer tipo de assunto. De modo que, além de ludicidade, tal prática agrega sentido aos saberes, que o docente leva para a vida.

A formação oportunizou à Doralice um trabalho com o Cordel em seu estágio docência compartilhado na EJA, momento em que aplicou a metodologia que aprendeu na formação, levando outra cultura para dentro de sua sala de aula, agregando outras formas de ensino e de aprendizagem para seus alunos, como está presente em sua fala: “*a gente apresentou para a turma o que era Cordel, qual o*



*significado, de onde vem e convidou alguém que tivesse conhecimento do tema, falasse com propriedade*". Desse modo, antes de preparar a sua aula, ela procurou conhecer os saberes prévios dos alunos, acerca da temática, e pensou em convidar alguém que conhecesse a Literatura de Cordel para a sua aula. Foi assim que recebi o convite de realizar uma oficina na turma em que Doralice e Dona Flor estavam atuando como professoras estagiárias. Em toda a sua fala, Doralice evidencia, passo a passo, como foi essa aula, como se pode ver: *"convidamos a turma para compor um Cordel a partir das palavras deles, com a tempestade de palavras, a partir dos conhecimentos deles. Depois a gente fez a oficina de xilogravura"* (ver anexo D). E segue relatando que: *"eles aprenderam o que é xilogravura, de onde ela vem, qual o seu significado, e nessa xilogravura eles expressaram o sentimento deles, o que eles queriam xilogravar, o que os representavam"*.

*[...] o significado da literatura de cordel, como eu disse é ampliar meus conhecimentos, ampliar minha visão de mundo, conhecer outra cultura, outra literatura que eu não conhecia, e na minha formação docente, acredito também que foi muito importante pra poder proporcionar a outras pessoas que também conhecessem essa literatura que ampliasse sua visão também. (DORALICE).*

Doralice relata o quanto a formação agregou em sua vida, em sua prática, ao mencionar a sua ampliação de visão de mundo e a vontade de compartilhar esses conhecimentos com outras pessoas. Ao enveredar por outra cultura, que não a sua, a participante Doralice descobriu coisas que jamais imaginou. Ela fala como o Cordel gerou descobertas e agregou saberes que ela levará para a sua vida e para a sua prática, pois foram significativas para a sua formação como docente. Na fala de Doralice, está presente o conceito de uma Educação Ambiental transformadora, como vemos em Loureiro (2012a):

*A Educação Ambiental transformadora é aquela que possui um conteúdo emancipatório, em que a dialética entre forma e conteúdo se realiza de tal maneira que as alterações de atividade humana, vinculadas ao fazer educativo, impliquem mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e culturais. (LOUREIRO, 2012a, p. 99).*

O Cordel suscitou em Dona Flor e Doralice a vontade de usar a metodologia aprendida no projeto em seu estágio docência, pois ambas compartilharam o estágio. Assim, a partir da formação sobre o Cordel, surgiu o plano de aula para o estágio das mesmas, como exemplifico a seguir, citando alguns pontos do plano de ação

elaborado pelas docentes em formação. Como título, o plano de ação falava sobre possibilitar novos olhares através da Literatura de Cordel, na perspectiva da Educação Estético-Ambiental, na Educação de Jovens e Adultos, tendo como objetivo geral compreender e reconhecer a função social do gênero textual Cordel, bem como suas características básicas através de práticas de leitura, produção e análise linguística, reconhecendo sua importância na cultura popular. Os objetivos específicos do plano de ação de Doralice e Dona Flor eram: apresentar a importância da Literatura de Cordel enquanto patrimônio histórico e cultural de um povo; utilizar a Literatura de Cordel como recurso pedagógico para desenvolver a Educação estético-Ambiental; organizar o Sarau; criar coletivamente o Cordel e declamar para outras turmas da escola e comunidade; produzir um folheto ilustrado; entender o contexto de produção próprio da Literatura de Cordel; reconhecer exemplares do gênero e a estrutura poética; e compreender os recursos linguísticos utilizados em Cordéis dos gêneros, em especial, a rima (ver Anexo B).

O Cordel foi pensado como proposta para o estágio docência, desde o plano de ação, e que elas levaram para dentro da sala de aula, como está presente na fala de Dona Flor: *“foi através do curso de Cordel que a gente pensou em trabalhar gêneros literários, tendo em nosso projeto o resgate da cidadania através da leitura, e foi pensado no plano de ação do Cordel”*.

Ela relata: *“adorei, amei! Nesse curso saiu um plano de ação que gerou uma vinda da Josy na turma para fazer uma oficina com o pessoal da EJA, que foi maravilhoso”*. E segue dizendo: *“enriqueceu tanto em cultura, em novas culturas mesmo, em linguagens para eles e para nós também”*. E finaliza, explicando: *“porque a gente conhecia aquilo que era da televisão e quando tu vê assim na prática, é uma literatura carregada de significados”*.

Dona Flor relata algumas passagens do seu trabalho com o Cordel em sala de aula, conforme segue: *“a gente fez uma experiência com eles, produção de charque e dentro dessa produção trabalhamos derivações, porque pensávamos em trabalhar Cordel”*. O objetivo da atividade, segundo ela, era associar regiões falando sobre como se seguiu a experiência, ao expor que: *“a gente queria associar essa experiência ao trabalho com as regiões do país e as derivações do charque presente em algumas regiões”*. Ela completa: *“como a carne seca, a carne de sol, e aí a gente chegou no Nordeste, que era exatamente o ponto de trabalhar o Cordel”*, e finaliza, citando as

falas dos alunos, ao verbalizarem sobre tudo o que conseguiram assimilar sobre o Cordel, sobre tudo o que foi proporcionado em aprendizagem para eles: “*a gente aprende muito com vocês!*”.

Nas verbalizações de Dona Flor, fica claro que o Cordel foi uma experiência que gerou aprendizado, o qual criou ramificações, sendo expandido para sua sala de aula. Dona Flor fala em como o Cordel a modificou, tanto na vida pessoal quanto na docente, ao explanar que: “*quando tu proporcionas algo novo e essa coisa te mexe ao ponto de querer proporcionar ao outro, ela já mudou alguma coisa na tua vida, imagina na tua prática*”. Trago o pensamento de Loureiro, a fim de contribuir com o que está sendo explanado, a saber:

A Educação Ambiental não atua somente no plano das ideias e no da transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por ter compromisso com o outro e com a vida. (LOUREIRO, 2012a, p. 33).

A Pedagogia de Cordel surge pela diversidade na maneira de ensinar/aprender, pela curiosidade em conhecer e adotar essa Pedagogia. Mediante as sensações advindas da experiência adquirida com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental, todas as possibilidades existentes dentro dessa nova forma de explorar o conhecimento, o docente pensa nessa Pedagogia como algo transformador, ao ponto de querer disseminar e tornar esse ensino-aprendizado bem mais significativo em todas as dimensões. Trago o pensamento de Pereira, para corroborar minha reflexão:

Quando reivindicamos uma pedagogia das diferenças, fundamentalmente estamos sugerindo uma pedagogia que transcenda as velhas formas de ensinar. Uma pedagogia aberta para o reconhecimento de que a realidade é biodiversa. O reconhecimento de que, no contexto atual, os modos homogeneizadores não conseguem mais dar conta e sentido da pluralidade que promove coloridos em todas as dimensões que envolve os cosmos. (PEREIRA, 2016b, p.83).

A Pedagogia de Cordel emerge por meio dos eventos advindos da formação acerca da Literatura de Cordel e do Estético-Ambiental, e tem em sua origem uma constituição bem pessoal, pois está alicerçada em minha própria experiência, na maneira como aprendi através do Cordel e como fez sentido na minha existência. Percebo que o Cordel me transformou como ser humano, pois, desde que me recordo, estou imersa nesse mundo Estético-Ambiental, ou seja, uma vida inteira baseada nos sentidos e sensações, despertados por meus primeiros professores. Foi através da

poesia de cordel que aprendi a ler, com mainha; foi com voinha que aprendi a amar escrever e contar as minhas próprias histórias de Cordel; com voinho, artesão em couro que aprendi a costurar; e do quão painho, músico autodidata, contribuiu para essa educação de que tanto falo através da música, ao me ensinar a cantar e a tocar um instrumento tão peculiar àquela região, a flauta doce.

Foram e são essas vivências que me constituíram e continuam constituindo como ser humano, sensível ao outro, ao meio, ao mundo. Em concordância com o que está sendo dito, trago o pensamento de Silva e Dolci (2019, p. 308), ao dizerem que a consciência crítica se desenvolve “a partir de certos parâmetros que consideramos imprescindíveis para que realmente ocorra essa transformação interna, que é a percepção do nosso lugar no mundo e a maneira como agimos nele” (SILVA; DOLCI, 2019, p. 308).

Dessa maneira, refletindo sobre todo esse meu percurso e sobre essa vontade enorme de realizar um trabalho baseado no Estético-Ambiental, é que atribuo ao sentido estético presente desde a minha infância toda essa relação que me constituiu e continua a me constituir como ser humano, educanda e docente. Explicando um pouco mais: como ser humano, por ser racional e ter percepções acerca do todo; como educanda, por ser incompleta e estar sempre em busca de conhecimento, que possa me agregar valores e experiências; e como docente, por estar sempre à procura da minha maneira de professar. É através de minhas incompletudes que busco encontrar o meu caminho para ser e estar de verdade nesse mundo que nos suga a alma, nos tornando seres "embrutecidos" a tal ponto de não nos preocuparmos com a vida do outro, com a existência do Planeta e com a nossa própria vida.

Essa reflexão a que me refiro é que me faz querer mergulhar nas minhas vivências e resgatar o que constituiu esse ser humano que sou: puramente Estético-Ambiental. E essa constituição veio, num primeiro momento, a partir do meu circuito de experiências e de vivências proporcionadas pelo meu círculo familiar, como a poesia de Cordel, as histórias de poesias Cordel, o artesanato e a música. Foi através de uma educação primeira, a familiar, advinda de meus pais e avós, desses conhecimentos prévios, perpassados ainda na minha meninice, que fui concebida.

A pedagogia que trago é aquela que emerge dos sentidos e significados do ser aprendiz, é aquela que por meio das relações, do diálogo e de um eterno compartilhar vai se constituindo por si só, porque o conhecimento é vivo e está sempre em

movimento migratório, e o que proponho nessa nova forma de ser/fazer pedagógico é que a educação seja sempre horizontal e partilhada, política e problematizadora, transformadora e coletiva. Isto é,

A educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, momentos simultâneos de teoria e prática, de arte e política. O ato de conhecer, ao mesmo tempo que cria e recria objetos, forma os estudantes que estão conhecendo. [...] Eu penso, então, que, se ao educador se tornarem cada vez mais claras essas características do ensinar, ele ou ela pode melhorar a eficácia do seu ato de ensinar, sua pedagogia. A clareza com relação à natureza política e artística da educação tornará o professor um melhor político e um melhor artista. Nós fazemos arte e política quando ajudamos na formação dos estudantes, sabemos disso ou não. Saber o que nós estamos de fato fazendo nos ajuda a fazer isso melhor. (FREIRE, 2018, p.73).

A educação que proponho, portanto, é aquela que desacomoda, que emociona, que proporciona não só aprendizagem, mas um mar de sensações e descobertas que, agregadas à metodologia dessa Pedagogia de Cordel de que falo, possa trazer um novo olhar para desvelar o que os olhos de uma educação “ingênua” – nas palavras de Freire (2005) – não pôde. Dona Flor, ao realizar o seu estágio supervisionado, trabalhou a Literatura de Cordel com seus alunos da EJA, e essa experiência foi tão significativa que ela irá continuar trabalhando em sua sala de aula, quando for professora regular. Diante disso, reitero que essa Pedagogia de Cordel parte dos pressupostos contidos na Pedagogia de Freire (2005) e no conceito de uma Educação Estético-Ambiental de Dolci e Molon (2015; 2018). Uma pedagogia que agrega saberes baseados no ser mais e nas linguagens, nesse caso, a Literatura de Cordel, em que, juntos, trabalham de maneira que, não só transforme o ser humano, ampliando a sua visão de mundo, mas que o conscientize; primeiro acerca de si mesmo, e depois do outro, do meio, da natureza como um todo. E essa Pedagogia de Cordel de que falo é aquela baseada na evolução do ser humano a procura de ser mais, não de maneira solitária e egoísta, mas no coletivo e no despertar para os sentidos humanos, em que, através da arte, ele possa trilhar o seu caminho de acordo com sua maneira de ser e estar no mundo.

Portanto, a Pedagogia de Cordel não é apenas um método, mas uma nova maneira de professar. É uma Pedagogia de Cordel pelo fato de reunir metodologias como: construção de Cordel; xilogravura; folheto de Cordel e Sarau, que garantam um ensino e uma aprendizagem acerca dessa literatura; e é Estético-Ambiental pelo fato

dessas metodologias estarem intimamente ligadas aos sentidos e as sensações, pois essa pedagogia visa trabalhar também o coletivo, a fim de compartilhar experiências de vida de cada educando. É uma pedagogia baseada no diálogo, porque, para se fazer um cordel coletivo, é preciso que exista diálogo, porque é assim que o Cordel coletivo é construído, no dialogar, pois precisa contar uma história com vários rostos, várias vivências. Só com diálogo é possível realizar uma educação transformadora, dialógica: uma educação baseada na Pedagogia de Cordel. Pois, para Freire (2011), a importância do diálogo está no encontro dos homens com o mundo, ao qual permite que eles compreendam criticamente a sua realidade histórica. Dessa forma, o diálogo é importante, pois é uma necessidade existencial que liberta os homens, transformando-os.

A Pedagogia de Cordel é a pedagogia da arte, da rima, da poesia, que pode transformar a busca pelo conhecimento em algo leve, cheio de ritmos, rimas, poética, ludicidade, amorosidade. A Pedagogia de Cordel se torna evidente através do que o curso de formação PROCORDEL proporcionou, pois mostrou outras maneiras que pudessem ampliar realmente o ensino/aprendizagem, tornar conhecida outras formas de ministrar aulas, outro olhar, mais sensível acerca do próximo, do todo, outras possibilidades de descobrir o conhecimento, outras maneiras de ser docente.

Dona Flor evidencia em sua fala o quanto a formação a modificou, ao dizer: *“sempre que a gente conhece algo novo, esse conhecimento nos faz sair da zona de conforto e querer apresentar para outras pessoas o que a gente aprendeu”*, e finaliza, ao expor: *“ainda mais quando a gente gosta do que aprendeu e tem significado para nós, modificou a nossa prática”*. Então, a partir desse desacomodar, dessa desordem, que serve, na verdade, para ordenar, organizar, aflorar os sentidos, é que surge essa vivência de que falo, pois os conhecimentos, a experiência adquirida através do curso, fez com que algo se modificasse dentro dela, despertando vários sentimentos, dentre eles a sensibilidade.

A Pedagogia de Cordel nasce com o intuito de reunir saberes necessários para uma nova prática, nesse caso, em como trabalhar com a Literatura de Cordel, através das metodologias advindas desse gênero literário. A Pedagogia de Cordel vem para agregar à prática educativa, com abordagens acerca do que a constitui e está unida ao mundo da Literatura de Cordel, apontando possibilidades de se estabelecer condições para uma educação baseada no Estético-Ambiental.

A Pedagogia de Cordel é a pedagogia da resistência, porque reúne saberes necessários para uma educação baseada no diálogo e na sensibilidade, pois ela nasce de um povo (Nordestino) para o povo (o mundo). Quando digo isso, na verdade estou querendo dizer que a Literatura de Cordel transformou o sofrimento de um povo nordestino, pobre, sertanejo, em alento para suportar as secas ocasionadas pela falta de chuva, para suportar a fome, a miséria, a falta de luz elétrica, de esgoto, de água potável, de manejo de resíduos sólidos, enfim, a falta das condições mínimas de sobrevivência, mas posso afirmar que menos a falta de fé e a coragem de se reinventar. Assim,

A Literatura de Cordel tem em sua composição peculiaridades que só o gênero possui, e a escola precisa criar meios para que a criança possa despertar seu senso crítico, de maneira a perceber-se no mundo e é por esse motivo que existe a necessidade de intenções que instiguem a criança a querer descobrir as várias possibilidades que o gênero poético, como o Cordel, pode proporcionar, onde a mesma destaca as principais características desse gênero, fazendo com que a criança perceba os muitos preconceitos decorrentes do valor social que é atribuído aos diferentes modos de falar, trabalhando assim a variedade cultural existente em nosso país. A partir das descobertas advindas desse mergulho, a criança vai ser instigada a explorar, a problematizar, a questionar e a vivenciar o Cordel para que, dessa forma, compreenda a sua realidade e se torne assim um ser capaz de criticidade. (SILVA; DOLCI, 2020, p.304).

A Pedagogia de Cordel é pedagogia porque buscou reunir o que nunca se pensou para uma educação do sensível, por meio da ludicidade e da exploração consciente dos saberes práticos advindos da Literatura de Cordel. Mergulhar nesse mundo é como embriagar-se de metodologia poética, repleta de rima, ritmo e sonoridade. E depois, ao emergir desse mergulho, contemplar novos horizontes de possibilidades, com sons rítmicos toantes, soantes e consoantes, um mundo de histórias presente num folheto.

Em suma, a Pedagogia de Cordel é pedagogia porque buscou transformar em metodologia cada etapa da "boniteza" – usando as palavras de Freire (2005) – desse gênero literário, que compõe características tão próprias. A Pedagogia de Cordel é pedagogia porque se baseia numa teoria que busca a transformação e a valorização do ser humano, por meio de uma educação dialógica e sensível, transformadora e lúdica, emancipadora e emotiva.

A Pedagogia de Cordel é pedagogia, visto que é política, uma vez que a arte em si já é política, e fazer arte é politizar a vida com cor, com movimentos, com

sentido, com amor, com o coração e a alma, já que ela busca uma conscientização por meio da experiência, da vivência, do compartilhamento de saberes mútuos, próprios e diversos. Portanto, a Pedagogia de Cordel é um fazer docente baseado no sensível e na arte de cordelizar o ensino/aprendizagem, cordelizar a vida, porque viver já é uma poesia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa é inicialmente baseada em um desejo de uma menininha sertaneja, na época com cinco anos de idade, que cuidava da casa e de sua irmãzinha pequena, para que seus pais pudessem trabalhar na roça, a fim de sustentar a sua família.

Aquela menininha, que tinha os pés descalços e o rosto “enferrujado” pela poeira seca, cujo vento seco soprava quando a encontrei, tinha um sonho: ser professora. Aquela menininha atravessou o meu caminho e passou pela minha vida já faz algum tempo, em que eu cursava Enfermagem, em que eu era uma outra pessoa, com outras perspectivas, outros olhares, outros sonhos para realizar, os meus próprios. Foi por conta daquela menininha que desejei mudar de rumo e cursar Pedagogia, foi por ela, num primeiro instante, que resolvi ser professora. Aquela menininha me fez recordar quem eu era, de onde eu vinha; e querer descobrir qual era o meu destino e para onde eu deveria ir. Desde aquele momento, tudo o que me constituiu aflorou e as lembranças de todas as minhas vivências vieram à tona, emergindo depois de um mergulho profundo no passado.

Depois de ingressar na faculdade para cursar Pedagogia, aos poucos os professores foram descobrindo quem eu era. Primeiro, por conta de uma poesia que escrevi para a realização de um trabalho, e em seguida devido à minha participação no PIBID, no qual permaneci por quatro anos. Foi neste projeto que tive o prazer de encontrar uma professora regente “humana”, daquelas que enxergam o outro muito além do que se mostra, uma professora que gosta de trabalhar com o diferente, que gosta de descobrir outras formas de aprimorar o seu ofício, uma professora que tem a mente aberta e um coração ávido por descobertas. E realmente foi uma descoberta, pois essa professora instigava os seus alunos de tal maneira, ao ponto de fazer com que notassem o que de diferente existia em mim. E foi assim que tudo começou.



Essa turma e sua professora passaram a ser os sujeitos da minha pesquisa, suscitada por meio de um projeto realizado em sala de aula, intitulado “Linguagem e corporeidade: descobrindo as diferenças da cultura do Sul e do Nordeste”. Esse projeto foi uma oportunidade inicial para que eu começasse a trabalhar a Literatura de Cordel e toda a sua metodologia, cuja complexidade, na época, eu não entendia. Isto é, não compreendia o gênero literário como metodologia para trabalhar em sala de aula, fato que se deu nesta pesquisa.

Os anos se passaram e, em dezembro de 2017, o meu TCC, intitulado “A influência da Literatura de Cordel no desenvolvimento de habilidades nos discentes dos anos iniciais do ensino fundamental”, foi defendido, mas fiquei com aquela sensação de que eu poderia ir além, de que eu poderia pesquisar mais, descobrir de que maneira a Literatura de Cordel, esse gênero literário que me acompanha desde a minha infância, poderia vir a agregar em saberes diversos, por meio de tudo o que o constitui. Foi então que, mesmo antes de me tornar pedagoga, surgiu a oportunidade de realizar a prova de seleção para cursar Mestrado em Educação Ambiental, e, depois de todo o processo, enfim, consegui ingressar na pós-graduação. Tornei-me pedagoga em janeiro de 2018 e comecei a cursar o Mestrado em março do mesmo ano.

Em meu TCC, a abordagem acerca da Literatura de Cordel feita sobre como esse gênero literário Cordel poderia corroborar para o desenvolvimentos de habilidades nas crianças do ensino fundamental; e, ao ingressar na pós-graduação, pensei como tema para a realização da pesquisa, um projeto que abordasse as práticas pedagógicas dos professores e dos futuros pedagogos, buscando descobrir se o Cordel poderia corroborar para um ensino/aprendizagem baseado numa Educação Estético-Ambiental, como uma linguagem capaz de potencializar e auxiliar as práticas docentes desses sujeitos.

Depois de todo esse resgate, disponho sobre a minha questão de pesquisa, que orientou o presente trabalho, a saber: de que maneira a Literatura de Cordel desenvolvida no Curso de Extensão PROCORDEL potencializa as práticas docentes dos professores na perspectiva da Educação Estético-Ambiental?

Neste estudo, busquei investigar como a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental poderiam auxiliar na prática docente dos professores e futuros pedagogos, abordadas por meio do curso de formação intitulado: A Literatura de

Cordel: uma prática docente na perspectiva Estético-Ambiental, denominado de PROCORDEL. Esse curso consistiu na discussão sobre os conceitos da Literatura de Cordel e da Educação Estético-Ambiental, empregando para isso a leitura de artigos científicos para subsidiar a discussão e fomentação dos assuntos abordados, bem como as oficinas para que, através da ação salientasse a importância de ambas na prática docente. Sendo assim, pensei em como a Literatura de Cordel e a Educação Estético-Ambiental poderiam corroborar com o ensino e a aprendizagem dos professores e dos(das) futuros(as) pedagogos(as) da formação. O intuito era compreender se a metodologia aplicada poderia auxiliar na prática docente dos sujeitos participantes do curso, sendo uma potente linguagem, corroborando com o trabalho em sala de aula. Com isto, elenco os objetivos delineados e alcançados na pesquisa. O objetivo geral consistiu em compreender se a Literatura de Cordel, em uma perspectiva da Educação Estético-Ambiental, pode auxiliar nas práticas pedagógicas dos professores, como uma linguagem possível para uma educação transformadora. Os objetivos específicos são: 1) Apresentar a Literatura de Cordel para os(as) professores(as) e futuros(as) pedagogos(as), por meio de oficinas, abordando a teoria e a prática; 2) Empregar a Literatura de Cordel como uma possibilidade para debater temas relacionados a Educação Estético-Ambiental; 3) Identificar se os professores se sentem à vontade para trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em suas salas de aula; e 4) Analisar e refletir a Educação Estético-Ambiental nas práticas docentes potencializadas pela Literatura de Cordel, com o intuito de averiguar a importância da formação de professores proposta pelo Curso de Extensão PROCORDEL.

A investigação aqui apresentada foi desenvolvida em duas fases de coleta de dados. A primeira consistiu na escrita nos portfólios dos participantes, com narrativas após cada teoria e após cada oficina ministrada; e a segunda corresponde à entrevista com os participantes pós formação, que levaram o Cordel para as suas salas de aula. Os sujeitos desta pesquisa, para a primeira fase, são os sete que escreveram e entregaram os portfólios; e, para a segunda fase, apenas três professores que desenvolveram o trabalho com o Cordel nas escolas.

O método de análise escolhido foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2000; FRANCO, 2007), com o qual percorri as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados, realizando uma análise comparativa desses dados, a fim de

categorizá-los, relacionando-os aos objetivos do presente estudo. Com a referida análise dos dados, emergiram duas categorias, a saber: As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula; e Educação Estético-Ambiental: por uma Pedagogia de Cordel. Sendo assim, retomarei as unidades de análise, com os respectivos resultados encontrados neste estudo.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o Cordel e a Educação Estético-Ambiental poderiam contribuir na prática pedagógica dos participantes da formação, permitindo aos mesmos incorporar o gênero literário em suas salas de aula. Diante disso, elenco a primeira categoria encontrada: “As possibilidades de trabalhar com a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula”, em que os(as) participantes, através de suas falas, evidenciam o quanto a Literatura de Cordel e o Estético-Ambiental contribuíram para que os mesmos descobrissem as possibilidades desse gênero literário, não só para a suas salas de aula, bem como para as suas vidas, agregando um sentido estético às suas maneiras de ser e de professor.

A experiência com o Cordel possibilitou aos participantes aprendizagens significativas, resgatando memórias, atualizando e expandindo conhecimentos, construindo valores, ampliando os horizontes, as suas visões de mundo e descobrindo outras formas de enxergar o mundo, o outro e a si mesmo. Nesta categoria, reconheci o quanto houveram mudanças nos participantes, com relação ao Cordel e a Educação Estético-Ambiental, em suas maneiras de se posicionar perante cada oficina e cada teoria abordada. Um novo olhar floresceu. As pessoas de antes e de depois da formação não são as mesmas, e me incluo nessa mudança, porque aprendemos no convívio com o outro e em cada aprendizagem mudanças ocorrem.

E essas mudanças transformaram esses sujeitos em seres humanos capazes de se sensibilizar com algo que não faz parte de seu cotidiano, capazes de ver nesse aprendizado maneiras de inovar o seu modo de ser professor(a), capazes de problematizar certas questões de uma forma mais ampla. Isso se deu porque esses sujeitos tiveram uma experiência Estético-Ambiental, por meio de uma formação, a qual lhes tocou, lhes instigou, os fez ir além e olhar mais longe, adquirindo um conhecimento acerca do Cordel, vislumbrando as possibilidades existentes nesse novo conhecer.

O trabalho acerca do Cordel e do Estético-Ambiental oportunizou aos participantes mergulhar num mundo que não era o deles, numa cultura tão diferente da cultura deles e tão desconhecida pelos mesmos, mas que teve um impacto tanto pessoal como profissional na vida de cada um(uma) deles(as), com experiências vividas e significadas, capazes de indicar caminhos para um ser/fazer docente com ludicidade, sem perder o seu poder de criticidade, usando o gênero literário como uma linguagem capaz de movimentar o cotidiano escolar, auxiliando o ensino/aprendizagem aqui na região Sul. O Cordel suscitou, também, um outro olhar para a cultura Nordestina, um outro olhar para aquele povo que, apesar das diversidades, está sempre em busca do seu lugar no mundo, construindo seus cordéis, narrando por vezes as suas próprias histórias. Os participantes absorveram cada aprendizado, pensando em como essas características poderiam auxiliar no seu fazer docente, em sua sala de aula, como meio de problematizar questões socioambientais, socioculturais e socioeconômicas, perante as disparidades encontradas em algumas regiões do Brasil, suscitadas por meio dos cordéis que lhes foram apresentados nas oficinas.

A experiência com o Cordel possibilitou uma conexão entre os participantes da formação e um mundo à parte, compreendendo que o gênero literário, bem como o conceito de Educação Estético-Ambiental, tem uma importância significativa quando se trata da educação contemporânea, já que os professores estão sendo desafiados o tempo todo pelas especificidades, em que vivências diversas são encontradas em sala de aula; e pelos mesmos terem que ampliar os seus conhecimentos para contribuir com a aprendizagem desses sujeitos, de forma igualitária sem perder a qualidade do ensino. O Cordel e o Estético-Ambiental surgem para dialogar, para problematizar, para surpreender, para emocionar, para tornar o ensino e a aprendizagem horizontal, ampliando a visão de mundo dos educadores e dos educandos.

Um fato muito interessante que surgiu nas análises foi que os(as) participantes, apesar de desconhecerem o gênero literário, sempre tiveram vontade de trabalhar em suas salas de aula. Essa formação permitiu uma aproximação do Sul com o Nordeste, compartilhando esse conhecimento tão peculiar com eles(as), tornando essa metodologia acessível e aplicável, para que pudessem agregar em suas práticas

docentes, ao qual os cursistas citam as oficinas, dispostas em construção de Cordel, confecção de xilogravura, construção de folhetos de Cordel e o Sarau.

Essas oficinas ministradas proporcionaram aos participantes pensar nas possibilidades de levar esses conhecimentos para as suas salas de aula. A metodologia utilizada para a realização das mesmas suscitou esse desejo pelo fácil entendimento, em que procurei realizar cada oficina de uma maneira que pudesse tornar o conhecimento acessível. Para que isso acontecesse, foi pensada uma metodologia que ajudasse os(as) participantes a compreender o Cordel e tudo o que o constitui. Desde a primeira oficina foi percebido o interesse dos participantes em levar a metodologia de Cordel para as suas salas de aula, pelo fato de conseguirem entender todo o procedimento, mesmo contendo algumas regras específicas. Apesar de a metodologia ter os(as) assustado um pouco, está presente em suas falas a vontade de trabalhar o Cordel em suas salas de aula. O encantamento pelo novo conhecimento adquirido foi tamanho que se estendeu até suas produções, em que eles se esforçaram bastante para construir seus próprios cordéis e o Cordel coletivo, pois um dos participantes, respondeu ao meu convite para ser sujeito da pesquisa, surpreendendo-me ao me enviar como resposta um Cordel escrito por ele, ao dizer:

*Do cordel o convite aceito/ e agradeço ser lembrado/ para tudo tem um jeito/  
e nisso me sinto honrado / da pesquisa ser sujeito/ ao ser entrevistado / ao  
convite que foi feito / fica as oito e meia marcado / no "Convivência", sexta,  
aceito/ receba um abraço apertado. (LAMPIÃO).*

Foi nesse momento que percebi o quanto a formação por meio do Cordel tinha tocado e modificado os participantes. Notei uma parceria muito significativa entre eles(as), tanto na construção individual quanto na construção coletiva dos cordéis, em que os mesmos procuravam compartilhar os conhecimentos adquiridos, ouvindo e sanando como podiam as dúvidas dos colegas e elucidando as suas próprias, procurando resolver coletivamente as questões que surgiam acerca do conhecimento. Com isso, foi constatado nas verbalizações que todos eles pretendem trabalhar com o Cordel em suas salas de aula e que os professores que participaram da segunda fase desta pesquisa trabalharam com o Cordel em suas práticas pedagógicas, construindo saberes com seus educandos.

Neste estudo, foi descoberto não só as possibilidades de trabalhar com o Cordel e o Estético-Ambiental em sala de aula, mas também a maneira de ser e agir

dos participantes, perpassando durante todo o processo o diálogo, a parceria, a empatia, a vontade de ajudar o outro, de se colocar no lugar do outro, de enxergar com o outro as diferentes maneiras de ser do ser humano, transformando-se em seres humanos melhores.

Quanto à segunda categoria, “Educação Estético-Ambiental: por uma Pedagogia de Cordel, esta surgiu pelo fato dos participantes, que desenvolveram a metodologia de Cordel em suas salas de aula, verbalizarem o quanto foi significativa, agregando saberes diversos para os seus alunos, tornando-os construtores de Cordel, momento em que os mesmos narraram as suas próprias histórias, sendo sujeitos protagonistas das mesmas. Foi por meio da metodologia aplicada nas oficinas que surgiu a Pedagogia de Cordel. Nesse aspecto, a Pedagogia de Cordel permitiu a experiência, a vivência e a prática acerca de tudo o que constitui o Cordel de maneira Estético-Ambiental, possibilitando uma apropriação dos participantes, de modo que os mesmos pudessem aplicar essa metodologia em seu fazer docente.

Segundo os(as) participantes, ao agregarem a metodologia a sua prática em sala de aula foi acrescido uma dose de ludicidade em seu professor, ou seja, a presença da Educação Estético-Ambiental em suas práticas. Desse modo, evidencio o quanto a metodologia de Cordel transformou cada participante, suscitando neles o desejo de também transformar os seus alunos, dando-lhes asas para voar, permitindo-lhes se expressarem por meio de suas falas e, assim, aprender no coletivo, no diálogo, tornando-se protagonistas de seu próprio conhecimento, pois, ao buscá-lo de maneira autônoma, se reconhecem.

A Pedagogia de Cordel contribuiu para que os participantes adquirissem experiência por meio do Cordel, para que os mesmos tivessem uma vivência e fizessem dela pilar, para pôr em prática uma educação baseada na sensibilidade, despertada por meio das histórias de Cordel, das rimas, da sonoridade e oralidade tão marcantes que falam do cotidiano do nordestino, das quais instigam o conhecimento, despertam para o outro, para o mundo.

Desse modo, a Educação Estético-Ambiental e o Cordel, oportunizados por meio das oficinas, foram compreendidas pelos(as) participantes, através do trabalho coletivo, da sensibilização acerca das histórias narradas nos cordéis, do diálogo quando eles discutiam os pontos da construção do Cordel coletivo, na realização da xilogravura, na construção dos folhetos de Cordel e do Sarau, em que os mesmos

declamaram as suas produções, tão íntimas, tão significativas para eles. Essa pesquisa me fez refletir sobre o meu trabalho com o Cordel, em que percebo que preciso seguir adiante, pesquisar sobre o Cordel e o quanto ele pode agregar à educação, pois a Literatura de Cordel é o que me constitui, é o que me move como ser humano, como pesquisadora e como docente, ao desejar contribuir para uma educação baseada no sentido e nas sensações, nas relações humanas, problematizar questões socioambientais e contribuir para uma educação crítica e transformadora.

Sendo assim, concluo que esta pesquisa teve sua questão de pesquisa elucidada e seus objetivos alcançados, tornando a Literatura e a Educação Estético-Ambiental uma possibilidade para auxiliar o ensino e o aprendizado nas escolas, tornando-os presentes nas práticas docentes dos participantes. A cada oficina os(as) participantes externavam a importância da formação de professores proposta, pautada no gênero literário e numa educação voltada para o sensível, levando essa possibilidade de prática de ensino para as suas salas de aula.

## REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro; SOUZA, Renata Junqueira de; GARCIA, Yara Maria Rocha. Lendo e Brincando com sextilhas e outros versos. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ARRAES, Guel. **O alto da compadecida**, 2000. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filme/oautodacompadecida>. Acesso em 06 de maio de 2019.

ARAÚJO, Maria Cristina Pansera de. A educação ambiental e a formação da consciência dos sujeitos. In ZAKRZEVSKI, Sônia Balvedi; BARCELOS, Valdo (Organizadores). **Educação Ambiental e Compromisso Social: Pensamentos e ações**. Erechim, RS: EdiFAPES, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. BDTD.

BDTD. **Portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: [www.bdtb.ibict.br](http://www.bdtb.ibict.br). Acesso em abril de 2019.

CAPES. **Portal de Periódicos da Capes**. Disponível em: [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br). Acesso em abril de 2019.

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. In: **Cadernos de Educação**, Pelotas [45] 57 – 67, maio/agosto 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/caduc.v0i45>.

DICIONÁRIO. [www.dicio.com.br/sentidos](http://www.dicio.com.br/sentidos). Disponível em: [www.dicio.com.br/significados](http://www.dicio.com.br/significados). Acesso em 30 de julho de 2020.

DOLCI, Luciana Netto; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-Ambiental na produção científica de dissertações e teses no Brasil. In: **Revista Ambiente & Educação**. Revista de Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, v. 20, n.2, p. 65-80, 2015. ISSN- 1413-8638. E-ISSN-2238-5533.

DOLCI, Luciana Netto; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-Ambiental: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil. In: **Revista Ibero-Americana**



**de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 785-806, abr./jun., 2018. EISSN: 19825587. DOI: 10.21723/riaee.

DUARTE JR., João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 4ª edição. 2006. Criar edições, Curitiba, PR.

ESTÉVEZ, Pablo René. **A alternativa estética na educação**. Traduzido por João Reguffe. - Rio Grande: Ed. Da FURG, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº79, agosto de 2002.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed. 42ª. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização Ana Maria Araújo Freire. – 2ª ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

HOLANDA, Arlene. **O fantástico mundo do cordel**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 1, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2012a.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012b.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende, (orgs.). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

MARX, Karl. A Questão Judaica. In: \_\_\_\_\_ **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MATOS, Edilene. Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética. In: **Habitus**, Goiânia, v. 5, n. 1, 149-167, jan-jun. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTEIRO, Roberta Alves. LITERATURA DE CORDEL: POR QUE E PARA QUE TRABALHAR EM SALA DE AULA. IN: **Revista Fórum Identidades**. Ano II, v. 04, n. 04, jul. – dez. 2008.

PEREIRA, Vilmar Alves. **ECOLOGIA COSMOCENA**: uma perspectiva ontológica para Educação Ambiental, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais. ANPED, Curitiba, PR, 2016a.

PEREIRA, Vilmar Alves. **Ecologia Cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. 1ª ed. – Juiz de Fora, MG: Garcia edizioni, 2016b.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente** / textos de Edson Nascimento Campos ... [et. al.]; Selma Garrido Pimenta (organização) – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2008. – Saberes da docência.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. – 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção docência em formação – Série saberes pedagógicos)

SENNÁ, Costa – **Cordéis que educam e transformam**. Ilustrações de Erivaldo. São Paulo: Global, 2012.

SILVA, Josineide Ribeiro da; DOLCI, Luciana Netto. Educação Estético-Ambiental e o despertar da criticidade através do cordel. In: SANTOS, A. B. et al. **Pesquisa e Sociedade**: desafios e possibilidades. Pelotas: BasiBooks, 2020, p. 302-311.

SILVA, Josineide Ribeiro da; DOLCI, Luciana Netto; Rezende, Pauline Apolinário Czarneski. A Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental: o desenvolvimento da leitura, da escrita e da criticidade nos discentes dos anos iniciais. In: **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Ed. Especial EDEA, n. 2, p. 4-18, 2019. E-ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/issue/view/653/showToc>. Acesso em abril de 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOSTKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Cordéis para a oficina**Cordel: Ser professor

Para se trilhar um caminho  
É preciso uma escolha fazer  
Saber dar o rumo certo  
Para um novo futuro florescer.

Inventar para si uma história  
E ser dela o autor principal  
Tornar real um desejo  
De erradicar com todo o mal.

Bater na porta certa  
É sempre uma opção  
Procurar por bons sujeitos  
Que possam lhe dar a mão.

Iniciar um bom trabalho  
Fazendo dele mais que um ganha pão  
É sinal certo de progresso  
Para um país que está no chão.

Docência não é um dom  
Muito menos afeição  
É um ideal de ser humano  
Que acredita na mudança  
Através da educação.

Ser professor é para aquele  
Que acredita no cidadão  
E luta pela igualdade  
Plena de toda uma Nação.  
É aquele que acorda cedo

E que ergue com seu sangue esse país  
Que chora e clama por justiça  
Carregando em suas mãos  
Apenas um pedaço de giz.

### **Josineide Silva**

#### Cordel: A menina que sonhava professora ser

Prestem bem atenção  
Pois uma história vou contar  
Era uma vez uma menina  
Que sonhava estudar  
Crescer e ser professora  
E conhecimento a todo canto levar.

Ela vivia no Nordeste  
Onde a seca teima em castigar  
Mas em meio a tanta pobreza  
Nunca deixou seu sonho  
Morrer ou se acabar Como as folhas das árvores  
Que o sol quente faz secar.

Ela gostava de cordel  
Vivia sempre a declamar  
Aprendeu a ler com sua mãe  
E na escola sonhava entrar  
Pensava com ela mesma  
Esse sonho vou realizar.

A escola é elo importante  
Para nesse mundo viver  
O letrado ainda existe  
Mas o melhor é aprender  
Se encontrar na sociedade

E nela com dignidade permanecer.

### **Josineide Silva**

#### Cordel: Planeta Terra, nosso lar

Andam dizendo por aí  
Que o mundo vai acabar  
Pode até ser verdade  
Mas temos como evitar  
Basta cuidar da natureza  
Zelar por essa Terra  
Que sempre foi o nosso lar.

E agora refletindo  
Posso afirmar com certeza  
A culpa é dos humanos  
Por seu orgulho e avareza  
Estão destruindo o meio ambiente  
Sem ao menos se dar conta  
Isso digo com firmeza.

Poluem o ar que respiramos  
Com a pesada e suja fumaça  
Espalhando o cheiro tóxico  
Que da fábrica exala  
Jogando lixo nos rios,  
Queimando nossas florestas  
Contaminando nossa água

Tudo isso por ganância  
Cometem tal atrocidade

Não pensam na consequência  
Só no dinheiro, na vaidade  
Dormem um sono tranquilo  
Sem se preocupar com os bichos  
Muito menos com a sociedade.

Vivemos num mundo que é nosso  
Temos que juntos preservar  
Ajudar a mãe natureza  
De vez se recuperar  
Fazendo projeto que funcione  
Indo à ONU apresentar  
A solução certa para o  
Planeta se recuperar.

O Planeta Terra era tão lindo  
E a Natureza sempre a reinar  
Foi só o homem aparecer  
Para tudo adoecer, estragar  
Em nome do capital  
Poluir, cortar, queimar  
Tudo que existe em nosso lar.

Tomara que nunca chegue o dia  
Onde nada mais possa existir  
Nem ao menos uma solitária árvore  
Para o oxigênio produzir  
E homem tardiamente se dê conta  
Do quanto ainda era preciso evoluir!

**Josineide Silva**



## APÊNDICE B – Plano de ação PROCORDEL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
A LITERATURA DE CORDEL: UMA PRÁTICA  
DOCENTE NA PERSPECTIVA  
ESTÉTICO-AMBIENTAL



### PLANO DE AÇÃO

Em grupos de dois integrantes ou individualmente, elaborem um plano de ação com foco em uma das duas temáticas abaixo:

1. A Literatura de Cordel na Formação de Educadores Estético-Ambientais.
2. A Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental em Contexto Escolar.

Na sequência apresentamos alguns aspectos que podem auxiliar na organização desse plano de ação.

Título:

Proponentes (integrantes do grupo):

Parcerias:

Público Alvo:

Local:

Duração/Cronograma:

Objetivo:

Ações/Estratégias:

Divulgação:

Recursos:

Resultados Esperados:

Avaliação:

Referências:

As referências dialogadas no Curso de Aperfeiçoamento da Prática Docente acerca da Literatura de Cordel devem ser consideradas no exercício de reflexão e de elaboração do exercício proposto.

**APÊNDICE C – Ficha de identificação**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PPGEA  
PROCORDEL

1) Por que tu escolheste ser professor(a)?

---

---

---

2) Relata sobre a tua experiência no início da docência e nos dias atuais:

---

---

---

---

---

3) Na tua sala de aula, quais os gêneros textuais trabalhas?

---

---

4) Quais são as temáticas recorrentes na sala de aula?

---

---

5) Explica tua metodologia de trabalho, as estratégias e os recursos utilizados na sala de aula com os teus alunos e alunas.

---

---

---

6) Quais as linguagens que tu trabalhas em sala de aula, por exemplo: linguagem teatral, linguagem cinematográfica, linguagem literária, linguagem musical etc?

---

---

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento

Prezado (a) participante,

Sou estudante do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande e estou realizando uma pesquisa sob a orientação da Professora Luciana Netto Dolci, cujo objetivo é compreender o movimento dos professores e das professoras por meio de suas práticas pedagógicas acerca da Literatura de Cordel quanto à presença da Educação Estético-Ambiental.

A sua participação envolve uma entrevista, com a duração aproximada de 8 encontros. Essa participação neste estudo é voluntária. Se você decidir não participar ou quiser desistir de participar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Os resultados deste estudo poderão eventualmente ser publicados, mas seu nome não aparecerá e será mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-la. Apesar de que você não terá benefícios diretos em decorrência de sua participação, o provável benefício que lhe advirá por ter tomado parte nesta pesquisa é a consciência de ter contribuído para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Se você tiver qualquer pergunta em relação à pesquisa, por favor, telefone para mim. O número do meu telefone é: (53) 999263909

Atenciosamente, \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Josineide Ribeiro da Silva

Consinto em participar deste estudo.

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura

**APÊNDICE E: Cronograma**

DATA	OFICINA	TEMÁTICA	OBJETIVO	AVALIAÇÃO DA OFICINA
06/10/2018	Primeira	Teoria sobre Literatura de Cordel	- Conhecer a história da Literatura de Cordel; - Aprender a teoria sobre a Literatura de Cordel; - Compreender a importância da Literatura de Cordel na prática docente.	
13/10/2018	Segunda	Oficina de Construção do Cordel	- Construir um Cordel.	
20/10/2018	Terceira	Oficina de Xilogravura	- Construir a xilogravura para compor o cordel.	
27/10/2018	Quarta	Teoria sobre Educação Estético-Ambiental	- Conhecer a teoria sobre Educação Estético-Ambiental; - Identificar a Educação Estético-Ambiental na prática docente.	
17/11/2018	Quinta	Oficina Estética	- Vivenciar os exercícios estéticos; - Compreender a importância da educação estética na sala de aula.	
24/11/2018	Sexta	Oficina de Sarau	- Vivenciar o sarau na sala de aula.	
01/12/2018	Sétima	Construção do Projeto ou Plano de Ação para trabalhar com Literatura de Cordel na sala de aula	- Construir o projeto ou plano de ação para trabalhar com a Literatura de Cordel na sala de aula; - Viabilizar este projeto na sua sala de aula.	
08/12/2018	Oitava	Apresentação dos Projetos ou Planos de Ação	- Socializar os projetos, a fim de aprimorá-los em alguns pontos, para serem desenvolvido no ambiente escolar.	

**ANEXOS**

## ANEXO A – Livro sobre a história do Cordel





# o fantástico mundo do CORDEL

Texto e Ilustrações  
Arlene Holanda



NOVALEXANDRIA

São Paulo - 2011



Copyright © 2011 Arlene Holanda  
Em conformidade com a nova ortografia.

Todos os direitos reservados.  
Editora Nova Alexandria  
Avenida Dom Pedro I, 840  
01552-000 São Paulo SP  
Fone/fax: (11) 2215-6252  
E-mail: novaalexandria@novaalexandria.com.br  
Site: www.novaalexandria.com.br

Editor: Marco Haurélio  
Revisão: Juliana Messias  
Capa: Viviane Santos sobre ilustração de Arlene Holanda  
Editoração eletrônica: Viviane Santos sobre projeto gráfico de Arlene Holanda

DADOS PARA CATALOGAÇÃO (CIP)

Holanda, Arlene  
O fantástico mundo do cordel / Arlene Holanda [texto e  
ilustrações]

- São Paulo : Nova Alexandria, 2011.  
32p. Il.

-(Volta e meia)

ISBN 978-85-7492-307-9

1. Literatura infantil e juvenil brasileira. I. Título. II. Autor.  
III. Ilustrador.

CDD: 869.8B



## **ANEXO B – Plano de ação elaborado pelas cursistas**

Universidade Federal do Rio Grande – FURG Instituto de Educação – IE  
A Literatura de Cordel: uma prática docente na perspectiva Estético-Ambiental  
Acadêmicas – Dona Flor e Doralice

### **PLANO DE AÇÃO**

Título: Possibilitando novos olhares através da Literatura de Cordel na perspectiva da Educação Estético-Ambiental na educação de Jovens e Adultos.

Proponentes: Dona Flor e Doralice

Parcerias: Direção da escola e professores da EJA.

Público Alvo: Aluno da primeira etapa da EJA

Local: Escola Municipal Cora Coralina

Duração/Cronograma: Três meses

Objetivos:

Objetivo Geral: compreender e reconhecer a função social do gênero textual Cordel, bem como suas características básicas através de prática de leitura, produção e análise linguística, reconhecendo a sua importância na cultura popular.

Objetivos Específicos:

- Apresentar a importância da Literatura de Cordel enquanto patrimônio histórico e cultural de um povo;
- Utilizar a Literatura de Cordel como recurso pedagógico para desenvolver a Educação Estético-Ambiental;
- Organizar o Sarau;
- Criar coletivamente um Cordel e declamar para as outras turmas da escola e comunidade;
- Produzir um folheto ilustrado;

- Entender o contexto de produção próprio da Literatura de Cordel e reconhecer em exemplares do gênero a estrutura básica de uma composição poética;
- Compreender os recursos linguísticos utilizados em cordéis do gênero, em especial, a rima.

#### Ações e estratégias:

Para desenvolver os objetivos e metodologia empregada, seguiremos a linha de ação abaixo:

##### 1º Etapa: Apresentação histórica da Literatura de Cordel.

O professor regente de cada turma deverá fazer uma explicação da história do surgimento e principais características da Literatura de Cordel, assim como fazer um painel com vários cordéis, com variados escritores, que ficará exposto na sala.

##### 2º Etapa: Construção do Cordel individual.

Apresentar para a turma cordéis que retratam a luta e o trabalho do povo nordestino e, a partir disso, criar debates para que os educandos possam interagir, sendo possível conhecer e se reconhecer na realidade do outro. Dessa forma, se trabalhará a diversidade cultural, buscando desenvolver nos alunos uma perspectiva ambiental e estética, como a sensibilidade de olhar e se perceber parte daquele mundo, ampliando a sua visão, sem ficar engessado em uma só disciplina do currículo ou um conteúdo.

A partir das leituras e dos diálogos, faremos uma chuva de tempestade, com palavras que sejam significativas para eles e, a partir disso, cada um irá construir o seu Cordel sobre suas vivências. Após, sem colocar os nomes, esses cordéis serão colocados em uma caixa e serão sorteados entre os alunos, com o cuidado para que ninguém tire seu próprio Cordel.

Além disso, será proposta uma roda de leitura de cordéis, em que todos poderão escutar sua história sendo contada por outra pessoa. Com essa atividade, buscamos fazer com que se sintam tocados, com que possam viver e desenvolver-se frente às suas relações, para que eles possam conscientizar-se do que está acontecendo ao seu redor, ampliando o seu olhar para o outro, ter empatia. Durante

a atividade, vamos dialogando e questionando se eles sabem de quem é o Cordel que leram, fazendo com que cada um conheça um pouco das vivências do outro.

### 3º Etapa: Construção do Cordel coletivo

Cada turma terá que fazer um Cordel em sala de aula, com o auxílio do professor. Após a construção do Cordel, eles deverão pensar em uma forma teatral para declamar o Cordel de no máximo 10 minutos. Pode ser declamando, lendo ou dramatizando.

### 4º Etapa: Criação do folheto

Paralelamente com a construção do Cordel, os educandos deverão criar um livreto com seus cordéis individuais e coletivos, narrando as histórias em suas criações. Esse também deve ter fotos dos alunos trabalhando no projeto e relatos individuais, contando a sua experiência nas atividades. Para capa do livreto (ou folheto) de Cordel, os educandos deverão confeccionar a xilogravura de acordo com as vivências que estão no folheto.

### 5º Etapa: Sarau

Será organizado pelos alunos um Sarau, em que cada turma apresentará o seu Cordel. Desse modo, deverão fazer uma exposição do Livro de Cordel, e como ele foi construído. Também deverão expor os cordéis com que a turma mais se identificou, os cordelistas que foram mais significativos para eles.

**Divulgação:** a divulgação será realizada na escola e na comunidade do entorno, pois a comunidade poderá fazer parte do projeto e o momento do Sarau será aberto para todos.

**Recursos:** cordéis, folhas A4, lápis EVA, tinta e carimbo, papel à metro.

**Resultados esperados:** autorreflexão sobre sua importância e o reflexo de suas ações no ambiente em que vive. Respeito e sensibilidade com o próximo e conhecimento sobre a história e a construção de cordéis.

**ANEXO C – Cordel Coletivo**

Cordeliteratura<sup>14</sup>, um desvelar de almas

Quando se deixa de lado

O cansaço próprio do verão

Nos dedicamos ao aprendizado

Do cordel, à produção

A professora nos ensina

Do verso à construção.

E é tanto encantamento

Que nos contagia o coração

Despertando o encanto

Fantasia e gratidão

Aproveitando o tempo

De cada estação.

Misturando culturas

Fatos, fantasias e mel

Relembrando nossos afetos

Gravados no papel

Xilogravando na madeira a Literatura de Cordel.

Em meio à turbulência

Que encontramos no caminho

---

<sup>14</sup> Uma palavra criada na oficina de construção de Cordel, especialmente para este Cordel, constituída por aglutinação cordeliteratura (literatura de coração), que identifica o grupo em sua totalidade.

Os atrasos que existem  
Deslizam quase sozinhos  
Nas ruas dos nossos sonhos  
Pensados com carinho.

É na rima que usamos  
Todo nosso sentimento  
Escolhendo com paciência  
Articulando conhecimento  
Constituindo no nosso grupo Relações de pertencimento.

**ANEXO D – Imagens da oficina de xilogravura na EJA**





